

Brincar de ser gay?

Juventude, sexualidade e
família na capital da Bahia.

Dissertação de Mestrado
Caio Felipe Campos Cerqueira

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Caio Felipe Campos



Cerqueira

“Brincar de ser gay?”
Juventude, sexualidade e família na capital da Bahia.

**Salvador
2015**



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Caio Felipe Campos Cerqueira

“Brincar de ser gay?”
Juventude, sexualidade e família na capital da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Elena Calvo-Gonzalez (orientadora)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

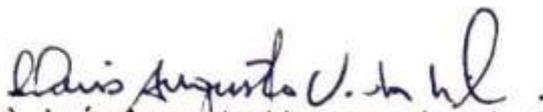
Salvador
2015

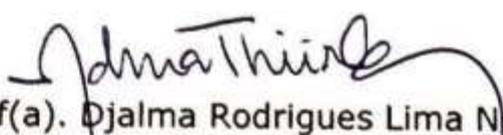
CAIO FELIPE CAMPOS CERQUEIRA

**"BRINCAR DE SER GAY?" JUVENTUDE, SEXUALIDADE E
FAMÍLIA NA CAPITAL DA BAHIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais e, aprovada em vinte de maio de dois mil e quinze, pela Comissão formada pelos professores:


Prof(a). Marcio Rodrigo Vale Caetano (FURG)
Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense


Prof(a). Luis Augusto Vasconcelos da Silva (UFBA)
Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia


Prof(a). Djalma Rodrigues Lima Neto (UFBA)
Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense


Prof(a). Elena Calvo Gonzalez (UFBA)
Doutora em Antropologia Social pela University of Manchester

C416 Cerqueira, Caio Felipe Campos
“Brincar de ser gay?” : juventude, sexualidade e família na capital da Bahia /
Caio Felipe Campos Cerqueira. – 2015.
116 f.: il.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Elena Calvo-Gonzalez
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

1. Juventude - Sexualidade - Brasil. 2. Adolescentes. 3. Festas. 4. Identidade.
5. Família – Salvador (BA). I. Calvo-Gonzalez, Elena. II. Universidade
Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 306.76

Agradecimentos

Meus agradecimentos especiais vão a duas pessoas: Murilo Arruda e Elena Calvo-Gonzalez. A Murilo agradeço por me fazer acreditar e ter me acompanhado por um bom tempo nessa jornada, além, é claro, de me apresentar a Elena Calvo-Gonzalez, a quem agradeço pela oportunidade e pelo modo de conduzir não só a orientação deste trabalho. Vocês foram fundamentais.

Agradeço também a minha família, pela vida e por também sonharem do meu sonho. Às minhas amigas/companheiras desde a Graduação em Ciências Sociais. Citar nomes é bastante interessante: Girlane, Iracema, Jamile e Jaqueline, meu muito obrigado. Aos colegas e às colegas de turma de mestrado, em especial a Natália Figueroa, com a qual compartilhei, por vários meses, de angústias e muitas alegrias. E a Alan Rangel, pelas boas trocas *online*. Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais em nome de Dora, alguém bastante especial, que sempre me tratou muito bem, é solícita e legal. Ao professor Clovis Zimmernann, pela simplicidade, pelo fácil acesso e pelas oportunidades. Aos professores que me ajudaram nessa jornada. Ao grupo de pesquisa ECSAS pelos aprendizados intensos. Ao polêmico e divertido grupo Cultura e Sexualidade (CUS), onde iniciei meus estudos sobre sexualidade e pude aprender muito. Ao professor Leandro Colling e a Djalma Thürler. À galera diversificada do PopTrans, projeto que me rendeu boas oportunidades. Inês Dourado e Luis Augusto Vasconcelos, eu gosto demais de vocês e aprendo todo dia com nossas polêmicas etnoepidemiológicas. À Vilma do Departamento de Ciências Sociais. Ao pessoal da copiadora de Del. Tati, sempre carinhosa comigo. À Marlene da lanchonete que me servia de café e bons papos. Ao departamento de Sociologia pela oportunidade em ser professor substituto por dois anos. Ao CNPq pela bolsa de estudos. Aos meus interlocutores e interlocutoras de pesquisa. À Fernando (Âncora do Marujo), João Figuer, Marina Garlen e Marcelo Brito. À Rafael Mota que me acompanhou em diversas idas ao campo. Mas também a outros amigos que torceram e estiveram diversas vezes comigo nas madrugadas de festas *teens*. Otacílio Neto, crítico e fiel atencioso, muito obrigado. À Juliana Oliveira e Valdek Costa pelo apoio na reta final. À Thais Motta pelo trabalho gráfico maravilhoso. E a Victor Porfirio, que pegou o bonde andando e tanto me acalmou no tortuoso trilhar. Obrigado.

Obrigado a todo mundo que torceu. Um *salve* à todxs nós. Obrigado.

***“A verdade reside no
desvelamento do que já
está aí”***
(Maffesoli sobre Heidegger)

Resumo

Esta é uma dissertação sobre práticas de jovens adolescentes não-heterossexuais da cidade de Salvador e suas relações familiares e com espaços públicos e privados. O objetivo central foi o de compreender as características da sociabilidade de adolescentes frequentadores/as de festas em boates gays de Salvador – Bahia nos últimos dois anos, com o foco em suas relações no contexto familiar. A partir da realização de uma pesquisa de campo multi-situada, incluindo locais tais como festas e espaços de sociabilidade da noite, espaços domésticos e familiares, dentre outros, constatou-se que as relações familiares na contemporaneidade tem ganhado certa flexibilidade, reestruturadas pelas novas possibilidades de se vivenciar a homossexualidade. Além disso, percebeu-se que essa mesma atmosfera de liberdade – e possibilidades -, reflete a negação de uma identidade gay/lésbica na trajetória de vida dos/as sujeitos/as da pesquisa. Os questionamentos apresentados neste material ganham dimensões ampliadas ao nos permitirem pensar a atualidade da sexualidade no Brasil.

Palavras-chave: sexualidade; adolescentes; política; família; identidade; Salvador

Abstract

This is a dissertation about behavior of young adolescent non-heterosexuals of Salvador city and their relations with familiar, public and private spaces. Based on the main transformations occurred in Brazil, since 70's decade, related to homosexuality and their relations with generation, family, scholar context and identity. The research central aim was to understand the characteristic of the adolescents' sociability, goes of parties and gay nightclubs of Salvador – Bahia in the last two years, focusing in their relations in the familiar context and in the school. The young selected for this research were chosen starting by degrees of affinities and dialog with the specific objectives of this research project that gather a multi situated context of the researcher action, such as parties and other spaces of interaction between researcher and interlocutors, valorizing the ethnographic method and the study of case. This research allowed perceiving that the familiar relations have gained nowadays a kind of flexibility, restructured by the new possibilities of experience homosexuality. Besides, it perceives that the same atmosphere of liberty – and possibilities - reflects the denial of the gay/lesbian identity in the life's trajectory of the subjects in this research. The questions presented in this material give us extended dimensions to allow us to think today's sexuality in Brazil.

Keywords: sexuality; teens; policy; family; identify; Salvador

Sumário

Introdução	8
Trajetória	Erro! Indicador não definido.
Sexualidades no Brasil: passado e presente	Erro! Indicador não definido.
Eixos analíticos	Erro! Indicador não definido.
Por onde andei: caminhos metodológicos	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 1: “A vida até parece uma festa”	Erro! Indicador não definido.
1.1 Amsterdam Pop Club: agregadora de festas <i>teens</i>	Erro! Indicador não definido.
1.1.1 Hoje é dia de Brinks!	Erro! Indicador não definido.
1.1.2 Like It: imitar a brincadeira	Erro! Indicador não definido.
1.1.3 Festas temáticas: roupas, fantasias, alegorias	Erro! Indicador não definido.
1.1.4 Permissões não-legais: o álcool e o documento de identidade	Erro! Indicador não definido.
1.1.5 “Meu pai vem me buscar às 21h30...”	Erro! Indicador não definido.
1.1.6 “Jeitos de corpo”, diferença de classe e gênero	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 2: Família: paisagens reconfiguradas pela fecheação?	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 3: Sobre pós-gay ou “uma juventude que dá o cu e não se diz gay”	Erro! Indicador não definido.
Cena 1	Erro! Indicador não definido.
Cena 2	Erro! Indicador não definido.
Rafael, Adriana e Robério: militância, identidade, identificação e a fuga de rótulos	Erro! Indicador não definido.
A Juventude que não se afirma gay	Erro! Indicador não definido.
Considerações finais	Erro! Indicador não definido.
Referências	Erro! Indicador não definido.

Introdução

Este livro é resultado do diálogo entre teoria e campo de pesquisa que desenvolvo desde 2012 quando iniciei o mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia. Tive inicialmente o objetivo de compreender as características da sociabilidade de adolescentes frequentadores/as de festas em boates gays de Salvador – Bahia de 2012 a 2014, com o foco em suas relações no contexto familiar. Além disso, esse estudo se volta também para uma importante constatação que o campo possibilitou: a de observar as implicações da negação de uma identidade gay/lésbica na trajetória de vida desses sujeitos.

As análises que seguirão estão lastreadas nas principais transformações ocorridas no Brasil, desde a década de 1970, no tocante às homossexualidades e às suas correlações com geração, família e identidade.

O uso do meu corpo - através das minhas experiências - como um dos *locus* de percepção das transformações sociais ocorridas ao longo da última década em Salvador, serviu como ponto de partida na prática de pesquisa¹ que havia desenvolvido. Os questionamentos apresentados neste material ganham dimensões ampliadas ao nos permitir pensar a atualidade da sexualidade no Brasil.

Apresento a seguir o meu percurso pelo mundo da vida desde 2004, quando a minha homossexualidade se tornou questão pública, me colocando diversos questionamentos e a necessidade de tomada de decisões, sempre a tendo no/como horizonte. Apresentar parte de minha história, fará sentido à medida que o leitor for apreciando os capítulos. Apesar de não ser uma auto etnografia, minha vida se relaciona diretamente com a vida dos/as jovens deste livro.

Trajectoria

Minha mãe e meu pai ainda estão em vida. Tenho um irmão mais velho, que se chama Leonardo, e uma irmã mais nova, que é especial e se chama Mariana. Considero o meu processo de assunção da homossexualidade bastante incomum em relação ao de grande parte dos meus amigos e até mesmo se comparado ao processo vivido por meu irmão. Talvez o mais interessante é que minha experiência converge bastante com a dos meus interlocutores².

¹ Em 2011 fui selecionado como pesquisador assistente no projeto “A visibilidade de corpos gendrados e seus desdobramentos políticos e cotidianos” supervisionado pela Professora Doutora Elena Calvo-Gonzalez e pelo doutorando Murilo Arruda, no PPGCS/UFBA.

² Há muito de mim nesta pesquisa. Não somente por ser eu o autor desta narrativa. Quem descreve, interpreta e analisa os dados, mas por existir pontos de convergências, lugares comuns, diversos entre minha experiência e a das e dos interlocutores da pesquisa. Por esse motivo, escolhi agregar aos dados etnográficos a minha experiência, pelos aspectos semelhantes, tendo como horizonte que na “interpretação auto etnográfica do texto, os leitores sentem/percebem as fraturas em suas próprias vidas comunicativas.” (SPRY, 2001)

Em uma quinta-feira do mês de agosto de 2002, aos meus quatorze anos, recebi uma ligação em casa. Do outro lado da linha uma voz feminina interpelou sobre a presença de meu pai. “*Sim, ele está em casa*”, respondi. A voz feminina me pediu para falar com ele. Os dez a quinze minutos que a ligação durou foram de um misto de angústia e curiosidade. Percebia que tinha acontecido algo com meu irmão, mas não conseguia captar tudo da conversa. Findada a chamada, meu pai foi para o quarto e expediu a ordem: “*quando Leonardo chegar, avise-o que preciso falar com ele*”.

Leonardo chegou horas depois, dei o recado, mas ele voltou a sair. Em seguida minha mãe chegou do trabalho e foi para o quarto, onde conversou por alguns minutos com o meu pai. Até ali, através das informações desencontradas que ia captando desde a ligação da voz feminina, meu quebra-cabeça dizia que meu irmão tinha roubado algo de onde trabalhava. Naquela época, Leonardo estagiava numa empresa de cosméticos na av. Carlos Gomes, localizada no Centro Histórico de Salvador.

Enquanto minha mãe e meu pai conversavam a portas fechadas, meu irmão retornou. Alarmado, me perguntou onde estavam mãe e pai. “*No quarto*”, respondi, e fomos ambos, assustados, para o nosso quarto. Uma sensação de pavor. No quarto em que compartilhávamos, em nossa casa na Liberdade, bairro popular de Salvador, eu o questionei sobre o suposto roubo. “*Leonardo, você roubou o quê?*”. Ele, com os olhos arregalados, em uma expressão de espanto, me perguntou: “*O quê? Roubou?*”. Nesse momento nosso papo é interrompido pela voz firme, mas nada agressiva, de minha mãe: “*Leonardo, vem aqui!*”. Ele foi caminhando lentamente para o quarto onde estavam nossa mãe e nosso pai. Seu caminhar lento, como quem tem medo do que pode acontecer a qualquer instante, ficou registrado na minha memória. Foi como se minha mente processasse uma série de fotografias daqueles instantes. Sou despertado pelo bater da porta. Ele havia entrado no quarto e já estavam trancados.

Aproximadamente quarenta minutos depois saiu meu irmão, chorando, e foi para sua cama, em nosso quarto, onde eu já estava deitado para dormir. Em seguida minha mãe o chama e conversam na sala. Tudo longe de mim. Eu, o filho do meio, com meus quatorze anos estava sendo poupado, desde a tarde, do tema daquela trama. Era apenas um coadjuvante que mais tarde teria seu espaço nesta mesma trama, porém um espaço a partir de outras articulações, outros regimes de verdade, a partir de outros modos de existência.

Daquele dia em diante, nada ficava muito claro para mim. Os adultos – minha mãe, meu pai, minha tia que morava conosco -, não me falavam nada sobre a questão que havia surgido após a ligação da voz feminina. Só Leonardo me contava as coisas. E foi assim que fiquei sabendo que ele havia sido descoberto gay por sua chefe naquela mesma tarde em que recebi o telefonema. Me contou que o seu namorado estava com ele na loja em que trabalhava e que lhe roubou um beijo de despedida. Nesse instante, a dona da loja chegou e flagrou a cena. Esta, segundo o relato do meu irmão, em tom inquisitorial pediu que ele arrumasse suas coisas e fosse para casa. Que já não precisaria mais dos serviços e que o estágio estaria interrompido. Em seguida, ligou para minha casa e, ao falar com meu pai, o alertou das companhias do seu filho,

o que tinha presenciado e como quem deseja apenas o melhor, declarou ao meu pai que estava fazendo isso pelo bem dele (meu irmão). Ponto.

Após Leonardo ter sido retirado do armário, um drama familiar se instalou. Aceitação *versus* não aceitação. Ilustrativamente, minha mãe *versus* meu pai. Minha mãe, que sempre agiu com bastante respeito aos espaços – seja físico ou de posicionamento – de todos os membros da família, sempre se colocou como uma fiel apoiadora das decisões de seus filhos. “*Se você não se sente bem ou não aceita, a porta da rua é serventia da casa*”, gritou em alto e bom som para o meu pai em uma discussão na hora do almoço, dias após a celeuma envolvendo meu irmão, seu namorado e o beijo flagrado por sua chefe. Meu pai, como em todas as suas incursões sobre o tema das homossexualidades, se manteve no seu discurso de não aceitação. Entre os dois uma questão que considero importante: economia familiar.

Meu pai vinha de um histórico longo de desemprego. Minha mãe já estava há alguns anos trabalhando e sustentando a casa sozinha. Além do fator econômico³, que colocava meu pai sob as ‘asas’ da minha mãe, o perfil de minha mãe sempre foi o de determinar⁴ as diretrizes na família.

O embate entre meu pai e minha mãe e a questão homossexual envolvendo meu irmão, acabou por silenciar, em parte, meu pai. Ainda restaram algumas falas contrárias a gays e lésbicas proferidas em momentos que ele considerava oportuno, sobretudo quando via algum gay, lésbica ou travesti na rua ou na televisão, ou quando da visita de algum amigo aparentemente gay em nossa casa e, sobretudo, quando presenciava comportamentos considerados por ele como sendo parte de um estilo de vida gay. Ok. Meu irmão aderiu a todas essas solicitações e insultos. Eu, no meu armário – que agora, sendo só meu, era tido como de vidro - fazia não ver. E de fato, as coisas não estavam tão desanuviadas para mim sobre essas questões. Faltavam experiências.

Um ano depois, no ano de 2003, estava na oitava série do ginásio. Estudava desde a quinta série em uma escola pública do bairro. Nessa escola sofria diversos insultos e ameaças de agressões físicas: o principal motivo era por ser ‘viadinho’. Aliás, é neste contexto que muitos ‘viadinhos’ passam a se perceber enquanto tais. Eram muitos insultos e ameaças cotidianas. O meu sentimento se envolvia no medo. Sentia medo de ir à escola e apanhar dos coleguinhas de sala. Sentia medo de falar em sala. Sentia medo de ir para a área externa na hora do lanche. Sentia medo de cruzar qualquer olhar no rosto dos meus colegas agressores. Sentia medo ainda maior que meu pai soubesse disso tudo. E sentia vergonha que minha mãe ficasse sabendo.

³ Lembro-me de diversas vezes ouvir meu pai dizer que ele só não batia na gente, ou que só não dava castigo na gente porque não estava podendo dominar a situação [financeira]. Que não tinha respaldo para isso. Essa sua percepção de educação e criação sempre ficou muito clara. O poder financeiro que ele não detinha àquela época o impedia de ser o ‘chefe’ da família.

⁴ Como minha mãe sempre trabalhou, estando ou não, meu pai desempregado, não consigo medir até que ponto a sua supremacia é parte de questões apenas financeira ou se envolve outras questões de personalidades, por exemplo.

Foram quatro anos desses cinco medos. E foi nessa experiência do medo que fui constituindo uma identidade, uma afirmação e uma descoberta. No último ano na escola dos medos, eu tive uma ideia. Era final do ano, última unidade e, eu tinha me candidatado para uma escola pública no Centro da cidade. Após ser interpelado por uma colega de sala sobre ser ‘viado’ ou não, fiquei sem lhe dar uma resposta. Apenas resmunguei alguma coisa que não me recordo e saímos do colégio. No caminho para casa fui pensando sobre ser ‘viado’, negar isso, e os transtornos que já havia vivido desde a quinta série ginásial. Decidi que na nova escola eu afirmaria que era gay, caso alguém me perguntasse.

Lembro-me que essa decisão veio à tona como algo que vem de dentro e do nada. É claro que o histórico de tal decisão tem profunda relação com a assunção do meu irmão e as contingências vivenciadas por nós familiares naqueles últimos doze meses. Entretanto, eu fico surpreso e me questiono se nada além disso teria servido de motor para esta decisão. Compreendo que o processo de construção desta “verdade” sobre a minha sexualidade constitui um esforço de definição e classificação por parte da sociedade (representada aqui pelos meus colegas) que, no meu caso, fez com que a identidade sexual passasse a constituir-se como uma das dimensões centrais da minha identidade social (FOUCAULT, 1997; WEEKS, 1999; BOZON, 2004). Em meu caso, esse é um exercício que se vincula à minha performance distante das legitimadas para o corpo do homem macho.

Inclino-me a acreditar na conjunção dos cinco medos como motor para essa conscientização e tomada de decisão. A partir desse momento, o armário faria sentido para mim, já que a identidade gay começava a se delinear no meu cotidiano. Para logo depois, o armário perder o seu sentido e a identidade ganhar força.

Fui selecionado para o Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, escola pública secundária que fica no bairro de Nazaré, em Salvador. A escola, tida como de referência por conta muito mais do seu histórico de formação do que por qualquer outro motivo, já não gozava de tanto prestígio, assim como a maioria das escolas públicas estaduais no estado.

Nas primeiras semanas de aula, um grupo de colegas de sala, mascaradas pelo “intuito de nos conhecermos melhor”, me convidaram para brincar de “jogo da verdade⁵”. No vai e vem do jogo, várias perguntas para mim, e é claro, a pergunta mais esperada, tanto por mim como por todas/os presentes: “*Você é gay?*”. Respondi com ar de tranquilidade, “*sim, sou gay*”. O ecoar da sirene fez a brincadeira acabar, tínhamos que voltar à sala, e assim como o som da sirene marca uma temporalidade que se excede dando início à outra, responder que era gay trouxe uma nova temporalidade existencial para mim.

A partir deste momento, me tornei o querido das meninas, e o querido, também, de alguns meninos. “*Você é meu brother*”, me diziam muitos dos meninos. Eu fico com a

⁵ O “Jogo da verdade” consiste em uma brincadeira bastante comum, sobretudo, entre jovens. A brincadeira consiste em, numa roda com pessoas, ter uma garrafa no centro do círculo. Essa garrafa deve ser girada em quando parada, as extremidades que apontam para uma e outra pessoa devem ser consideradas como as que perguntam e respondem. Daí a pessoa responde e gira a garrafa até que todos respondam alguma coisa.

impressão, quase a certeza, que eu passei a ser menos um nas chacotas e insultos, de modo que me chamar de gay ou ‘viadinho’ não atenderia a seus objetivos. De modo que o que restou foi me tornar o ‘brother’ deles. Tenho a experiência de assunção no espaço público que é a escola como algo libertador. Me posicionar gay foi uma forma de garantir espaço e respeito.

Pensando e escrevendo sobre esse período de minha vida, fiquei bastante surpreso pela coragem que tive em assumir uma identidade homossexual antes mesmo de minha família, leia-se aqui minha mãe, saber disso. Mas, ao mesmo tempo me recordei que tinha em mente à época que jamais me assumiria gay espontaneamente, a não ser que fosse interpelado sobre essa questão. E foi o que aconteceu, tanto na escola quanto em casa, através de minha mãe.

Em 2004, ainda no meu primeiro ano do ensino médio, um primo, que havia se separado recentemente de sua esposa, foi morar em nossa casa. Ele, também gay e contemporâneo de juventude da minha mãe, estava no processo de assunção de sua homossexualidade para alguns membros da família. Tínhamos todos uma relação muito boa, inclusive ele com meu pai, tendo em vista que seus trejeitos de corpo e o histórico heterossexual de vida, não denunciavam uma homossexualidade *a priori*. Minha mãe, observando-me desde a descoberta homossexual de meu irmão, e fazendo uso de sua intimidade com este primo, o acionou e questionou uma única vez se eu também era gay.

Conforme relatou meu primo, este não deu uma resposta imediata, pois queria se certificar de que eu gostaria que a informação fosse divulgada. Ao me indagar se poderia contar, respondi que *“sim, e ainda fale como tenho vivido isso”*, recorde-me. Segundo meu primo, minha mãe recebeu a informação com naturalidade. *“Ficou me olhando, e disse ‘Caio também? Meu Deus’, e só. Disse que vai conversar com você e também quis saber se você namorava com alguém. Eu disse, tá?”*, me contou.

Confesso que após me assumir na escola, esse foi o único momento que a sensação de liberdade me tomou novamente. “Pronto, estou completamente livre!”, são inscrições em uma agenda/diário que usava na época e que tenho até hoje. E, de fato, após saber que minha homossexualidade era algo público nos meus principais e mais importantes meios de sociabilidade, a sensação era mesmo de alívio.

Em um sábado de setembro de 2004, levantei e não encontrei ninguém em casa. Enquanto tomava meu café da manhã e assistia televisão, minha mãe e primo chegaram do supermercado. Com um sorriso amistoso e com um beijo no rosto minha mãe me disse: *“precisamos conversar, viu amor?”*, respondi *“Tudo bem, mãe”* e para não ficar um clima desconfortável e fazer parecer que não esperava aquilo, continue com: *“o que foi que eu fiz?”* e ri. Ela respondeu que eu não tinha feito nada. E seguiu para cozinha. Foram necessários mais de 13 meses e vários “precisamos conversar” para que minha mãe tomasse coragem e falasse sobre minha homossexualidade.

Era um domingo de outubro de 2005, nessa época já fazia cursinho pré-vestibular. Deitado no chão do meu quarto estudava literatura quando minha mãe entrou com o seguinte questionamento: *“É isso mesmo que você quer?”* Na hora tive a vontade de fazer a egípcia, a

pera, a Kátia⁶, mas resolvi que seria melhor enfrentar a “questão”. “*Sim*”, respondi. Ela continuou dizendo que se era isso mesmo que eu queria que tudo bem, mas que eu tomasse cuidado, que não fosse promíscuo e que se quisesse poderíamos procurar ajuda. Eu, ainda pouco instruído à época, apenas discordei da necessidade de ajuda e encerramos a conversa. Os meses que antecederam essa conversa foram os únicos momentos em que vivemos um ‘pacto [quase] silencioso’⁷ (SAGGESE, 2012). Após esse diálogo a homossexualidade seria lugar comum de debate em minha casa e em minha família em contextos diversos.

Em 2005 já estava no segundo ano no estágio em uma empresa da família, e já pensava em prestar vestibular no ano seguinte, para isso me organizei de modo a estudar pela manhã, estagiar pela tarde e fazer cursinho pela noite. Foi assim que passei o ano de 2006. Nesse período, através do acesso à internet de forma mais ampliada, conheci sites e listas de discussões sobre homossexualidades. Lembro de uma comunidade na rede social Orkut, que me serviu bastante como fonte de conhecimento. Observava as discussões e algumas vezes fazia alguns questionamentos. Em uma dessas interações, questionei se a homossexualidade era pecado. O tópico recebeu várias mensagens e recebi várias indicações de livros e textos para ler. Minha busca por informações sobre homossexualidade era incansável. O meu interesse foi aumentando e o número de listas acessadas e de trocas de mensagens no e-mail aumentou consideravelmente. Foi assim que conheci figuras importantes do movimento social a nível local e nacional. O contato com essas fontes de informação me colocava como um defensor da minha própria causa cotidianamente. Fosse na escola, em casa ou no trabalho, sempre procurei articular o que estava entendendo das discussões no grupo, com os acontecimentos que me incomodavam.

Em 2006 passei no vestibular e iniciei em 2007 a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia. Confesso que não fazia ideia do que seria estudar Ciências Sociais em uma universidade pública. Ao longo desse ano fui percebendo a necessidade de fazer pesquisa. Assim como meus colegas de curso, precisava de um tema para pesquisar, se bem que eu já tinha um tema: estudar homossexuais. Não sabia como. Procurei informações e a minha única referência era o professor aposentado Luiz Mott. Foi o que fiz, enviei um e-mail. Era por volta das dez da noite de uma sexta-feira quando recebo uma ligação. Do outro lado da linha, parecendo bastante agitado, o professor Luiz Mott. Se apresentou e já foi dizendo o que eu poderia estudar. Me passou uma série de livros e textos de sua autoria e passou uma questão que era parte de seu interesse de pesquisa. Não me recordo agora do que se tratava, mas era uma pesquisa bastante histórica. Não me interessei.

⁶ Segundo o dicionário informal, fazer a egípcia é “virar a cara, fazer que não viu certa pessoa, indiferença com alguém”, fazer a Kátia é se fingir de cega, e fazer a pera é se fingir de morta, que não entendeu, ou seja, minha vontade era fingir desentendimento do seu questionamento, como forma de tentar pensar melhor em uma resposta, ou fazê-la tratar do tema através dos termos que era necessários.

⁷ Segundo Gustavo Saggese, ainda hoje o ‘pacto de silêncio’ é uma situação comum em diversas famílias. Após a assunção da homossexualidade, nada é explicitamente falado mesmo havendo um saber mútuo: pais ou irmãos sabem e o filho ou irmão sabe que eles sabem, mas o silêncio sobre a homossexualidade é preservado por ambas as partes.

Nas semanas seguintes, em conversa com Murilo, um recém amigo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, sou apresentado a um nome que poderia me ajudar. “*Procure por Leandro, ele é professor da Faculdade de Comunicação, acho que pode ajudar*”, me escreveu Murilo em e-mail. Descobri Leandro Colling, o grupo Cultura e Sexualidade (CUS), a Teoria Queer, e um universo vasto de pesquisa. Leandro e o CUS me receberam muito bem. Iniciei a participação no grupo e logo em seguida na pesquisa sobre as representações de homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. Tive a oportunidade de escrever meu primeiro trabalho de cunho científico, uma análise sobre a novela *Beleza Pura*⁸.

Após essa primeira incursão, em 2009, fui bolsista do Programa de Iniciação Científica, (PIBIC) com orientação do professor Leandro Colling e desenvolvi pesquisa sobre a relação entre diversos grupos LGBT na Bahia. Essa era uma forma de estar próximo de um tema que existencialmente me atraía. Era uma forma de militar. Uma militância que desenvolvi no meu dia-a-dia, através da pesquisa, e a partir do que aprendia com esta, do diálogo com os outros do meu contexto.

Após me formar em Licenciatura, no segundo semestre de 2010, participei de uma seleção para assistente de pesquisa para o projeto “A visibilidade de corpos gendrados e seus desdobramentos políticos e cotidianos” supervisionado pela Professora Doutora Elena Calvo-Gonzalez e pelo doutorando Murilo Arruda, no PPGCS/UFBA. Tive nesse projeto a experiência que serviu como ponto de inflexão para a prática de pesquisa. No desenrolar de ir e vir em campo, e nas discussões no grupo de estudos que criamos – o GLS⁹ –, surgiu minha pesquisa para o mestrado, que após vários processos de diálogo entre campo e teoria, culmina com a pesquisa que apresento neste dossiê.

O projeto “Visibilidade”¹⁰ pautava-se a partir da visibilidade que sexualidades dissidentes ganhavam ao longo da primeira década do século XXI. Partimos do pressuposto de que o crescente ativismo tanto feminista quanto de movimentos LGBTTI – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersex – levou (e continua a levar) a uma crescente visibilidade na pauta política e, em alguns contextos, cotidianos, onde corpos marcados como diferentes em termos de sexualidades, gênero, raça e classe se apresentam no emaranhado do mundo da vida. Tivemos como objetivo pensar como a constante visibilidade desses corpos nos ajuda a compreender diversas transformações e conservações (continuidades e rupturas) políticas e sociais, a reconfiguração da paisagem sócio espacial a partir dessa visibilidade.

Nesse contexto, ao findar do projeto surge meu tema de pesquisa no mestrado, que em um primeiro momento esteve preocupado em desenvolver um estudo da sociabilidade não-heterossexual e seus desdobramentos políticos-cotidianos. Pretendia, a partir dos espaços de

⁸ CERQUEIRA, Caio. “Pelo amor de Rogéria!”: observações sobre a representação homossexual na novela *Beleza pura*. Texto publicado nos Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Natal - RN. 2010.

⁹ Grupo de leitura em Sexualidade, Saúde e Corpo.

¹⁰ Como chamamos o projeto já citado.

sociabilidade configurados com a presença marcante de homossexuais, observar qual a dinâmica das interações nesses locais e qual o impacto dessas relações no cotidiano dessas pessoas. Havia, até aqui, uma questão que me era imposta a cada ida ao campo. A sociabilidade homossexual em Salvador – a partir do que eu vivenciava - parecia apresentar diferenças importantes em relação ao que os estudos do sul/sudeste do país apresentavam. Para apresentar as diferenças entre regiões, passei a frequentar mais assiduamente alguns espaços de lazer/sociabilidade homossexual em Salvador e pude daí conhecer um conjunto de festas voltadas para um público jovem adolescente: as festas matinês em boates gays para adolescentes.

A partir desse momento, decidi etnografar o contexto dessas festas buscando observar nas interações entre os jovens, seja nas festas ou nos seus outros movimentos pela cidade, a porosidade da identidade homossexual na contemporaneidade em Salvador. Essas experiências, em um primeiro momento, remetiam às minhas próprias experiências enquanto gay, o processo de autoconhecimento e de familiarização com as questões da (homo)sexualidade. Percebia nos adolescentes que frequentavam essas festas muito de mim e da minha experiência na escola e com a minha família. E é por isso que não só estou me baseando em um trabalho puramente etnográfico, mas faço uso da auto etnografia (WALL, 2006, p. 2), já que minha experiência de vida dialoga em constantes linhas com as dos meus principais interlocutores.

Em verdade, vejo em minha experiência homossexual muito da experiência dos/as interlocutores/as dessa pesquisa. Em minhas primeiras reflexões para a construção desse trabalho, observei que a minha experiência do sair do armário e da afirmação homossexual passou por caminhos mais fáceis do que o de comum nas narrativas de pessoas lésbicas e gays que conheço. Vejo em minha experiência enquanto homossexual a face de duas moedas. Uma que se volta para o passado, e por isso meu diálogo constante com o passado das homossexualidades no Brasil se faz presente e necessário. Outra que se volta para o presente/futuro, tendo em vista que as formas de se viver sexualidades estão em constantes mudanças e conformações.

Há o velho e o novo em tudo que teremos neste texto daqui por diante. O velho para entender o processo, o novo como elemento que nos mostra o que mudou e o que pode mudar.

Eixos analíticos

Durante a pesquisa, fui acionando algumas categorias para melhor entender as práticas que o campo compunha. Enquanto projeto de pesquisa, tinha proposto estudar a sociabilidade não-heterossexual em Salvador a partir de uma etnografia multissituada em boates gays da cidade. Nos primeiros movimentos, não só como pesquisador, mas como consumidor desses espaços, me chamou atenção o que o mercado de festas matinês oferecia. Se minha preocupação estava pautada em entender os desdobramentos da sociabilidade gay em Salvador – que a meu ver estava baseada em uma especificidade local quando comparada com outras sociabilidades gays no Brasil -, adentrar o mundo das festas matinês seria terreno fértil para compreensões ainda mais amplas, como é o caso das que tento neste trabalho. Para isso fiz uso de algumas

outras categorias. Estas protagonizam todo este trabalho, sendo as principais, ao meu ver: **geração, identidade e sexualidade**. É claro que no esforço de questioná-las, faço uso de outras, tais como, **performance, consumo, sociabilidade, adolescência**.

Ao longo dos mais de 12 meses em que estive em campo, o exercício de alteridade era prática comum não só pelo fato de estar em uma pesquisa, mas porque me sentia um estranho naquele ninho que qualquer um poderia dizer fazer parte da minha geração. Observar esses jovens fez de mim um senhor de meia idade, quase um tio para eles, e foi assim que alguns a mim se referiam: “*tiozinho Caio*”.

O que me parecia apenas mais um dado etnográfico tem servido como elemento para análise da geração não só como categoria, mas também como conceito. Pensamos geração a partir da ideia de sucessão entre gerações, de modo que o que marca uma geração deve ser transformado a medida que o tempo passa e classificamos outra época fundamentada em signos ressignificados e códigos recodificados pelo tempo. Porém, ao levar em consideração o que nos apresenta José Ortega e Gasset (1966), a ideia de sucessão deve ser substituída pela de sobreposição e coincidência, ou seja, de coexistência parcial entre gerações.

Para mim, que vivi a minha adolescência entre os anos de 1996 e 2006, os códigos com os quais meus interlocutores dialogam já não são os mesmos. Códigos esses de linguagem verbal e corporal que, na minha sociabilidade adolescente, faziam sentido uma vez que eu estava naquele momento me inserindo no “mundo gay”. O que me parece é que, com a velocidade com que as mudanças alcançam, a ideia de coincidência e coexistência parcial mostra-se distante, caso deseje explicar os fatos por mim experienciados. Os códigos e linguagem são outros e não mais tão específicos de um universo baseado em um estilo de vida gay, mas em algo muito mais permeável por outras questões e identidades.

A literatura sobre sexualidade tem afirmado que houve mudanças significativas nas últimas três décadas (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010; COLLING, 2010; GARCIA, 2011). O próprio evento *Stonewall 40* se propôs a discutir as mudanças ocorridas no cenário nacional, além disso, militantes, artistas, estudiosos e pessoas comuns tem afirmado que o mundo de hoje está bem melhor para pessoas homossexuais (MACRAE, 2011). As próprias telenovelas já incorporam casais homossexuais em suas tramas de forma corriqueira, além de já termos tido o beijo gay. Na política a questão gay, ou os direitos de LGBT servem como âncora para votos. E passo a uma questão: os jovens de hoje experienciam os mesmos problemas que os de décadas passadas?

Minha resposta é negativa. Essa é uma afirmação que empiricamente pode ser questionada. Cabe nos questionar se de fato estamos em outra geração. Se pensarmos como Karl Mannheim (1982), para quem “*os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração*”, temos elementos suficientes para dizer que vivemos uma nova geração – os problemas já não são mais os mesmos, muitos foram superados, e está é uma geração nova. Diferente até daquela que vivi em 1990, embora bastante próxima, mas os problemas tendem a ser outros, mesmo que muito

parecidos e ornados com uma roupagem mais atual. Mas são diferentes, então se trata de uma nova geração.

Dessa indagação surge outra questão: quais são os problemas dessa geração atual? Sendo bastante prático, algo relacionado às identidades me chamou bastante atenção desde meus primeiros contatos com os jovens da primeira matinê que frequentei.

Numa tarde de sábado, participando de uma festa matinê voltada para jovens em uma boate gay, resolvi fazer uso do meu contato com os interlocutores da pesquisa de uma forma diferente da que até então havia experimentado: resolvi indaga-los sobre suas identidades. Questionei-os sobre o ser gay ou lésbica. A maior parte dos jovens com os quais mantive contato me respondeu com um balançar de ombros, como se a questão não fizesse sentido em suas gramáticas existenciais. Após várias tentativas de obter alguma resposta, mas sem sucesso, resolvi voltar para casa e pensar novas estratégias. Todavia, o ocorrido continuou a produzir uma série de questionamentos que me foram sendo impostos ao longo da pesquisa.

Passei, a partir de então, a pensar as categorias identitárias com as quais os jovens da minha pesquisa estariam lidando. Se até esse momento eu trabalhava aprioristicamente com a categoria identitária baseada nas homossexualidades gay e lésbica, esse foi o momento de parar tudo e pensar sobre essas identidades nesse campo. Lembrando do trabalho de Stuart Hall (2006), tentei me convencer de que a explicação estaria na conclusão de que toda identidade é contextual, mas a cada incursão em campo a porosidade da identidade desses jovens, diluindo assim a identidade gay em múltiplas possibilidades, se tornava mais evidente.

Na literatura internacional sobre identidade gay e rótulos, encontrei trabalhos que já analisam os usos de rótulos e identidades entre jovens e como estes pautam estas questões de sexualidades (COLEMAN-FOUTAIN, 2014). Esses estudos com jovens não-heterossexuais mostram uma resistência a rótulos sexuais e é daí que o termo *'post-gay'* (traduzido como pós-gay) passa a ser usado para descrever uma identidade que não se pode definir por rótulos, e está presente numa contemporaneidade líquida/fluída. Os trabalhos produzidos até então, sustentam a ideia de que a rejeição aos rótulos serve como forma dos adolescentes questionarem seus significados, adaptando outros e resistindo a uma identidade exterior. O questionamento desses rótulos reflete a negociação de fronteiras de diferenças, da forma como esses jovens questionam os limites da sexualidade para construir identidades como pessoas “normais” (ibidem, p. 12).

Os/As jovens que construíram comigo esse percurso, parecem dialogar diretamente com o que já vem sendo teorizado, haja vista que estamos falando de contextos de consumo baseados em um imaginário de identidades sexuais, mas que se tem se revelado passíveis de questionamento, por exemplo, quando os sujeitos permitem-se falar sobre si. Neste caso, os frequentadores das festas que pesquisei, que mesmo submetidos/as a um contexto de consumo lastreado em uma identidade homossexual¹¹, parecem extrapolar essas fronteiras entre ser homo

¹¹ As festas surgem de boates gays, tendo entre seus principais idealizadores gays e lésbicas e imaginasse (imaginário social) que seja uma festa “gay”.

ou heterossexual, ser gay e ser lésbica. Parecem reivindicar uma não identificação sexual, ou uma possibilidade de vida sexual que não está apenas vinculada às normas vigentes.

Embora faça uso das categorias identitárias gay, lésbica e bissexual neste trabalho, o faço para refletirmos sobre esses usos e não-usos identitários entre adolescentes em Salvador. É desse modo que a categoria 'identidade' fará parte das linhas analíticas neste trabalho.

E, ao pensar identidades homo ou heterossexual, estamos trabalhando a partir da categoria da sexualidade, elencada como uma das três categorias principais deste trabalho. Para isso, é importante pensar a trajetória dessa categoria e de que forma estou abordando-a.

A sexualidade, no que diz respeito ao debate público no Ocidente, tem estado em vigor, de forma latente como assunto público e de grande comoção social desde muito antes do século XIX. Nesse período anterior, podemos afirmar que esta era de preocupação da religião e da filosofia moral. Pós século XIX ela passou a ganhar uma disciplina própria, a sexologia, com bases na medicina, psicologia, história e sociologia. Com isso, o seu status passa de um tema restrito a um tema de preocupação pública, política (WEEKS, 1999, p. 37).

A sexologia, enquanto a área de pesquisa que deteve por grande tempo a legitimidade no discurso sobre a sexualidade, em um primeiro momento, esteve preocupada em afirmar o caráter instintivo da sexualidade humana. Essa é uma concepção que tem sua história na preocupação pós-darwiniana em explicar tudo internamente, através de nossos estímulos biológicos. Além disso, o sexo é visto como uma força avassaladora e que compõe, centralmente, todos os indivíduos (ibidem, p. 40).

No que tangencia a discussão da sexualidade e sua abordagem histórica construcionista, Jeffrey Weeks (1999) afirma que temos em Foucault o grande influenciador teórico da abordagem do construcionismo social. Além da antropologia e sociologia, que no diálogo com outras culturas perceberam que a 'nossa' forma de fazer as coisas não é a única forma, e que determinados comportamentos e situações, para outras culturas, tem significados diferenciados.

Sigmund Freud, com sua teoria do inconsciente dinâmico, também oferece uma nova abordagem da sexualidade. Uma vez que sugere que as realizações do gênero e da sexualidade são precárias, modeladas pelo processo de aquisição (do homem) das regras da cultura, através do desenvolvimento psicossocial (FREUD, 1979 apud WEEKS, 1999, p. 41).

A história social também tem contribuído constantemente para uma análise construcionista acerca da sexualidade. As políticas acerca da sexualidade, que são protagonizadas pelo feminismo e movimentos gay e lésbico, tem questionado muitas das certezas históricas e buscado na história as origens e explicações para algumas mazelas. Através de Foucault, podemos concluir como o faz em "A história da sexualidade v. 1: a vontade de saber", que a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais, quais sejam: a subjetividade (quem e o que somos) e a sociedade (a saúde coletiva, a prosperidade, o crescimento, o bem-estar da população como um todo). Essas duas dimensões estão muito bem conectadas e no meio delas existe o corpo e suas potencialidades (FOUCAULT, 1997, p. 107).

Ao longo de dois séculos de discursos sobre a sexualidade, recorrentes debates acerca do tema foram vistos em público. Esses debates sempre traziam à baila algo que se relacionava à sexualidade. Sejam questões de raça, classe ou gênero, elas estão ora misturadas, ora aparecem através das relações sociais, unicamente como uma questão social a ser debatida, pensada, dominada por discursos religiosos, pela ciência ou na política. Classe, raça e gênero são elementos interdependentes que se articulam com a sexualidade e devem com isso ser visto a partir dessa interseccionalidade (PISCITELLI, 2008).

O estudo de Júlio Simões e Isadora Lins França (2011) com jovens em contextos de lazer em São Paulo recortam as diversas dimensões das sociabilidades homossexuais a partir desses elementos interdependentes, ou seja, a interseccionalidade.

As categorias associadas a gênero, sexualidade e raça/cor são produções histórico-culturais que são articuladas em sistemas classificatórios, envolvendo dimensões que são pragmáticas e semânticas (Crapanzano, 2001 *apud* Simões, 2010). A marcação da diferença é, então, um componente importante de qualquer sistema classificatório (op. cit.). Desse modo, objetos, comportamentos e pessoas ganham sentidos socialmente. É importante distinguir entre a lógica interna que articula categorias em sistemas classificatórios e os processos de classificação propriamente ditos. As categorias se definem umas em relação às outras, e atravessam e circulam por diferentes relações; assim, por exemplo, categorias referentes a sexualidade e gênero inscrevem-se com frequência em matrizes de cor/raça, e vice-versa, tornando-se muitas vezes uma linguagem poderosa para expressar hierarquias e desigualdades sociais mais amplas (ibidem, p.40). A classificação é, então, o processo pelo qual indivíduos tornam-se sujeitos e atores sociais, apropriando-se de determinadas identidades, o que, por sua vez, lhes abre determinados cursos de ação (SIMÕES; FRANÇA; MACÊDO, 2010).

As diferenças de classe no processo de regulação sexual, embora não fossem novidade, se tornaram mais latentes no mundo moderno. A burguesia europeia do período desejava diferenciar-se continuamente da aristocracia e das classes inferiores. Para isso, a sexualidade lhe servia enquanto domínio unificado, onde os padrões respeitáveis eram da vida familiar com papéis bem demarcados entre o masculino e o feminino.

A homossexualidade foi um termo cunhado por Karl Kertbeny (há indícios que ele tenha cunhado, também, o termo heterossexualidade), escritor austro-húngaro, no início do século XIX (WEEKS, 1999, p. 56). O surgimento desses termos deve ser entendido dentro do contexto dos séculos XIX e XX, onde a necessidade de precisão para alguns comportamentos era necessária. Desse modo, era necessário nomear e classificar.

O termo ‘homossexual’ criado como uma variante benigna para a norma sexual à época (a heterossexualidade), já que representava uma forma legitimada de sexualidade, apenas diferente, passou de uma sexualidade saudável e positiva, para uma sexualidade anormal, tendo em vista seu antônimo, a heterossexualidade. E desse modo, a teorização deste termo ganhou ascendência se comparado ao termo opositor. Weeks afirma que uma norma é como o ar que respiramos, não precisa explicação (ibidem, p. 59). Essa mudança demarca duas identidades fortes: a homossexualidade e a heterossexualidade. No entanto, a experiência ao longo dos anos

nos permite afirmar que há muito mais que essas duas, e muito mais do que três, como poderíamos pensar com a bissexualidade. Weeks, a partir de fontes secundárias, observa dois padrões de organização homossexual na sociedade ocidental desde o século XII. A performance “ativa” enquanto hegemônica e legitimada socialmente até o século XVIII, sendo posteriormente a relação entre homens, seja com uma performance ativa ou passiva, renegada e deslegitimada completamente.

A partir do século XIX, um novo modelo de homossexual emergiu na literatura científica, sobretudo a partir do grande número de explicações para a homossexualidade, explicações biológicas, médicas, ambientais e psicológicas. É bom lembrar, também, que além desse ‘diferencial’ identitário, e mesmo a partir desse diferencial, outras classificações existiram, sobretudo no que diz respeito a classe e raça. No entanto, frisa Weeks, é entre homens e mulheres que esses diferenciais são mais marcantes.

A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, embora se vincule à história da homossexualidade não é completamente vinculada à ideia de uma identidade gay. É no século XIX, que assistimos à emergência de espaços de sociabilidade, de interação, redes de apoio e espaços sociais que fizeram circular esta ideia de ‘identidade’ de acordo com a prática sexual dos indivíduos. Esse é um acontecimento que foi possibilitado a partir do surgimento crescente dos espaços urbanos que tornaram possível a interação social mais acirrada assim como o anonimato (ibidem, p. 69).

As categorias sociabilidade e adolescência, se conjugam no espaço-tempo da pesquisa a partir das próprias festas e espaços de sociabilidade que os adolescentes interlocutores nessa pesquisa atuam criando espaços e modificando a cena de outros já conquistados. Minha tentativa nesse trabalho é de articular a ideia já debatida em outros contextos (como Rio e São Paulo) de que os lugares de sociabilidade e as práticas de consumo desempenham um papel diferente do que desempenhara outrora, marcando as singularidades do contexto de segmentação de mercado que se firma nas duas últimas décadas (FRANÇA, 2007a; 2007b).

Não apenas se verifica um aumento do número de estabelecimentos que compunham o antigo ‘gueto’ e uma nova profusão de categorias identitárias, mas também uma transformação mais incisiva em direção à diversificação de iniciativas e fixação de públicos, uma maior visibilidade e uma ocupação multifacetada no espaço urbano.

É nesse contexto que festas e boates gays em Salvador surgiram nos últimos dez anos. Algumas já não existem ou acontecem mais, ficando apenas seus registros na lembrança e ou através de grupos no Facebook. As festas que compõem o repertório de análise desse livro são e/ou foram criadas por jovens adolescentes com características diversas e intencionalidades também diversas, mas estão, todas, lastreadas no *boom* do consumo gay juvenil que vimos crescer nos últimos cinco anos na cidade de Salvador. A representação máxima disso é que em

um espaço que era palco de shows e eventos no Centro da cidade de Salvador abriga hoje uma boate¹² que em sua origem é caracterizada por reunir festas *teenager*¹³.

Por fim, a opção pelo uso do termo “performance” para designar a composição corporal e da ação dos indivíduos envolvidos nessa análise se deu devido a abrangência que a categoria nos proporciona para explicação de uma série de ações humanas em contextos sociais diversos. Para Carlson Marvin – que utiliza a categoria performance para explicar um conjunto de atividades do artista no teatro -, performance envolve a ideia de que nossas vidas são estruturadas por comportamentos sociais repetidos. Esse reconhecimento, que conforme explica o autor, está baseado no uso que a teoria social faz da categoria, levanta a possibilidade de que qualquer comportamento pode ser uma performance, ou que toda atividade seria executada com consciência de si mesma. Richard Bauman (*apud* MARVIN, 2009), em seu verbete sobre performance, nos diz que esta (a performance) envolve consciência de duplicidade – por meio da qual a execução real de um fato é colocada em comparação mental com um modelo (potencial/ideal/relembrado) dessa ação. Para ele, a dupla consciência é que importa. Performance é sempre performance para alguém, um público que a reconhece e valida como performance, mesmo quando a audiência é o próprio *self*.

Pensando comportamentos sociais e seus efeitos na dinâmica das relações sociais, pensar performance como propõe Bauman complicaria nossa análise, tendo em vista que toda ação aqui pensada como performance deveria ganhar o *status* de atos performados para um público, como se a cada movimento dos autores envolvidos a plateia que os assiste devesse se comportar como em um espetáculo teatral onde vamos a fim de ver algo fictício representado nas performances do elenco envolvido. Se performance é sempre performance para alguém, como propôs Bauman, para nós o termo precisa ser entendido de outra forma, ou talvez, devêssemos ampliar essa conceituação da categoria.

Teóricos sociais tenderam a colocar muito mais ênfase nos limites sociais que governam uma ação do que em sua motivação específica (CARLSON, p. 48, 2009). Erving Goffman (*apud* CARLSON, 2009), por exemplo, definiu performance como toda atividade de um indivíduo, que ocorre durante um período marcado por sua presença contínua perante um conjunto particular de observadores e que tem alguma influência sobre estes. Para Goffman, o indivíduo pode se engajar na performance sem está ciente disso.

Dito isto, performance, sexualidade, identidade, geração, consumo, sociabilidade e sexualidade serviram como pano de fundo nas discussões que já estão expostas até aqui e que seguirão em diante.

¹² A boate em questão é a Amsterdam Pop Club. Do grupo San Sebastian e criada pra reunir as festas *teen* que aconteciam no espaço da boate San Sebastian, no Rio Vermelho. Além das festas da “San”, como ela é conhecida entre seus frequentadores, a Amsterdam passou a agregar as festas *teen* de boates como a antiga Off Club e de outros espaços como o bar Europa, também no Rio Vermelho.

¹³ Festas Teenagers – do inglês: adolescente - ou festas matinês como costuma ser internacionalmente conhecidas, são festas que acontecem no período da manhã, ou mais comumente à tarde. No caso de nossas festas, aconteciam no turno da tarde e, em alguns casos, no turno da noite com a entrada oficialmente permitida, apenas, para os maiores de 18 anos.

Por onde andei: caminhos metodológicos

Quando comecei a pesquisa para este livro, nos idos de 2011, além dos espaços de sociabilidade homossexual já consagrados, eu buscava locais onde a sociabilidade não-heterossexual parecesse menos óbvia. Ou ainda, onde questões sexuais aparecessem sem que olhares atentos já a vigiassem. Esse era um caminho metodológico que não só me agradava, mas que fazia sentido à medida que meu objetivo era justamente o de pensar a sexualidade nos locais onde ela não era fartamente escolhida para ser exposta.

Lembro-me de relatos que escrevi no transporte público, outros sobre acontecimentos envolvendo familiares em minha casa, lembro-me até de ir à escola à qual trabalhava e perceber os discursos na fala de outros professores, além de observar como os alunos se comportavam diante de um professor visivelmente gay e como a sexualidade aparecia ora velada em seus movimentos corporais, ora escancarada, até mesmo como forma de demarcar espaços tidos como legítimos.

Esses espaços outros, não legitimados pelo consumo/entretenimento ou marcados como guetos, foram importantes na consolidação do meu ponto de partida para este trabalho. Serviram como pano de fundo no cenário de transformações sociais que serve de base da inquietação para esta pesquisa. No entanto, o meu objetivo ainda enquanto projeto de pesquisa era fazer uma etnografia da sociabilidade não-heterossexual em Salvador. Para isso busquei também apoio nos locais de consumo/entretenimento da cidade que são configurados para não-heterossexuais. A minha etnografia partiria desses espaços, mas não ficaria só neles, seria multissituada.

Em termos de possibilidades de entretenimento não-heterossexual, Salvador segue um ritmo de poucas tradições¹⁴. Como costumamos dizer por aqui: “*nada vai para frente*”. Parece ser verdade, mas nem tanto. Nos últimos quatro anos, por exemplo, já tivemos bastante dinamização nas oportunidades de bares e boates¹⁵.

Destarte essa discussão da dinamização das opções¹⁶ de lazer não-heterossexual em Salvador, um movimento que tomava forma desde 2010 eram as festas organizadas por garotos

¹⁴ Exceto, talvez, pela boate Off Club, que embora já tenha sido fechada e aberta algumas vezes ao longo de dez anos, se tornou conhecida por nomear, inclusive, a rua onde estava instalada (o Beco da Off).

¹⁵ O mais recente mapeamento da ‘cena gay’ de Salvador foi realizado por Érico Nascimento em 2007. Em sua monografia de conclusão do curso de Arquitetura e posteriormente em outras pesquisas, o autor observa três áreas onde existem homosociabilidades na capital da Bahia. Dividindo a cidade no que chama de ‘manchas’, Nascimento observa as manchas do Centro, da Barra e da Orla. Para maiores detalhes ver NASCIMENTO, E S: Mapeamento de Territórios e Circuitos Homossexuais em Salvador: Há um gueto gay? Monografia de Graduação. Salvador: Uneb, 2007.

¹⁶ Os principais espaços de sociabilidade não-heterossexual da cidade são o Centro com o bar Âncora do Marujo, as boates Tropical e Amsterdam Pop Club, e quando muito o que restou do Beco dos Artistas. Na área da orla as boates On Club (antiga Off Club), San Sebastian e a Creperia La Bouche. É importante pensar a relação de todos os espaços citados com a cidade, através de um trânsito que os corpos que o fazem – e são feitos – produzem no ir e vir entre noites, festas e encontros. Observar o esforço da San Sebastian em atrair um número maior de público diversificado, nos revela como estão dispostas as disputas na cena gay de Salvador. A Boate Tropical, a mais antiga a ainda funcionar em Salvador, hoje ocupa um espaço na Rua Gamboa de Cima, no bairro Dois de Julho em Salvador. Desde sua inauguração, na década de 1980 até os dias de hoje, a Boate Tropical parece manter um mesmo perfil de público e uma mesma proposta de entretenimento. É a única boate da cidade que mantém espetáculos de transformismo aliado a música eletrônica; com dois espaços distintos, a Boate Tropical abriga o

e garotas bem jovens, adolescentes. Essas festas, de caráter temático, partem do ponto de vista de uma festa diferenciada devido ao estilo musical que apresentam. Em conversa em uma dessas festas com Gilberto, 21 anos, produtor da festa *Brinks!* me foi relatado que a principal motivação para a idealização da festa foi a opção pela música pop internacional em contrapartida às opções comuns em boates gays que seria a música eletrônica. Esse incômodo também me ocorria, e era um dos fatores para a escolha de outros espaços de lazer quando comecei a trabalhar – e conseqüentemente a transitar pela cidade com mais facilidade - ainda na adolescência.

Segundo Gilberto, a *Brinks!* surgiu a partir de um descontentamento dele e de mais três amigas, em visita ao Boomerangue¹⁷ Bar. Como as opções de música não agradavam os quatro jovens, decidiram então por sugerir ao dono do bar a produção de uma festa temática. O dono do bar pediu um projeto, que lhe foi apresentado dias depois. Após aceitar e apoiar a iniciativa, a festa teve sua primeira edição, seguida de mais uma, até que o local foi vendido para o grupo que hoje administra a Boate San Sebastian.

Da *Brinks!* em diante, outras festas com propostas parecidas surgiram. Tivemos, além da *Brinks!* que continua a existir no mesmo local após a inauguração da San Sebastian, a festa *Like It!* que acontecia na antiga boate Off Club, além da festa *Oshe!* que também acontecia na Off Club. Em seguida, outro grupo de amigos criaram a festa *Eike Absurda*, no Europa Bar, também no Rio Vermelho. Em pouco mais de um ano, essas festas aconteceram uma vez no mês cada. Em alguns meses, a *Brinks!* realizou edições matinês, que aconteciam das 15 às 22h.

Essas festas passaram a ter bastante destaque e a serem acompanhadas por uma diversidade de público, passando a extrapolar as fronteiras etárias que as suas edições iniciais marcaram. Paralelamente, o grupo San Sebastian, por diversos motivos abriu outra boate no Centro da cidade, a Amsterdam Pop Club¹⁸, que passou a reunir as festas *Brinks!*, *Like It!*, *Oshe*, e *Eike Absurda*. Deste modo, o meu campo de pesquisa ganhou um novo espaço, uma estrutura nova, onde todas as observações e experiências se reuniram em um mesmo local físico. Porém, este trabalho não se baseou apenas na experiência em territórios físicos de sociabilidade (off-line) ela se concretizou, sobretudo, através das interações virtuais (online¹⁹).

teatro Carmem Miranda, onde shows de transformistas ocupam sua programação de sexta a domingo; pela sua proximidade com o Beco dos Artistas, o seu público comumente era em grande parte o mesmo público do Beco dos Artistas, que passavam por lá antes de seguir para a noite na boate. Se pudéssemos descrever fotograficamente o público frequentador da casa, ele é em sua maioria de jovens homens gays, negros, moradores da periferia ou da região do Centro. Os demais espaços, exceto, claro, o Beco dos Artistas, tem caráter contingencial, e serão abordados à medida que servirem de espaço para a ocupação dos adolescentes e suas festas matinês.

¹⁷ O Boomerangue era um bar/boate instalado no mesmo local que hoje abriga a boate San Sebastian.

¹⁸ Segundo relatos de pessoas próximas dos administradores e donos da San Sebastian, a criação de uma boate específica para a realização das festas temáticas e com perfil frequentador de adolescentes ocorreu devido à pressão dos antigos frequentadores da San Sebastian, conhecidos como gays “de boa pinta”, (brancos, malhados e de classes média e altas da cidade). Supostamente havia um mal-estar desse público com a frequência cada vez maior com que essas festas eram realizadas na San Sebastian. Esse mal-estar era percebido através de comentários de pessoas também próximas e de comentários em grupos do Facebook sobre a identidade da San Sebastian.

¹⁹ Na trajetória acadêmica, sobretudo na antropologia, data do início da década de 1990 os primeiros ensaios e estudos sobre o ciberespaço (PARREIRAS, 2008, P. 35). A antropologia se defronta com a dicotomia *online / off-*

A etnografia multissituada proposta por George Marcus (1986), na qual o antropólogo deve tentar abarcar em um mesmo texto diferentes localidades, mostrando as relações e possíveis interdependências entre elas mostrou-se o melhor caminho metodológico a ser seguido. Era necessário privilegiar tanto o local, etnograficamente esmiuçado, como o global, estabelecendo as ligações entre essas duas ordens. Para isso, utilizei da rede social Facebook, de modo que este meio me possibilitou perceber, interagir (com) e analisar vários discursos, enunciados por diferentes sujeitos que falam, que assim passaram a ter voz no texto etnográfico, daí o seu caráter multivocal, além de multilocal (Marcus & Clifford, 1986, p. 87)

Vale salientar que a escolha do mundo virtual como um desses espaços para prática da pesquisa não foi uma escolha aleatória e/ou única minha. Essa escolha está lastreada numa demanda que o próprio campo ofereceu, uma vez que as festas temáticas que servem como *locus* da pesquisa tem seu começo e fim no mundo virtual (online). Para isso é utilizado a ferramenta do Facebook “Evento”, onde qualquer pessoa pode criar um evento, colocar a descrição do evento, assim como data, horário e local. E era desse modo que acontecia. A existência de uma festa ocorria primeiro no Facebook, durante os dias que antecediam a festa na própria boate, havia uma série de manifestações por parte dos frequentadores até que a festa acontecesse no espaço físico (off-line) e só era encerrada após alguns dias – ou até que uma nova festa surgisse (um novo evento) -, quando não houvesse mais nenhuma publicação ou comentário na página do evento.

Sendo assim, no que se transforma, então, a etnografia? Quando se pensa em Malinowski a primeira ideia que vem à cabeça é a do pesquisador em campo, munido de uma máquina fotográfica e um caderninho, anotando tudo e tentando entrar de algum modo na vida social daqueles que estuda. É uma pesquisa de campo que exige residência, permanência. O que Clifford (1986) propõe é pensar o trabalho de campo como *travel encounters*, sugerindo, assim, a ideia de movimento, viagem, diálogo.

Esses encontros – e também desencontros -, eram permeados dessas possibilidades que o ciberespaço criou. Os investimentos na pesquisam passaram então a ser contínuos. Mesmo que não estivesse conectado à rede no momento exato das postagens dos/as interlocutores/as, o registro que a ferramenta virtual possibilita deixavam materializados dados etnográficos importantíssimos para análise das interações.

Foi através dessas interações que percebi os principais temas que os/as interlocutores adolescentes de Salvador traziam à baila. Deste modo as suas interações, não mais nos grupos eventos das festas, mas nos perfis individuais, foram importantes para eu poder analisar meus próprios questionamentos frente às transformações – rupturas e continuidades – sociais que vivemos e que são exibidas no nosso cotidiano.

line. Além de uma busca pelo deciframento das organizações sociais de variadas sociedades, de diferentes modos a Antropologia debruçou-se sobre sua prática, sobre o fazer antropológico.

Capítulo 1 - Sexualidades no Brasil: passado e presente

Em 2010 colaborei na organização do evento “*Stonewall 40 + o que no Brasil?*” realizado pelo CUS, grupo que integrava à época. Um amigo, dia desses, me disse o seguinte: “*seus olhos brilham quando você narra os dias que viveu no Stonewall 40, né?*”. Eu apenas ri da sua constatação. Mas foi nesse momento que pude ter uma dimensão da potencialidade do evento, tanto para mim como formação, quanto do evento em si e toda discussão que este gerou. Resumidamente, o *Stonewall 40* foi um evento capitaneado pelo CUS e financiado através de um edital de Cultura LGBT do governo do Estado da Bahia. O evento teve como objetivo “debater e avaliar os estudos a as políticas públicas e identitárias no Brasil, tendo como marco a comemoração dos quarenta anos da revolta ocorrida no famoso bar de Nova Iorque, em 28 de junho de 1969” (COLLING, 2011). Tendo em vista o contexto de polarização entre movimento social e academia, explicitado, sobretudo, nos dias do evento, o *Stonewall 40* foi pensando de modo que em sua estrutura se privilegiasse a ocupação de espaços não acadêmicos da cidade, fazendo assim dialogar mais de perto com a pluralidade de atores envolvidos nas questões LGBT do Brasil na passagem do último século.

Talvez o mais interessante do *Stonewall 40*, tenha sido o defectível motor que fez convergir por alguns dias as principais questões entre passado e presente no que diz respeito às homossexualidades, políticas, práticas e disputas no Brasil de meados da década de setenta do século passado até aquele momento. Ainda que resumidamente, pensar as discussões daqueles dias - que agora estão organizadas em um livro²⁰ -, nos serve como guia, pois foram em sua maioria pensadas como avaliações das mudanças que por ora nos apresenta o novo, mesmo que com todas suas nuances. E é a partir dessa novidade, e eu diria visibilidade, que este trabalho surge.

Mas eu enfatizei a novidade a partir da categoria ‘visibilidade’. E por que visibilidade? Porque é a partir da visibilidade de uma questão em torno das homossexualidades, ou uma “questão gay” como pensa Ernesto Meccia²¹, que há um esforço nesse texto de pensar sobre o que existe de novo a partir da constante publicidade de tal questão na linha de frente das diversas transformações – e não podemos somente falar de transformações já que estas estão em diálogos com conservações -, sociopolíticas. Há uma reconfiguração da paisagem sócio espacial a partir do agenciamento de corpos construídos e em construção em torno de sexualidades dissidentes no Brasil das últimas décadas. O sentimento de visibilidade, preponderante a partir dos anos noventa e que hoje nos impõe um receituário de questões relativas às homossexualidades (TREVISAN, 2007), insiste em nos convidar a pensar a partir de novas experiências, impondo uma percepção destas como colonizadoras de espaços públicos cotidianamente recompostos. São esses espaços públicos, aqui incluindo não só as redes físicas de sociabilidade, mas também

²⁰ Após o evento, Leandro Colling organizou o livro “*Stonewall 40+ o que no Brasil?*”, uma compilação de artigos e palestras realizadas durante o encontro.

²¹ MECCIA, Ernesto. *La cuestión gay: un enfoque sociológico*. 1ª edição, Gran Aldea Editores: Buenos Aires, 2006. v. 1, 197 p.

as redes virtuais públicas de sociabilidade, que abrigam essas experiências e é a partir dessa convivência que questões nos são impostas.

Pensar essas recomposições espaciais como transformações ou mudanças sociais nos convida também a pensar os processos. De modo que tenho como proposta a de refletirmos o processo, ou seja, o ‘entre’ que viabiliza as homossexualidades do agora, desse presente cheio dessa visibilidade, mesmo que produzidas somente em alguns destes contextos.

A produção na esfera da mídia, da política, dos estudos acadêmicos e do próprio cotidiano servem de base para a seguinte argumentação: vivemos um presente tangencialmente marcado por mudanças sociais engendradas em tempos e termos recentes. O que quero dizer com isso, de forma resumida, é que o presente que nos é contemporâneo é resultado de uma série de engendramentos produzidos a partir dessas esferas sociais citadas.

Observar aspectos dessas esferas pode nos dar a dimensão do que mudou. Essa observação justifica, por exemplo, a afirmação de que muita coisa mudou no que diz respeito a discursos e práticas sobre sexualidade.

Atento aos produtos da mídia como uma das esferas que constroem essa “novidade”, podemos perceber que esta tem se mostrado um poderoso campo de produção de conhecimento, assim como de manutenção e reprodução das convenções sociais sobre masculinidades, feminilidades, orientação sexual, além de raça, classe e geração, ao mesmo tempo que serve de espaço – ou palco – para mostrar mudanças que o cotidiano encarna no seu dia-a-dia, além de produzir realidades. A mídia – com seus meios de comunicação, refletem as profundas ansiedades de gênero que caracterizam a época atual e trabalham com essas ansiedades (CARVALHO; ADELMAN; ROCHA, 2007, p. 124). Um bom exemplo para essa argumentação são as telenovelas no Brasil, sobretudo as da Rede Globo de Televisão, e o papel desempenhado por essas produções no cotidiano dos brasileiros e de jovens brasileiros de todas as camadas. As telenovelas no Brasil são responsáveis por um imenso volume de trocas simbólicas e materiais em dimensões globais, assim como outras narrativas midiáticas que também servem de pedagogias culturais capazes de cristalizar ou desestabilizar noções de gênero e sexualidade (PELUCIO; Larissa *et al.* 2012).

Desde a década de oitenta do século passado que esse veículo midiático – tido como típico e melhor produzido pelo Brasil -, retrata homossexuais (CERQUEIRA, 2010; COLLING, 2012) de diversas maneiras. É claro que não é só nas telenovelas que as questões de dissidência sexual são representadas cotidianamente, mas são nesses produtos – e devido ao apelo que estes conseguem popularmente -, que essas questões mais produzem sentidos na vida dos brasileiros, e mais diretamente dos adolescentes brasileiros (BORELLI, 2001).

Nos últimos dez anos, tanto na TV como no cinema e em micro séries, temos assistido a uma crescente visibilidade desses corpos flamejantes imbuídos de homossexualidades. Lembro-me bem do primeiro beijo gay da Rede Globo que não aconteceu, mas que gerou grande burburinho em diversas mídias.

Pensar o lugar que um beijo entre dois homens numa novela exibida pela rede de canais mais poderosa e amplamente assistida tem na vida de diversas famílias, é o mesmo que pensar o lugar da questão gay no cotidiano dos brasileiros. A tal visibilidade chega a seu ápice midiático. Querendo ou não, famílias diversas foram obrigadas a não só assistirem, mas comentarem ou ver comentários sobre a cena.

Se “a vida imita a arte muito mais do que arte imita a vida”, diante da celeuma do beijo gay nas telenovelas do Brasil parece-nos lógico acreditar no oposto – Oscar Wilde que nos perdoe -, mas as reconfigurações que vivenciamos no presente são tão expressivas que, por exemplo, a diversidade sexual passa a ser tematizada nas vias públicas das políticas institucionais (GARCIA, 2010) de governo e partidos em disputa eleitoral. O exemplo disso pode ser observado nas disputas que envolvem as causas LGBT²² diante das urnas nas três últimas eleições no país.

Embora o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) tenha deixado a desejar e decepcionado bastante no que diz respeito a direitos humanos, é desde 2003, com a entrada do PT no governo que houve alguns avanços ligados à questão gay. Apesar de sua aliança com o Partido da República (PR), de líderes evangélicos, os petistas conseguiram realizar duas Conferências Nacionais LGBT (2008 e 2011), criar uma Coordenação de Promoção dos Direitos LGBT, um Conselho Nacional LGBT e o programa Brasil Sem Homofobia (2004), além de fazer um pacto com os movimentos sociais para garantir a transversalidade das questões LGBT nos ministérios e secretarias do governo federal.

Ao mesmo tempo em que em 2013, através de uma negociata em prol da governabilidade, o governo da presidenta Dilma Rousseff deixou a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal (CDHM) ser presidida pelo deputado federal e pastor Marco Feliciano, que firmou diversos entraves às questões LGBT entre outras, como o aborto, por exemplo. Porém, em se tratado de disputas em torno dessa famigerada questão, parece comum ter os direitos LGBT em jogo em diversos âmbitos da política nacional. Ainda sobre a Comissão de Direitos Humanos, em 1997 foi negada a discussão sobre o projeto de Lei da então deputada Marta Suplicy. Quase 10 anos antes, na Constituinte de 1988, votou-se quase que unanimemente contra a inclusão que proibia a discriminação por orientação sexual, o que ficou conhecida como “emenda dos veados” (TREVISAN, 2007).

Entre passado e presente vemos conjugar-se um conjunto de medidas em prol e, sobretudo contra as pautas da comunidade LGBT no Brasil. Há de se considerar os avanços e retrocessos dessas questões, observando o quão público se tornou essa questão nas pautas políticas e, como os LGBTs se tornaram moeda de troca valiosíssima no mercado eleitoral.

²² Sigla que representa algumas das identidades envolvidas no movimento social em prol das questões de diversidade sexual no Brasil: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais.

Ainda durante o *Stonewall 40*, ficaram bastante marcados os lugares de fala que foram se construindo ao longo de décadas. A isto está relacionado o contexto de surgimento de uma identidade gay no Brasil, seguida de um movimento social que lutasse a partir dessa identidade.

Uma identidade gay pouco fazia sentido nos círculos cotidiano de sociabilidade até o final dos anos 1980 (GREEN, 2000; TREVISAN, 2007; MACRAE, 2014). A partir de relatos de pessoas que viveram nesse período fica bastante claro como o termo gay aparece de forma mais forte após o surgimento do HIV/AIDS e a partir de um conjunto de pessoas ligadas à uma elite – sobretudo intelectual.

Em algumas entrevistas que realizei com pessoas dessa geração de 80, por exemplo, quando questionadas sobre se, à época, afirmavam-se como gays, todas elas me negaram. Trazem a identidade ‘entendido’ como suporte às suas classificações dissidentes à norma na época. “*Não existia esse negócio de gay, a gente era entendido*”, afirma Fernando Souza, dono de um bar no Centro de Salvador. Quem participava do movimento social teve acesso imediato a esses termos, que por seus contextos, faziam sentidos em suas vidas (CERQUEIRA, 2014).

Daí nasce toda uma construção de um movimento, de fato, homossexual no Brasil, que seguindo os contornos da luta mundial pelas minorias sexuais e lastreado no movimento feminista da década de 1960 e 1970, surge no final da década de 1970 e início de 1980, período em que o Brasil passava pelo período de abertura política. Edward Macrae (2011) nos alerta que quando começou a fazer sua pesquisa sobre homossexuais no final dos anos 1970, a ditadura imprimia forte censura,

mas a questão era muito interessante, pois foi um período do Médici, época em que se consolidou a derrota da luta armada. Os jovens naquela época estavam muito perdidos. Uma parte dessa repressão era forte pelos costumes, e havia uma preocupação com os valores da família brasileira, esse tipo de coisa. Então, nessa época, desenvolveu-se a contestação cultural [...]. As pessoas não podiam se rebelar completamente contra o sistema político, de forma que elas se rebelavam contra o sistema moral. E essa moral fazia parte da propaganda do governo brasileiro, fazia parte do seu sistema. (MACRAE,2010,p.153).

E é sobre esse sistema moral que as lutas imprimem forças. O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) fazia parte do conjunto de novos movimentos sociais (GOHN, 2001; TOURAINE, 2007), que tinham nas identidades o seu mote de reivindicações. O incipiente MHB, a partir de articulações no sudeste do país e depois sua abrangência para outras regiões, tinha um perfil mais metropolitano, de classe média, branca e com certa educação formal. Mas que fica marcada pelo surgimento da epidemia de HIV/AIDS, fator que é fundamental para o entendimento das articulações entre questões gays, governos e transformações sociais. É aí que o Estado, diferente de outros países, entra na discussão, ou podemos pensar que é a partir do HIV/AIDS que as questões gays entram no Estado, através da porta da Saúde, da preocupação do Estado em controlar a “peste gay”.

Outro elemento importante na configuração da questão gay no Brasil são os estudos acadêmicos. Regina Facchini em sua comunicação no *Stonewall 40*, chama atenção para o curioso fato de que muitos professores passavam a ter a sexualidade como tema de seus estudos e pesquisas somente depois de concursados. E isso mudou ao longo dos tempos. Essa pesquisa, e minha própria história, são exemplos disso. Lembro também de um amigo sempre me dizer que em primeiro lugar tinha ido estudar teoria social, de modo que ganhasse notoriedade por esse tema que as ciências sociais priorizam e depois disso passou a estudar as “viadagens”.

Facchini ainda fala da expansão de grupos de pesquisas e militantes, dentro e fora das universidades. Como isso tem se consolidado no Brasil, sobretudo após as políticas do programa Brasil sem Homofobia, de 2004. Embora a sexualidade tenha tido destaques em inúmeras pesquisas ao longo do século passado no Brasil - a exemplo dos trabalhos de Gilberto Freyre que já falava de sexualidade e de sua importância -, é somente a partir da década de 1990 que os trabalhos com esse tema ganham contornos culturais em detrimento às pesquisas da medicina e das disciplinas *psi*²³.

Durante os dias do *Stonewall 40* e os demais eventos que pude participar logo em seguida, o clima era de disputa entre dois pólos: os acadêmicos e os militantes, como se essas duas coisas estivessem dispostas flutuantes no universo. De um lado a produção de conhecimento do movimento social, a que se diz parte da realidade e por isso mais verdadeira; do outro, aqueles dizeres que a academia produz; a *Teoria Queer*, que para o professor Luiz Mott (2010), não passa de uma moda, como tantas outras que já se passaram.

Deixando de lado essas polaridades, pois entendo que a academia não apenas escreve sobre a sociedade, mas conversa com esta sociedade que é ela própria, essa disputa é mais um traço marcante de como a discussão a partir das homossexualidades ganham outros espaços dentro das instituições do Estado.

O que podemos notar, por exemplo, é que o evento ao que me refiro, na construção desse diálogo, foi financiado com recursos do Secretaria de Cultura do Estado, não mais de recursos da área da saúde, onde, atrelada ao HIV e outras DSTs as homossexualidades estiveram, desde a década de 1980, vinculadas. Esse é também mais um marcador de mudanças sociais significativas, já que se nos voltarmos ao surgimento do movimento social e seus primeiros passos na politização de sua causa, devemos considerar o que Larissa Pelúcio chama de ‘cidadanização’, ou seja, a cidadania através da AIDS. Para Miskolci (2010) os tempos são outros, sim, e o resultado disso não passa apenas pelas lutas dos movimentos sociais, mas de um momento histórico que possibilitou isto, e esse momento baseia-se nessa tríade: “*Estado, movimento social e produção do conhecimento acadêmico muito marcado pela questão da AIDS*”.

Um estudo sobre o movimento homossexual no Brasil pode sim desenhar os contornos da questão gay no país, e temos diversos estudos (FACCHINI & SIMÕES, 2009) que elegeram essa temática como central, mas segundo Trevisan (2007), uma análise da homossexualidade

²³ As disciplinas da psicologia e psiquiatria, por exemplo.

no Brasil deverá perseguir muito mais “*os quintais das províncias, os banheiros*”, do que uma análise histórica de outros mecanismos públicos imbuídos de homossexualidades. Acredito que o diálogo entre categorias nos permite ampliar os entendimentos. Assim, não é sobre práticas institucionais que este trabalho estará atento. Estarei atento a outros conjuntos de práticas que constituem a história brasileira e que conforma esse “entre” que busco com essa pesquisa. Esse elo pode ser encontrado através de relatos de práticas dissidentes e suas conformações ao longo das décadas. Sobretudo em Salvador, onde os relatos de usos de espaços pelas homossexualidades ainda são pouco documentados.

Edward Macrae em sua apresentação no *Stonewall 40* fala que desde 1995, quando passou a morar na cidade de Salvador, “*muita coisa mudou [...]. Hoje temos uma visibilidade comercial LGBT muito maior do que havia anteriormente [...]*”. Para Macrae “*hoje podemos sair por aí com certa liberdade até recentemente inusitada*”. No mesmo evento, uma militante travesti relatou que é muito mais feliz por poder “*andar assim [travestida] entre o Pelourinho e a Barra*”.

Ao entrevistar pessoas que vivenciaram a noite gay em Salvador no final da década de 1970, e que até hoje participam dessa sociabilidade, me foi apresentada uma cartografia desenhada numa pequena extensão territorial, mas bastante diversificada e intensa (CERQUEIRA, 2014). Embora meus interlocutores costumem circunscrever essa sociabilidade baseada na ideia de ‘noite gay’, eu acredito que o que me relataram caberia muito mais na expressão ‘noite dissidente’ do que lastreado na identidade gay. Para Marina Garlen, transexual que vive em Salvador desde finais dos anos 70,

a Carlos Gomes era lotada de bares e pessoas, de segunda a segunda eu fazia shows aqui. Era muito bom, era muita gente, mas ninguém saía de casa e dizia que ia para bar gay, festa gay, boate gay, não... a gente ia na rua e ia encontrando pessoas que era parecidas com nós, não tinha assim um nome.

Fernando Souza e João Figuer também me relataram que as noites era bem cheias e que embora houvesse um número grande de bares, todos estavam sempre cheios. “*As pessoas não ficavam se esfregando na rua. Você não via viado de mão dada passando aqui. Tudo que se fazia era dentro dos bares. Para isso que existiam os bares*”, me relatou Fernando (ibidem, p. 9).

Tanto Fernando, como Figuer e Marina trazem em seus relatos sobre as experiências em espaços de sociabilidade gay de Salvador a ideia de uma abundância de oportunidades a serem vividas na noite que consideram como gay. Para Figuer, o machismo que imperava na sociedade da década de 1980 dava o tom da ‘brincadeira’. “*As pessoas sabiam que só poderiam viver as homossexualidades dentro das boates*”. Fernando, por outro caminho nos diz algo parecido quando afirma que “*para isso que existiam os bares*”, ou seja, você poderia ser gay, você poderia ser lésbica, você poderia viver sua transexualidade desde que dentro dos bares, dentro

das boates, com as luzes apagadas e com música alta. Quando a polícia chegava, nos relata Marina, era gritando “*acende as luzes, apaga o som! E todo mundo assumia o outro, o seu outro que deixávamos em casa com os nossos pais*”. Quando o machismo, o rigor moral institucionalizado da Polícia chegava, as homossexualidades tinham que apertar o botão de pausa. Hoje, e talvez seja disso que tanto Macrae como a militante falaram no *Stonewall 40*, as vivências homossexuais estejam em um contínuo *play*.

A militante transexual muito provavelmente traz para a discussão a possibilidade existente na atualidade de poder caminhar sob o sol do dia por uma região movimentada da cidade sem sofrer agressões diretas. Trata-se de um corpo que, ao transitar do Centro à Praia da Barra não passa despercebido, claro, há rasuras na paisagem comum do dia-a-dia, o que nos chama atenção é a naturalidade artificialmente produzida que esse corpo evoca.

Se no passado as fotografias descritas por quem viveu o período nos revelam uma juventude recém-adulta que encontrava em espaços diversos uma sociabilidade que ainda não era identificada enquanto gay ou homossexual, no presente podemos encontrar comumente jovens adolescentes que, assim como a militante transexual, agem com certa naturalidade pelos espaços da cidade evocando estilos de vida gay. Foi essa naturalidade que encontrei em uma tarde de domingo ao visitar uma boate no bairro do Rio Vermelho na qual aconteceria uma festa matinê: a *Brinks*.

Em uma conversa com um amigo morador do bairro, ao saber que estava estudando a sociabilidade homossexual em Salvador, disse-me que no Rio Vermelho nos dias em que essa festa acontece “*todo mundo já sabe, e diz, viu? ‘Hoje é dia de Brinks’*”. Isso porque, ao ver passar pelas imediações do Largo da Dinha até a praia da Paciência um número grande de jovens com suas roupas, penteados, acessórios e rebolado em conjunto, já se tem marcado a características desses moleques. “*É incrível, Caio. A gente vê de tudo no Rio Vermelho, né? Mas os meninos da Brinks conseguem subverter o que é subvertido*”, me relatou. Ainda nessa tarde, em um sábado de maio de 2013, ao chegar ao bairro, me deparei com um primeiro deserto – ruas vazias, aquela sensação de domingo. Mas, ao caminhar um pouco mais próximo à boate vi o espaço ser modificado pouco a pouco por corpos coloridos e cheios de vida. Suas performances muito me diziam: aquele era um dia de *Brinks!*

Em todas as paradas de ônibus via meninos e meninas, muito bem trajados, chamando atenção seja por conta de sua performance corporal, com trejeitos ligados ao que normalmente associa-se ao mundo das mulheres (no caso dos meninos), ou ao universo feminino, como um rebolado acentuado, movimentos de mãos mais frenéticos e gritos que remetem ao encontro da figura estereotipada da mulher quando encontra suas amigas. Enquanto que no caso das meninas, uma postura mais reservada, uma expressão facial mais séria, que remetem à seriedade atribuída ao universo masculino, por exemplo. Nas roupas, as cores e o conjunto de acessórios com muito brilho e cores vivas, davam o tom da juventude através dos símbolos que a moda juvenil tende a abordar de época em época. Todos muito bem produzidos. Continuei caminhando. Próximo ao Largo de Dinha um grupo com quatro pessoas conversavam. Três meninos e uma menina. Pareciam esperar alguém. Olhando em frente víamos a porta da boate

preenchida por jovens com roupas que chamavam atenção. Ficamos na fila que tinha aproximadamente cerca de 30 pessoas na nossa frente. Todos muito frenéticos, ansiosos e aguardando a entrada. Enquanto isso, gritavam com amigos que chegavam, saudavam uns aos outros, cantavam músicas diversas. De todos os ônibus saíam eles e elas. Muitos me fizeram acreditar que não tinham nem 16 anos. Fumavam, bebiam refrigerantes e coisas afins. As roupas eram extravagantes, a maquiagem perceptível no rosto de alguns, os grandes óculos, sapatos com meias coloridas. Muita bermudinha curta, bota e camiseta. Aqueles rostos em formação, com espinhas, alguns de bigodes, pêlos surgindo nos braços, barba rala. Alguns automóveis que passavam pela frente da boate paravam, olhavam e seguiam, outros nem paravam, apenas diminuía a velocidade por conta do fluxo de jovens na porta, na frente e na rua. A *Brinks!* que já havia começado muito antes, no Facebook quando o evento fora criado, tomava suas proporções agora no lugar, no espaço da boate, às 15h de um sábado de maio do ano de 2013.

Para Trevisan (2007) e outros diversos pesquisadores sobre sexualidade no Brasil, vivemos uma visibilidade mascarada numa aceitação da homossexualidade que se deu e continua a fluir através do consumo de bens e serviços (FRANÇA, 2007a, 2007b; SIMÕES, 2011). É inegável que o consumo gerou um conjunto de expectativas sobre ser gay, além é claro de gerar identidades em torno de sua prática capitalista. O consumo aqui gerou diversas identidades que são disputadas no cotidiano das experiências homossexuais. O nosso atual momento histórico de disputas entre movimentos sociais e acadêmica, como bem foi ilustrado pelo *Stonewall 40* é resultado, também, dessa aglomeração entre práticas homossexuais, consumo e visibilidade.

Não é à toa que os estudos que trabalham com marcadores sociais da diferença, tendem a mostrar realidades distintas sobre uma mesma identidade: gay, que até aqui sabemos ser contextual e hierarquizante (HALL, 2006, p. 87).

Para além das festas privadas voltadas para esse público gay *teenager*, há um outro movimento que demorei um pouco de ir visitar, e que embora não faça parte do *corpus* empírico desta pesquisa, serve para refletirmos este mesmo processo de visibilidade que circunscreve este trabalho. Trata-se de ‘encontros’ realizados em espaços públicos da cidade. Muito próximo daquele público que Marcelo Perilo (2012) etnografou para sua dissertação na cidade de Goiânia. A diferença, talvez, seja que o trânsito desses jovens com os espaços da boate seja menor. Eu não estive atento a esses jovens no cotidiano físico desses encontros, mas em alguns cruzamentos que fiz no Facebook foi possível perceber que havia pouco ou quase nenhum trânsito e encontro desses jovens nesses dois polos da cidade. O que, a meu ver, pode marcar uma questão de classe, ou apenas de posicionamento frente à geografia da cidade, já que esses encontros ‘públicos’ – em locais públicos como praças e praias -, acontecem em regiões bem distantes do centro da cidade como a Ponta de Humaitá e as praias de Vilas do Atlântico, na região metropolitana de Salvador.

O ‘Encontro do Humaitá’ e o ‘Luau de Vilas’ são dois eventos que acontecem em uma praça pública, o primeiro, e o segundo nas areias de uma praia. Organizados através da criação do evento no Facebook, ambos surgiram a partir de dois jovens de diferentes regiões e que

desejam reunir colegas da escola para encontros nos finais de semana. O que surge com a proposta de um encontro entre colegas, ganha dimensões bastante significativas do ponto de vista da quantidade de pessoas nas ruas, mobilizando os veteranos locais a olhar atentamente para o que vem acontecendo. Nos dois encontros na Ponta do Humaitá que participei, a frequência ficou em torno de 250 participantes, em uma mistura de meninos e meninas com afeminação/masculinização em seus corpos de maneira bastante evidente, o que leva a uma maior visibilidade daqueles corpos já que, como pude ouvir de um vendedor de água de coco naquele local, chama atenção a “*safadeza que essa juventude esfrega em nossa cara na luz do sol*”. No ‘Luau de Vilas’, o número de participantes no espaço físico do encontro parece ter sido menor, e eu acredito que isso tem ligação com o horário²⁴ que o encontro acontece, e talvez a sua visibilidade pública não tenha efeitos diretos nos veteranos locais, já que o encontro ocorre na beira da praia, em uma região onde à noite o movimento é pouco ou quase nenhum.

Embora não tivesse focado nesses dois espaços para a construção dos dados da pesquisa, pensar a existência de práticas como estas no dia-a-dia da cidade, serve também para pensarmos os deslocamentos feitos nas cenas cotidianas, onde adolescentes transitam com suas (homo)sexualidades à mostra, rasurando as paisagens outrora conformadas por práticas não dissidentes.

²⁴ O evento acontece durante as tardes.

Capítulo 2: “A vida até parece uma festa”

O objetivo deste capítulo é de apresentar a dinâmica de festas *matinês* que serviram como campo de pesquisa durante aproximadamente 24 meses de campo. Como já apresentado, esta pesquisa é resultado de uma conjugação de métodos de pesquisa, tendo como ponto de partida uma etnografia realizada em duas boates de Salvador. Essas duas boates – a San Sebastian e a Amsterdam – são os locais que agregaram e, ainda agregam, festas *matinês* para jovens da cidade. Embora a San Sebastian tenha sido a percussora na realização deste modelo de evento, foi a Amsterdam que ficou marcada pela sua característica de espaço de festas *teens*, tendo em vista que o espaço foi planejado para receber o grande número de festas *teens* que surgiram na cidade nos últimos quatro anos. Por isso, o foco será nas edições das festas que aconteceram nos espaços da Amsterdam Pop Club. Sem deixar, é claro, de fazer *links* com situações experienciadas também nos espaços da San Sebastian, onde, anteriormente à Amsterdam, essas festas aconteciam.

Para falar sobre festas, tanto na literatura antropológica como da sociologia, há um vasto conjunto de análises que levam em consideração diversos aspectos desse empreendimento (CAVALCANTE, 2013). Desde as ciências sociais clássicas com Durkheim e Mauss a nomes como Bataille, Callois e Bakhtin, as festas tem sido teorizadas e pensadas como um fato social de grande importância (ibidem, p. 2). Não tenho a pretensão de discutir minuciosamente os aspectos diversos que podemos observar em contextos de festas. Mas como é a partir das festas que nasce esse trabalho, é importante nos orientarmos quanto à importância das festas para biografias de jovens adolescentes na contemporaneidade em Salvador, já que, em uma perspectiva sócio antropológica investigar sobre a festa é compreender um pouco mais sobre nós mesmos e nossa vida em sociedade.

Alguns autores (DUVIGNAUD, 1983; PEREZ, 2004; ALVES, 2008) afirmam que a festa é um desses elementos que nos possibilitariam compreender o que liga uns aos outros, que por sua vez, potencialmente, cria vínculos, produzindo elos, pois pode ser considerada o “*re-ligare*”. Não seria preciso explicar o que é a festa nem o tipo de vínculo que ela constrói, mas o que acontece quando as pessoas se reagrupam nestes momentos privilegiados.

As festas, de modo geral, articulam, desarticulam e rearticulam elementos do nosso cotidiano, de nossas experiências históricas, de correntes de tradição. Para alguns autores como Cavalcanti (2013), as festas, ou as experiências nelas, podem estimular de modo mais ou menos consciente o trabalho reflexivo, produzir reinterpretações, críticas, reformulações, ou reinterpretações; propiciar aprendizagem de códigos sociais; estimular a produção de novas informações e perspectivas. As festas atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Podem envolver o encontro entre ricos e pobres; brancos e pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Elas não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face das coletividades que se superpõe a essas diferenças (CAVALCANTI, 2011, p. 82).

Para autoras como Léa Perez (2004), por exemplo, um aspecto importante é o de considerar toda festa um ritual. Para ela, toda festa deve ser compreendida a partir de sua organização, tendo um ritual, uma estética e etiqueta, mas ela não está restringida a esse ritual. Léa afirma que a teoria clássica sociologiza excessivamente a noção de festa, ao substantivar, essencializar e funcionalizá-la. Ancorada na teoria contemporânea da festa (a partir de autores já citados como Duvignaud), ela propõe uma desconstrução deste fenômeno, afirmando que é necessário tentar uma alternativa que não seja algo que tenha substância, essência ou função, tratar a festa como um ato sem finalidade, da ordem do gratuito.

As festas idealizadas pelos adolescentes com os que convivi por um período de mais de dezoito meses, longe de remeter a um mundo sem estrutura, sem lógica e sem códigos – como afirmam alguns autores –, constroem um mundo de possibilidades, de compartilhamento e bastante estruturado, onde a decodificação dos seus próprios códigos é fator essencial para a permanência e aceitação nos espaços da festa. O “outro mundo” que as festas instauram na vida dos/as adolescentes desta pesquisa é um mundo de possibilidades que extrapolam fronteiras e borram o seus cotidianos espaciais e existências. São produzidos em conjunto, muitas vezes entre espaços institucionais de forte tradição, como a família e a escola.

Assim como Léa, minhas incursões nas festas e no cotidiano de jovens frequentadores permitiram tirar, também, a conclusão de que as festas devem e podem ser tratadas como atos sem função, finalidade ou da ordem do gratuito. As festas que serviram de base para este estudo foram a *Brinks!* e a *Like It*. No entanto, a cena gay de Salvador nos brindou por um período com outras festas com uma proposta parecida com essas duas primeiras. “Como que para imitá-las”, segundo a fala de um informante, as demais festas surgiram e ganharam espaços na diferença que produziam para justamente se diferenciar da *Brinks!*. Muitas vezes o público era o mesmo, as músicas também eram as mesmas, mas pareciam precisar existir, sobretudo, para justificar a demanda pelo espaço que conquistaram para suas realizações – a Amsterdam Pop Club. Essas outras festas foram a *Oshe!* e a *Eike Absurda*. O que as unia era a vontade de adolescentes de diferentes origens produzir seus próprios espaços de sociabilidade a partir de um referencial básico: a música pop internacional e o trabalho de remixagem que é realizado pelos Djs, ambos fortes elementos para a vontade criadora desses eventos.

Durante boa parte do fim da minha adolescência, ouvia colegas, amigos e demais jovens de minha idade, não me excluindo desse grupo, reclamarem que as músicas na boate tinham somente uma batida eletrônica, excluindo o artista (sua voz) das canções. Deste modo, restava apenas, o “*tuntz, tuntz, tuntz*”²⁵. Isso muito nos incomodava. Queríamos ouvir a voz de nossa cantora favorita com os *hits* de sucesso. Tenho relatos de amigos que detestavam algumas boates e gostavam mais de outras justamente por essa diferença. A boate que deixava a música em sua forma original, ou mais se aproximava disso, agradava mais essas pessoas.

O que passei a observar é que essa é uma demanda de um público sempre mais jovem, ligado, sobretudo, a cultura da música pop americana, globalizada pelo canal de televisão MTV (music television) na década de 1990 - os fiéis fãs de grandes nomes da musica pop

²⁵ Onomatopeia para descrever o som das batidas na música eletrônica.

internacional dos finais dessa década e anos 2000. Percebi esse mesmo posicionamento por parte dos adolescentes desta pesquisa, na afirmativa de que a música da festa é o que os convida a lá estarem.

O diálogo abaixo ajuda a confirmar o que percebi. Em uma tarde de feriado, na festa *Brinks!*. Enquanto esperava na porta para entrar, na fila, alguns meninos conversavam sobre diversos assuntos, sendo um deles justamente sobre as músicas.

A1: Nossa, mas que fila é essa? Demorando... que chatice.

A2: É, é sinal de que lá dentro está cheio, viu? Quando a fila fica assim...

A2: Ahhh, sei disso não! Acho que tá é vazio... Será?

A1: Se tiver vazio eu até agradeço. Só tem gente feia mesmo, né? Affff, ôoo festinha, viu?

[todos dão risadas]

...

A4: Menino, você já ouviu (música que não entendi o nome) de Minaj?!

A3: A do clipe novo?

A2; A3; A1: Ah! Claro!!!

A4: Hahahahaha, delícia, né? Adóranndo.

A1: Você não sabe o babado...

A4: Olhe, eu adoro o setlist da Brinks, viu?

A3: Verdade, não tem igual. Tomara que toquem “Where have you been”... ainnn.

A4: Ahhh, eu gosto mesmo da Brinks porque não saio daí exausto, saio bem e feliz. Só toca as músicas que a gente pede no Facebook.

O fato de A1 dizer que agradeceria se a festa estivesse vazia, demonstra o quanto a sua intenção naquele espaço, estava, mesmo que não totalmente, mediada pelas músicas que poderia ouvir e dançar durante o evento. Não havia uma preocupação pela busca de prazeres em paqueras, por exemplo. Para confirmar isso, observei A1 durante a festa para poder encontrar elementos que negassem a sua preocupação única e exclusiva pela música. De fato, não encontrei. Mesmo em situações onde seus amigos estavam todos beijando ou conversando com outros meninos, A1 manteve-se alheio à situação, curtindo e dançando o que era tocado pelos DJs. Em outros momentos – e outras festas – observei outros sujeitos, que mantinham esse discurso e suas práticas era bem parecidas²⁶.

Na festa, além das músicas pop internacionais, o pop nacional, o famoso e atualizado tecnobrega na voz de cantoras como Gaby Amarantos ou dos interprestes da Banda Uó, assim

²⁶ Não quero com isto afirmar que os sujeitos desta pesquisa frequentavam as festas única e exclusivamente com a intenção de curtição através das músicas. Estudos recentes de sociabilidade homossexual em várias regiões do país tem demonstrado os elementos da paquera nesses espaços. Para maiores detalhes ver Isadora Lins França (2007; 2012).

como alguns funks e *hits* que estouraram na internet, compõem a *playlist* dos e das DJs que se revezam na animação da noite.

Amsterdam Pop Club: agregadora de festas *tens*

Em 2011, após o estabelecimento das várias festas para adolescentes, tanto na San Sebastian, como na Off Club, e no Europa Bar, o grupo San Sebastian comprou um espaço na região dos Aflitos (Centro) onde já aconteciam festas periodicamente (o Bahia Café Aflitos) e montou a “nova boate de Salvador”²⁷, que, na fala dos sócios proprietários, tinha como objetivo “ter um espaço bem preparado para atender a um [crescente] público jovem [...] da cidade e que não tem lugares exclusivos para se divertir. A proposta musical é completamente diferente da San Sebastian, mas a qualidade de serviço e atendimento será a mesma”.

Conforme o relato dos donos da boate, a Amsterdam Pop Club surge a partir do crescimento do público jovem (leia-se, adolescente) consumidor na cidade a partir das festas *teen*. O caráter diferenciado entre as duas boates do mesmo grupo marca, também, a necessidade de se diferenciar do público alvo e de origem da San Sebastian. Instalada em região com uma vista privilegiada, a Amsterdam se tornou referência de espaço leve, tranquilo e frequentado por jovens adolescente. Embora tivesse essa marca, a curiosidade do público adulto culminou com a realização de algumas festas diferentes das que eram comuns em sua agenda.

Em sua análise sobre o espaço, Doreen Massey (2008) o concebe como contingencial, inacabado e imprevisível. Essa é uma pressuposição que aproxima-se de Heidegger, já que para este não existe uma separação entre ser e mundo, o ser (*dasein*) só existe lançado no mundo (*ser-no-mundo*). Deste modo, o espaço sempre será produto de inter-relações que possibilitam multiplicidades de presenças permeadas de sentidos entre si. O espaço, assim, se faz com o tempo - ele jamais rende-se aos sentidos que orientaram o edificar de suas estruturas. O espaço depende de fazeres que vão produzindo sentidos. Sentidos que com o tempo se tornar mais e mais rotineiros até impregnar aquele local por um sentido comum a uma comunidade de transeuntes e cidadãos. Por certo, que essa dinâmica é tanto criadora de uma identidade para a Amsterdam, mas os pressupostos e as “demandas” que a criaram, respondem por essa identificação também.

As festas que a Amsterdam Pop Club passou a realizar se dividiam em edições noturnas, para maiores de idade, e edições *matinês*, que aconteciam a partir das 15 horas e seguiam até no máximo as 22 horas. Os relatos deste trabalho se baseiam tanto em festas *matinês* quanto em festas noturnas.

Hoje é dia de Brinks!

²⁷ “Nova boate de Salvador será inaugurada nessa sexta, dia 12” disponível em <http://liciafabio.com.br/nova-boate-de-salvador-sera-inaugurada-nessa-sexta-12/> <acesso em 10 de novembro de 2014, 0h45>

Chegando de ônibus, desci próximo ao Teatro Castro Alves, no Campo Grande. Por ali, em todas as paradas de ônibus avistei meninos e meninas, muito bem trajados, chamando atenção, seja por conta de sua performance corporal, jeito de corpo, roupa, acessório, cabelos, cores. Era como se a cidade estivesse parada para que os jovens da *Brinks!* Pudessem passar. Era como se tivéssemos apertado o botão de pausa para vida cotidiana, e o lugar/espço fosse agora apenas dos 'brinkmâniacos'. Continuei caminhando, em direção ao Largo dos Aflitos e um grupo com quatro pessoas conversavam. Três meninos e uma menina. Pareciam esperar alguém. Em seguida encontrei com uma amiga que me esperava do outro lado da rua, ela me acompanhou por algumas horas na festa. Olhando em frente víamos a porta da boate preenchida por adolescentes (DIÁRIO DE CAMPO, dia 18 de agosto de 2013).

Nesse dia, ficamos na fila por algumas horas. Aproximadamente trinta pessoas estavam na nossa frente. Todos e todas muito frenéticos/as, ansioso/as e aguardando a entrada. Enquanto isso, gritavam em direção de amigos/as que chegavam, saudavam uns aos outros, cantavam músicas diversas. De todos os ônibus saíam eles e elas. Muitos me fizeram acreditar que não tinham nem dezesseis anos. Fumavam, bebiam refrigerante e coisas afins. Observar esses jovens me senti estranho. Identificava neles algo que já tinha vivido. As roupas extravagantes, a maquiagem perceptível no rosto de alguns, os grandes óculos, sapatos com meias coloridas. Bermudas curtas, botas e camisetas. Aqueles rostos em formação, com espinhas, alguns de bigode, pelos surgindo nos braços, barba rala. Todos esses elementos me remetiam ao meu passado. Mas um passado que para mim é/pode ser ainda muito recente. Coisas que aconteceram há quatro, cinco, seis e no máximo sete anos atrás, mas que se pensamos em termos de meses/dias/anos, parece muito recente. O que na verdade estava sentindo era um fosso geracional extremo. Embora acreditasse estar muito próximo deles pela idade, eu com 24, muitos deles e delas dos 16 aos 20, sentia uma grande diferença entre meu gestual, meu comportamento, minha apresentação e a deles.

Em todas edições de *Brinks!* era garantida a lotação máxima da boate. Os adolescentes buscavam nos diferentes espaços da boate articular passos de dança das músicas, compondo diversos grupos que duelavam entre si.

No meio da pista uma espécie de palco permite que alguns subam e dancem ali em cima, chamando um pouco mais a atenção dos demais. Lembro-me que da hora que cheguei até a hora que sai, muitas pessoas passaram por aquele palco, mas apenas uma, pude notar mais detidamente, esteve ali por aquele tempo todo. Quem se arrisca subir no palco central costuma fechar, ou seja, fazer passinhos das músicas, dançar languidamente, abraçar os amigos, chamar muito atenção dos demais presentes (DIÁRIO DE CAMPO, 13 de setembro 2013).

Like It: imitar a brincadeira

A festa *Like !t* foi criada por dois adolescentes a pedido dos donos da Boate Off Club. Segundo André e Mario, essa festa tinha como objetivo criar um espaço onde adolescentes pudessem se divertir nos espaços da boate durante o dia, já que à noite a entrada era restrita a maiores de idade. Inspirada na já existente *Brinks!*, a *Like !t* era descrita em sua página no Facebook como uma festa onde a “*discotecagem e diversão [estavam] aliadas à inteligência e estratégia*”.

Em se tratando de público, a *Like !t* pouco – ou nada – se diferenciava da *Brinks*. A não ser no imaginário de alguns, e até através das disputas envolvendo os frequentadores das duas boates distintas em que as duas festas surgiram, o público era praticamente o mesmo. Após a aglutinação das festas *teens* na Amsterdam Pop Club, esse imaginário de diferença de público (a *Brinks* com um público de poder aquisitivo maior e a *Like !t* com um público permeado por jovens de poder econômico menor), se perdeu. A única diferença, que por alguns momentos criava esse imaginário de diferença via o seu público, estava nos idealizadores das duas festas. O idealizador da *Brinks*, morador da Graça, estudante de uma faculdade particular da cidade, se diferenciava dos outros dois garotos – idealizadores da *Like !t* -, moradores de bairros populares (Liberdade e São Caetano), estudantes ainda do ensino básico em escolas públicas da cidade.

Nota-se uma diferença entre a *Like !t* e a *Brinks* também pelos seus temas e publicidade. Enquanto que a *Brinks* investia em temáticas que traziam elementos da cultura pop internacional, a *Like !t* era produzida a partir de acontecimentos que se tornavam virais na internet, e também, de temas da música nacional, como o funk, o pagode e o axé.



Figura 1: Festa Like !t. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/festalikeit/>>



Figura 2: Festa Brinks. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/brinksparty/photos/>>

Outro elemento caracterizador das festas, e que ao mesmo tempo as diferenciam, é escolha por temas que privilegiem artistas nacionais e internacionais.



Figura 3: Festa Brinks. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/brinksparty/photos/>>



Figura 4: Festa Brinks. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/brinksparty/photos/>>



Figura 5: Festa Like !t. Edição com participação da funkeira MC Xuxu, que tem feito sucesso a partir do funk ostentação. < Disponível em <https://www.facebook.com/groups/festalikeit/>>



Figura 6: Festa Like !t. Edição com participação de uma *Drag Queen* que ficou conhecida nacionalmente devido à participação em um *reality show* para a internet no Brasil. < Disponível em <https://www.facebook.com/groups/festalikeit/>>

Através dos *banners* de publicidade das festas da brinks, disponibilizados na página do Facebook, no grupo e no próprio evento que dá vida às festas, quando pretende homenagear algum artista com o tema da festa todos os artistas são internacionais, como a cantora Britney Spears (Figura 3) e a musa recente do pop internacional Miley Cyrus (Figura 4). Já nas figuras 5 e 6, os artistas ou celebridades instantaneas da mídia são todos do Brasil, popularizados pelos seus vídeos compartilhados na internet.

Embora existissem algumas diferenças na organização da festa, e em alguma parte em seu, não havia, de fato, diferenças demasiadamente consistentes entre as duas opções. Como as duas festas tiveram suas origens em boates diferentes (a Off Clube e a San Sebastian), havia uma ideia de que a *Brinks* era mais sofisticada do que a *Like !t*, isso devido ao fato da San e da Off serem boates com um público frequentador diferente. A Off é tida como mais popular que a San, que agrega um número maior de gays brancos, da elite soteropolitana²⁸. Em verdade, os

²⁸ Embora esse seja um argumento corriqueiro, acredito que é muito mais imaginário do que real, tendo em vista que, como já defendi aqui, existia uma mistura muito grande entre os públicos das duas boates.

mesmos adolescentes podiam ser encontrados em ambas festas. Participavam dos mesmos grupos e demonstravam ter os mesmos interesses musicais também. Prova disso é que as edições das festas aconteciam mensalmente e era de costume encontrar os mesmos jovens sempre nas duas edições.

A *Like !t* continua a realizar timidamente as suas edições na Amsterdam Pop Club. Os idealizadores da *Brinks* costumavam se referir à festa como imitação (da *Brinks*). Diziam que a produção da *Like !t* imitava a brincadeira. Com a duração da festa no tempo, em contraposição ao fim da realização da *Brinks*, parece que imitar a brincadeira deu certo.

Festas temáticas: roupas, fantasias, alegorias

Uma característica que define o público da *Brinks!* está na performance corporal baseada nos temas de acordo com a festa. Nos dias de festa o corpo é o local onde as referências do mundo pop²⁹ precisam estar inscritas para fazerem sentido no decorrer dos espetáculos de interação entre espaço, música, pessoas e referências.

Como os eventos são sempre criados a partir de referências a acontecimentos da internet – como vídeos que se tornam virais devido a sua ampla divulgação –, subcelebridades que muitas vezes surgem desses vídeos e a referências do mundo da música pop internacional, as produções estão sempre baseadas nessas temáticas.

Arriscaria dizer que assim como sabemos quais são os dias de *Brinks!* através das performances corporais que transformam os espaços próximo à boate, podemos também afirmar que esses corpos em movimento se modificam e produzem um estilo característico. Saber que “*hoje é dia de Brinks*”, vai muito além de olhar a porta da boate e ver que ela abriu durante o dia, logo haverá ali uma festa matinê, logo teremos uma edição da *Brinks!* – ou da *Like it!*. Está, também nesses estilos, baseado em jeitos de corpo, que criam os “frequentadores” dessas festas.

Júlio Simões et al (2010), ao trabalhar com a ideia de jeitos de corpo, parte da categoria estilo, que a partir da perspectiva de Hebdige (1988), que pensa a noção de estilo como arranjos voltados à produção e performance de corporalidades que “lidam com valores e representações associados a marcadores de diferença, reelaborando contextualmente seu significado e seu impacto nas interações sociais” (HEBDIGE, 1988 *apud* SIMÕES et al, 2010). Em seu artigo intitulado “Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo”, Júlio Simões afirma que o estilo é um jeito de “*dar-se a ver*” em público, uma forma de encenação e comunicação. Para o autor, essa concepção abre espaço para considerar formas de produção de subjetividades e identidades por meio de um esforço (sempre parcial e

²⁹ A música *pop* (popular) é geralmente entendida como a música gravada para fins comerciais, muitas vezes direcionada a uma audiência juvenil e que em sua maioria consiste de canções relativamente curtas e simples com o uso de inovações tecnológicas para produzir novas formas de composição em temas atuais.

inacabado) de articular anseios, interesses e expectativas de autoimagem pessoal e coletiva a determinados objetos, corpos e práticas significativas.

É o que acontece com os jovens produzidos a partir dos temas das festas. Chama atenção a preocupação, sobretudo, com os cabelos. Desde os rapazes de cabelo crespo, assumindo um estilo *blackpower*, até os que fazem uso de química, como alisantes de diversos tipos e um corte ousado, com uma franja avantajada e um veó, é possível perceber toda a parafernália criada para estar dentro do estilo que a festa demanda. As pinturas com tintas laváveis, ou a partir da técnica do papel crepom, com cores diversas que vão do vermelho ao loiro, passando pelo verde e azul em tons neon, são bastante exploradas em todas as festas. Os cabelos parecem estar sempre pautados numa estética que privilegia ‘chamar a atenção’ – ou ‘fechativo’³⁰. Seja através das cores ou dos cortes e penteados, eles sempre estarão vinculados à temática da festa. Mas não são só os cabelos que recebem todo cuidado, a escolha da roupa, dos acessórios e da maquiagem são elementos importantes e que fazem parte do ritual de produção.

Quando o evento é criado no Facebook, e passa então a existir, com data, horário e tema especificado, é hora de começar a pensar em qual *look* montar. Acompanhei em quase todos os eventos criados uma preocupação muitas vezes exacerbada sobre o que iriam vestir e como arrumariam os cabelos. Uma verdadeira troca de informações e dicas para montar a performance digna de respeito entre os frequentadores da festa. Alan, um garoto de dezesseis anos, era sempre quem liderava as postagens e comentários sobre essa questão. Na edição da *Brinks!* de sete de setembro (feriado nacional em referência ao dia da Independência do Brasil), ele criou um postagem onde queria saber como as pessoas iriam vestidas para a festa. Após mais de trezentos comentários, em menos de uma hora, Alan comenta, desesperado, que gostaria muito que alguma costureira estivesse trabalhando na manhã do dia seguinte (feriado), pois a sua roupa ficara incompleta e seriam necessários alguns ajustes para fazê-la completar.

Há sempre a preocupação de estar o mais próximo possível da proposta da festa e os/as jovens não medem esforços para criarem as melhores performances.

Na festa, presencialmente, podemos perceber o quanto diversos são os usos desses acessórios. As roupas, justas ou mais folgadas, com camisetas brilhantes e transparentes e as calças, trazem uma profusão de detalhes, como zíperes e bolsos extras, sempre a fim de chamar atenção o máximo possível.

Os sapatos coloridos, acompanhados de meias também coloridas e extravagantes

³⁰ “Fechativo” pode ser considerada uma expressão que surge de outra, o verbo “fechar”, para tratar de algo, alguém ou alguma coisa que causa estranhamento, que chama bastante atenção em algum contexto. Não sei a origem do uso da palavra “fechar” com esse significado, mas, enquanto gay e convivendo com gays desde minha adolescência, esta é uma expressão bastante comum. O uso da expressão “fechar”, “[está] fechando” e “fechativo” é um forte exemplo das trocas culturais entre grupos. A expressão tomou proporções fora do contexto LGBT, uma vez que percebo, já faz algum tempo, pessoas que não são “desse meio” empregando-a para explicar alguma situação impactante, ou a ação de algum indivíduo. Quando era adolescente, usar essa expressão era uma marca de havia ali indícios – ou certezas? – de uma cultura “entendida”/gay. Hoje em dia, a expressão amplamente utilizada, ganhou corpo em interações de pessoas de todas as idades e grupos e parece ter perdido esse elo que denunciaria a participação na “subcultura gay”.

passeiam pelo piso da boate. Os usos de sapato costuma fugir a regra mais básica do dia-a-dia. Lembro-me de Luana, que sempre usava uma meia calça cor da pele toda pintada com as cores do *banner* da festa, uma mescla de cores radiantes, sempre. O uso de suspensório costuma ser lugar comum em quase todas as edições da festa. Óculos costumam ser um dos acessórios que mais atraem os/as adolescentes. Muitos deles usavam os modelos sem mesmo precisarem, conforme me narrou uma garota que usava um modelo básico da Ray-ban na cor vermelho, "*faço uso porque é muito estiloso, mas nem tem grau*" (RAINE, do Diário de Campo, março 2013).

A maquiagem, assim como as meias, sempre mesclavam tons das cores dos *banners* utilizados para divulgação da festa. Cores fortes e com uma finalização neon eram as preferidas. As cores dos esmaltes e os *pierciengs* ajudam a compor todo o visual também. O uso de chapéus e bonés é algo muito constante também. Alguns usam com a aba para trás, outros para o lado e outros para frente. Os chapéus seguem o estilo panamá, muito na moda atualmente.

Uma edição da *Brinks!* Halloween me chamou bastante atenção pela grande quantidade de jovens que chegaram à boate com mochilas. Gabriela, garota de 16 anos, ao me ver na recepção pediu que segurasse sua mochila e que não deixasse ninguém pegar. A questioneei em tom de brincadeira sobre o que ela levava ali de tão valioso, e ela me respondeu que a guardasse como guardo minha vida. E saiu. Ainda na recepção, Eduardo, que sempre conversava comigo no Facebook, mas nunca tinha me encontrado pessoalmente, também chega com mochila e ao me avistar na recepção, corre para falar comigo. Após um abraço apertado, Eduardo me questiona: “- *Vai se produzir também?*” Digo que não, e informo que a mochila é de Gabriela. Por ali, só naquele dia, a maioria que chegava portava uma mochila ou bolsa com instrumentos para compor o visual. Essa não é uma característica exclusiva da *Brinks!* Halloween. Em todas as festas, em maior ou menor frequência, os jovens chegavam e saíam portando mochilas. Ela eram sempre revistadas pelos seguranças e liberadas. Em um caso ou outro vi elas servirem para portar bebida alcoólica e cigarros. Quando isso acontecia, era sempre solicitado pelos seguranças que esses itens fossem retirados, impedindo sua entrada à festa.

Em uma festa em comemoração ao novo disco da cantora Beyonce, cheguei ainda mais cedo e fui um dos primeiros a entrar na boate. Nesse dia fiquei um pouco na recepção e logo entrei para a pista para acompanhar as primeiras interações na pista de dança. Percebi que o primeiro local de encontro dos jovens, logo depois de rompida a fronteira entre a rua e a boate, era o banheiro. Corriam para o banheiro, acompanhados, é claro, de suas mochilas. Acompanhei com o olhar alguns desses jovens e percebi que demoravam no banheiro. A pista continuava vazia e decidi então ir ao banheiro ver o que acontecia. Ao chegar no banheiro masculino, encontrei vários meninos e meninas, com suas mochilas abertas, se maquiando, trocando de roupas, incluindo algum detalhe no cabelo ou pintando unhas. Uma dessas meninas, Soraia, que pintava as unhas sentada no chão do banheiro, próximo a uma cabine, me chamou, com um grito, de professor. Perguntei o que ela fazia ali no chão do banheiro masculino. Ela me respondeu que ali não havia separação e que era necessário concluir o “*look*” pois não havia dado tempo de fazer em casa.

Há duas³¹ possibilidades de análise sobre essa presença de mochilas nas edições das festas. A que se relaciona diretamente com os usos alegóricos dos trajes/fantasia e toda performance que estas atuações abrem. A mochila serve como espaço onde os recursos que montam as alegorias para a festa são transportados. Sem esse recurso o material da performance estaria incompleto, inacabado. A segunda possibilidade de análise estaria relacionada ao àqueles e àquelas participantes que não vem diretamente de casa arrumados com suas roupas especiais para a festa pelo constrangimento de usar roupas não normativas no dia-a-dia da cidade, seja pelos desconhecidos ou por pessoas próximas como os familiares.

O fato da inscrição “*hoje é dia de Brinks!*” comum a conhecedores da *Brinks!* devido a seu acontecimento e como o público chama atenção dos transeuntes, é facilmente percebida ao compreendermos como os usos de todo tipo de acessório que modifique o corpo são usados para estarem de acordo com o clima criado pelas festas. As alegorias tomam conta da rua e da boate, fazem parte da festa. São as festas.

Permissões não-legais: o álcool e o documento de identidade

Essas festas, e em especial a *Brinks!*, não eram somente acompanhadas por jovens adolescentes. O público adulto, embora em minoria, também as frequentavam. Por isso a boate vendia bebidas alcólicas, e fazia uma separação entre esses dois públicos através das pulseiras e dos próprios espaços das boate – nesse caso, quem era maior de idade e podia consumir bebidas alcólicas se dirigia para o camarote ou a área de fumantes, locais reservados, onde os menores não tinham acesso.

Marcelo Perilo (2012) faz observação parecida em sua etnografia sobre formas de sociabilidade juvenil no Parque da Vaca Brava em Goiânia. Embora não seja seu foco o estudo das festas organizadas, ele frequentou algumas matinês a fim de acompanhar seus interlocutores de pesquisa. Segundo Perilo, as fichas do caixa, no final da festa, eram todas com compras de suco e refrigerante, às vezes água. A estratégia utilizada por muitos dos jovens que frequentavam o Parque e a matinê era a de consumir bebida alcoólica antes de entrar no local. Na boate, por sua vez, e por motivos legais, não era permitido o uso de bebidas alcólicas. O relato de Perilo nos levar a perceber que a boate onde eram realizadas as matinês da cidade não se organizavam de modo a permitir, de fato, a permanência de jovens adultos, por exemplo, já que o consumo de outras drogas lícitas não eram permitidas, o que por si só já distanciava esse público.

A primeira vez que estive na festa matinê, antes de entrar, ainda na fila, questionei os seguranças sobre o uso de bebidas alcólicas, caso eu – maior de idade –, desejasse consumir.

³¹ O uso da mochila, em alguns casos, também revela a falta de liberdade de alguns desses jovens em seus contextos familiares. A produção para as festas eram sempre algo bastante inusitado, fugindo a qualquer decoração corporal mais extravagante. Além disso, o uso da mochila chama atenção para o fato de parecer que alguns desses jovens não tem a permissão de frequentar as festas, fazendo uso da mochila como meio de despistar os familiares sobre o que carregam e a relação disso com a situação a que irão frequentar longe de seus olhares. Foram poucos os casos assumidos de situações como essa, mas diante de realidades diversas de violência simbólica no contexto familiar, essa parece uma explicação possível.

Um deles me explicou a divisão dos espaços e completou: “*mas você pode colocar sua vodca na latinha de refrigerante e descer para pista, daí não fica preso a dois locais apenas. É uma alternativa*” (e riu). É provável que esta não seja uma dica que os seguranças dão somente para os maiores de idade que o interpelam sobre o assunto. O que observei é que esta era uma prática comum entre os adolescentes, além de ser possibilitar o consumo de álcool através de outras duas alternativas: por intermediação dos amigos mais velhos, que tinham acesso às áreas onde o consumo de álcool era possível, ou o uso de documentos falsificados para ter acesso à festa.

Quando as festas aconteciam no turno da noite, as conhecidas festas noturnas, era comum ter indícios do uso de álcool por parte dos jovens que eram legalmente proibidos de consumi-los. Ana Maria e Rogério, um casal de irmãos de entre 16 e 17 anos que encontrei em uma das edições da *Brinks!*, estavam descendo as escadas que davam acesso à área externa da boate, com uma linda vista para a Baía de Todos os Santos, quando Ana Maria se esbarrou em mim, derrubou minha garrafinha de água e vomitou em parte da minha calça. Com o susto, fui levado a segurar com força o cabelo da garota e pedir ajuda aos seguranças. O seu irmão, que apresentava estar bastante alcoolizado, a largou e sentou em um dos degraus da escada. Com a cabeça baixa não esboçou nenhum contato nem comigo nem com os seguranças. Ana Maria continuou a vomitar e parecia apresentar um quadro convulsivo. Um aglomerado de garotas e garotos se reuniram ao nosso redor para acompanhar o caso. Enquanto tentava ligar para o Serviço de Atendimento Médico de Urgência (SAMU), foi-me solicitado pelos seguranças da boate que não fizesse a ligação, pois não era necessário. Dois seguranças e uma senhora da limpeza carregaram Ana Maria para dentro do escritório da boate, local do qual a garota só saiu ao amanhecer, quando foi acordada pelo seu irmão, Rogério, que acompanhei durante todo o restante da noite. Após sairmos da boate, mantive contato com Rogério através do Facebook. Ana Maria quis muito me conhecer, pelo fato de ter vomitado em mim. Iniciamos longas conversas através das Rede Sociais e Ana Maria me confessou que tinha bebido muita vodca naquela dia. Em outras festas acompanhei com olhares os dois irmãos na festa, mas um caso como o daquele dia não mais ocorreu, com eles.

Bruno, um garoto de 15 anos que encontrei em uma festa matinê, apresentou um quadro parecido com o de Ana Maria. Enquanto estava em uma parte aberta da boate, onde atrás de uma parede reunia-se um conjunto de mictórios, fazendo xixi, percebi que ao meu lado um garoto caía. Era Bruno. Ao cair, Bruno bateu a cabeça em parte do mictório e ficou no chão. Corri em direção do garoto enquanto outras pessoas gritavam chamando os seguranças, mas Bruno não teve nada aparentemente grave. Ele estava acompanhado de mais dois amigos, Beto e Junior, que o levantaram e decidiram por sair da festa. Segundo Beto, ainda na boate, disse que Bruno era um viadinho que não sabia beber. E saiu da festa gritando isso: “*vumbora viadinho que não sabe beber... vumbora viadinho que não sabe beber*”.

Marcelo Perilo (2012) nos relata que o uso de álcool e outras drogas costumavam ser comum entre os jovens do Parque da Vaca Brava, mas que ao mesmo tempo havia uma fiscalização constante dos guardas da Guarda Municipal de Goiás que quando não apreendia garrafas e latinhas de cerveja, vodca ou vinho, inspecionavam mochilas e outros recipientes em busca de álcool e outras drogas.

Nas festas que frequentei, seja *Brinks!* ou a *Like It!* o uso costumava ser indiscriminado. Tudo aconteciam como se nada estivesse acontecendo, mas no findar da noite as imagens eram ilustrativas dos consumos dentro ou fora da boate. Nas escadas era possível encontrar jovens deitados e dormindo, seja por efeito do sono na madrugada, seja pelo uso de bebidas que baixavam sua resistência. Em todos os locais da boate onde o som era um pouco reduzido, era comum encontrar jovens sentados ou deitados, dormindo. As vezes, até mesmo na pista de dança, nos sofás e *puffs* presenciava corpos cansados e vencidos pelo álcool e pelo sono. Questionei a alguns seguranças com os quais matinha contato nas festas como os jovens bebiam tanto lá dentro. Era uma pergunta apenas retórica para perceber qual o local de fala deles. Sempre me respondiam que não sabiam e falavam: “*you know how it is, né?*”. Mas além de saber que o uso era facilitado, sobretudo pela dica que recebi do segurança (de colocar a vodka na latinha de refrigerante), flagrei uma conversa bastante interessante entre rapazes e o uso de documentos falsos, que claro, dariam acesso à eles não só a casa, mas ao uso de bebidas e outras drogas.

Em uma edição da *Brinks!* de final de ano (seria a última do ano), enquanto espera na imensa fila que se formou para a entrada na festa, escutei a conversa de um grupo de amigos,

B1: Gato, você vai entrar de maior ou de menor hoje?

B2: Ah, hoje vou de maior, e você?

B1: Eu também. Quero beber até cair.

(riem)

B3: Todo mundo vai entrar de maior hoje. Queremos beber e ir até o chão.

B4: Ah, eu vou de menor mesmo, não tenho dinheiro.

No diálogo, as expressões “entrar de maior” e “entrar de menor”, explicam como os adolescentes menores de idade burlam as normas da festa e participam das mesmas. Ainda nesse diálogo entre quatro amigos, vi um deles mostrando a qualidade do “material” (um documento de identidade – RG) falsificado.

“Meu pai vem me buscar às 21h30...”

Nas edições da *Brinks!* matiné, eu ficava bastante tempo do lado de fora antes de entrar na festa. Como elas sempre aconteciam em dia de feriado, a região da boate costumava estar mais vazia. Esse deserto favorecia a observação, pois os ‘donos’ da paisagem – por assim dizer -, eram os *brinkmaniâcos*, que surgiam de diferentes pontos e chamavam muito a atenção.

Foi assim que percebi que nesses dias alguns adolescentes chegavam trazidos em carros. Esse fluxo de carros que deixavam esses jovens na frente da boate era mais intenso quanto mais próximo do início fosse. Passei então a acompanhar a saída dos adolescentes da boate. Às vezes ficava na porta de bate papo com algum segurança ou o pessoal do caixa, a fim de perceber como ocorria o retorno desses jovens. Nessas edições, grande parte dos jovens saía após a ligação dos seus possíveis responsáveis avisando que já estavam na porta da boate esperando.

Esse fluxo de pais, mães e responsáveis no ir e vir de suas casas à boate a fim de levar e buscar seus jovens em festas que acontecem em boates gay da cidade, chama atenção enquanto característica desse ‘mundo novo’, transformado. Em alguns casos, os pais ou responsáveis legais não só recolham os filhos no final da festa, mas os acompanhavam durante a festa propriamente dita. Durante mais de 18 meses de campo, o que representa uma quantidade grande de festas frequentadas, encontrei alguns casos de avós e mães que estavam ali acompanhando seus filhos e/ou filhas.

Foi o caso de Marília, uma senhora de 62 anos, que encontrei algumas vezes na área de fumantes da San Sebastian. Marília frequentava a festa com seu filho Mauricio, de 28 anos, e com a neta Giovana (14) . Em algumas conversas que tive com Marília nas edições que ela participou (sempre bem rápido), pude perceber que ela frequentava a festa por puro prazer em sair de casa. Uma vez me disse que o filho adorava ir, que a sobrinha, que amava o tio, também pedia para ele a levar, “daí que passei a vir, gostei... venho de vez em quando com eles”. Quando questionei sobre os pais de Giovana, Marília informou que não moravam aqui. Pouco consegui de aproximação, Marília não parecia disposta a dar informações de sua vida e da família. E depois deixou de frequentar por motivo de saúde. Também não vi mais Giovana nas festas, nem mesmo Mauricio.

O fato é que, tanto a presença de Marília, como o fato de familiares estarem levando esses jovens às festas, revelam-nos um fato curioso que exemplifica esse mundo novo que vivemos, onde (homo)sexualidades são vividas no dia-a-dia de famílias diversas, como elemento comum, não mais como seres estranhos. Essa é uma questão que também dialoga com minha própria experiência, onde a homossexualidade não foi vivida em caráter de assunção. Embora tenha assumido ser gay na escola e quando questionado por minha mãe “se era isso que eu queria” [ser gay], em ambas situações, não precisei me assumir, apenas confirmar através de uma pergunta. Sair do armário é uma prática que requer, em muitos casos, aceitação de si, coragem e confiança até que se chegue o momento que é preciso com uma palavra, ou um conjunto de atos, contar para o mundo o seu segredo, se assumir. Esse não foi o meu caso, e não é o caso da maioria desses jovens que estiveram comigo na pesquisa. Isso só demonstra como que viver a (homo) sexualidade no ambiente familiar hoje é marcado por naturalidade antes não possível. É como se assim como a heterossexualidade, a homossexualidade vai ganhando seu espaço e, caráter de normalidade³².

“Jeitos de corpo”, diferença de classe e gênero

Os “jeitos de corpo” (SIMÕES et al, 2010) marcam o lugar em que os diversos corpos ocupam nos locais de festa. Pensar a interação entre esses jovens é pensar também as interpelações que seus corpos acionam no habitar dos espaços das festas. Durante todo o meu campo, e mais especificamente o campo off-line, observei atentamente as interações entre os/as

³² Explorarei questões relacionadas à homossexualidade e família desses jovens no capítulo 2.

adolescentes, buscando descrever como seus corpos dialogavam com o espaço, no espaço e com os demais corpos em questão.

Embora não esteja entre minhas preocupações e objetivos analisar a construção do desejo e das relações de paquera nos espaços das festas, obtive algumas descrições que revelam os modos que esses corpos encontram no diálogo entre a diferença nesses espaços. Trabalhos como de Isadora Lins França (2006), Ramon Reis (2012) e Milton Ribeiro (2012) mostram como os corpos disputam espaços e desejos no ocorrer das festas e como que essas disputam criam noções de si e do outro, hierarquizando as práticas dentro das próprias festas (FRANÇA, 2006; REIS, 2012).

Dentre as diversas situações, na *Like It!*, numa tarde ensolarada e quando a festa estava já bastante lotada, presenciei a interação entre dois rapazes com mais outros que estavam próximos deles. Os olhares que os amigos trocavam momentaneamente enunciavam que observavam algo em conjunto. Os dois, que estavam no mesmo degrau que eu, exibiam uma masculinidade forjada através de suas vestimentas folgadas que me faziam lembrar *rappers*: boné, camiseta branca folgada, bermudão azul e tênis. Um deles estava muito sério, mas fazia alguns passinhos, bem contidos e com um bico arrebitado, cantava mexendo o pescoço como se ditasse a música, como se estivesse fazendo a segunda voz, que nesta música era feita por um *rapper*. O outro, seu companheiro, tinha um estilo mais ‘normal’, não era nem afeminado nem tão masculinizado quanto seu amigo. Era negro e vestia calça jeans simples e camisa marrom. Do outro lado, ou melhor, abaixo deles, estava um garoto magro, usando uma bermuda jeans curta e camiseta rosa de manga comprida. Este dançava seguindo os passinhos feito pela coreografia oficial da música, que se não me falha a memória era de Rihanna. A medida que dançava, jogava os cabelos, rodopiava, olhava para mim e os outros dois, era também vista por esses dois meninos, que seguiam esse corpo fechativo de forma séria, as vezes, quando de costa, comunicando-se um com o outro sobre a performance daquela que no próprio vocabulário da dupla era uma “bichinha”.

Essa é uma interação que possibilita perceber o duelo entre dois grupos distintos. Através dela também fica nítido a performance de adolescentes nessas festas. Na *Like It!* há, também, o convívio entre um público negro que assumem uma identidade denunciando em seus modos de ser no mundo, uma etnicidade marcada. O estilo *rapper*, que em geral aproxima-se do negro norte-americano é também bastante explorado. Era comum que os adolescentes desses grupos, sobretudo que performavam um gênero muito mais masculino, permanecessem sem fazer contato com outros grupos durante toda a festa.

Mas não quero dizer que havia uma separação entre brancos e negros na boate, até porque a população baiana, sobretudo de Salvador, não pode ser classificada, tão nitidamente, somente a partir das categorias de branquitude e negritude. Pessoas de pele - que remetem a uma afro descendência -, relacionavam-se com outros brancos que exploravam uma estética mais hegemônica no sentido amplo, usando cabelos alisados ou lisos, e roupas que lembram modelos masculinos e femininos brancos da mídia.

Vi diversos grupinhos que tinham tanto brancos como negros que remetiam, também, a outros marcadores como classe/renda. Aliás, um dado que me parece interessante é que é bem reduzida a diferença que podemos criar para caracterizar a renda e classe nessa festa.

Na boate eu percebia que não havia tanta separação entre aqueles jovens de maior poder aquisitivo e os de menor poder aquisitivo. Parecia haver uma harmonia no sentido de que a maioria dos jovens tinha acesso às mesmas possibilidades de bebida, de acesso às áreas reservadas na boate e de produção do corpo, da composição da performance. Enquanto que nas baladas gay os marcadores de classe e renda estão nitidamente relacionados às marcas de roupa, perfume e, sobretudo, ao celular que o indivíduo porta, nas festas *matinês*, o que talvez chame mais atenção e sirva como elemento de distinção entre as classes é o meio de transporte pelo qual esses jovens chegam até o evento, se são levados de carro ou não. Enquanto as expressões no corpo e nos usos de roupas de marca ou de celulares de última geração foram mais difíceis de analisar em sentido comparado, a fotografia de jovens chegando a pé, descendo de ônibus e sendo trazido por responsáveis em carros de marcas e modelos diferenciados podem servir como elemento de distinção, embora seja também difícil afirmar que exista aí uma diferença de classe/renda, uma vez que outros fatores relacionam com o ser levado ou não até a porta da boate. Arriscaria dizer que há uma homogeneidade no quesito renda/classe.

Já sobre a quantidade de garotas que frequentavam as festas, é notório uma participação quase sempre páreo com a de garotos. Em alguns momentos percebia mesmo que elas eram, em número, superior ou iguais se compararmos com os meninos. E isso tem uma forte ligação com questões de sociabilidade lésbica, que, com bastante frequência, não passa por noites em badaladas festas e bares. Arrisco-me a afirmar, a partir de observação de lésbicas mais próximas, que essa sociabilidade ganha outros espaços mais calmos, se a agitação e o clima de paquera que é comum nas experiências de gays.

“Investigar a relação entre os atores sociais e os sistemas classificatórios referentes a cor/raça, gênero, sexualidade e classe/renda, no campo dos espaços de sociabilidade não heterossexual pode contribuir também para iluminar deslocamentos e mudanças nos sistemas classificatórios. Sob esse aspecto, é possível delinear movimentos contrastantes que se verificam nas taxonomias de sexualidade e de cor/raça” (SIMÕES *et al*, 2010). Os eixos classificatórios relacionados à sexualidade tendem a apresentar uma crescente complexidade terminológica ou até mesmo a sua negação. A hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade sexual (FRY, 1982), que englobaria de forma sistemática todas as identidades sexuais em termos de oposições bipolares entre "machos" e "fêmeas", "homens" e "bichas", ou "sapatões" e "mulheres", tem convivido com uma proliferação de categorias e identidades sexuais – tais como "entendidos", "gays", "homossexuais", "travestis", "transexuais", "*queers*", "sem rótulos" –, cada qual acompanhada de modulações de performances de gênero.

Esses diferentes deslocamentos são, em boa parte, influenciados pela ação do movimento feminista, homossexual e do movimento negro, bem como pelo desenvolvimento de diferentes modalidades de políticas voltadas a esses segmentos. Um aspecto notável é que a

aplicação das categorias classificatórias relacionadas à homossexualidade e à cor/raça permanece altamente dependente de contingências e contextos. Nesse sentido, conhecer as lógicas das classificações locais e a forma como essas classificações informam e conformam correlações de força diferenciadas e situacionais é relevante para acompanhar um longo percurso de continuidades e mudanças sociais e políticas às quais as categorias cor/raça, gênero e sexualidade estão, de fato, articuladas (ibidem, p. 42).

No contexto da pesquisa, essa a articulação dessas categorias não fora explorada visto que não era objetivo do trabalho. Mas os dados etnográficos obtidos permitem afirmar que há uma interação bastante homogênea dos jovens e das jovens nesses espaços.

Como escrevi anteriormente, o interesse por essas festas se justifica na medida que esses eventos mobilizam um conjunto articulado de pessoas, situações e a família. Não só a existência das festas, mas as modificações espaciais que essa ocasiona na cidade, assim como o fato de pais, mãe e avós levarem seus filhos e netos, além de permanecerem nesses locais, nos informam sobre novas possibilidades de viver a sexualidade. O surgimento da Amsterdam³³ Pop Club não só representa como o mercado percebeu nos jovens adolescentes não-heterossexuais um bom nicho do mercado de Gays, Lésbicas e Bissexuais (GLS), mas mudanças nas próprias relações sociais.

³³ Ver nota 12.

Capítulo 3: Família - paisagens reconfiguradas pela fecheção?

Este capítulo apresenta uma discussão sobre famílias e as possibilidades de vivência da homossexualidade por jovens adolescentes a partir da experiência de vida de dois jovens gays e suas experiências em contexto familiar. Longe de serem gays enrustidos ou gays que se relacionassem baseado em pactos de silêncio (SAGESSE, 2012) com seus entes familiares, Felipe e Adriano, são adolescentes que vivem a homossexualidade de forma aberta com seus familiares, amparados, sobretudo, pelo apoio de sua mãe e gradual expectativa positiva de seus tios, tias e avó. Essa tem sido experiências cada vez mais comuns em contextos familiares brasileiros (SAGESSE, 2009; OLIVEIRA, 2013). Cabe nos questionar, quais são os principais elementos que trabalham na configuração dessas novas paisagens?

Sábado do mês de agosto, camarote da festa *Brinks!*. Tinha decidido observar de perto o que acontecia ali, mas logo que cheguei à boate, por volta das 17h, 2 horas após o início da festa, fui convidado a observar o que estava acontecendo no palco da boate. O local onde o DJ organiza as músicas e as coloca para tocar, local também onde alguns jovens autorizados mantem-se instalados, dançando, bebendo e exibindo a sua pulseira que lhes dá acesso e permanência àquele local. Neste momento a música foi interrompida e o DJ pediu que ligassem as luzes; ele tinha algo “*espetacular*” (em suas palavras) para apresentar. Foi nesse momento que conheci Felipe, Romero e Vera. Esse seria o início de uma amizade que construí com essas pessoas e seus familiares. E é justamente a partir do episódio que se segue que podemos perceber possíveis recomposições que a sexualidade impõe em contextos familiares diversos.

Felipe estava com as mãos no rosto, quase não via Romero, enquanto Vera já se posicionava no palco. Até aqui não entendíamos totalmente o que estava prestes a acontecer, embora a cena já me levasse a imaginar o que estaria por vir. Nesse primeiro momento não sabia quem era cada uma daquelas pessoas. Um garoto branco, com seus 1,65cm de altura e que não pesava mais que 60 quilos. Os cabelos lisos bem pretos, com uma franja grande que caía a cada segundo em seu rosto, fazendo-o lançá-la para trás com suas mãos, que nas extremidades brilhavam – estava de esmalte nas unhas. Usava um calça *jeans* bem justa, um cinto de tecido na cor laranja amarrado do lado esquerdo, um tênis modelo *all star* e uma camisa branca com a foto da cantora Lady Gaga. Minutos depois fiquei sabendo que o nome dele era Felipe. O segundo garoto na cena, com pele morena, um pouco mais alto do que Felipe, cabelos crespos bem curtos, calça *jeans* e uma camisa gola pólo amarela, um sapatênis branco e de óculos de grau, era Romero, que surgiu por trás da *pick up* do DJ, quem entregou o microfone após uma série de brincadeiras em tom de suspense sobre o que ia acontecer. Neste momento ouvimos gritos e *churras*³⁴ na boate e Romero, com a voz demonstrando nervoso, inicia: “*estou aqui por um motivo especial, quero te pedir em casamento, Felipe. Te amo!*”. Ouvimos mais

³⁴ A comunidade gay costuma entender por churras, o ato de ser xingado publicamente por uma pessoa ou por um grupo. A churras pode ter diversos engajamentos, seja apenas em tom de brincadeira ou até mesmo como ofensas expressas. O equivalente a um sermão também é entendido como churras por alguns gays.

gritos na boate. Felipe, em resposta, coloca as mãos ao rosto em sinal de timidez. Em seguida parece chorar, embora a gente não percebesse sequer uma lágrima a molhar sua face. O DJ puxa Romero e o coloca diante de Felipe, que o abraça e lhe dá um beijo na boca. Os gritos não param.

Era preciso dividir a atenção entre as expressões de Felipe, Romero, da plateia e de Vera, que desde o começo da “cena” sorria com as mãos enfiadas no bolso da calça, ou arrumava os cabelos em um coque que se desfazia segundos após sua feitura. Vera, uma mulher de 42 anos, alta (1,79), negra de pele clara, cabelos compridos, pretos, lisos, com olhos verdes e de boca carnuda, usava uma calça jeans e uma blusa preta de renda. Parecia tímida, mas dançava sensualmente com seus filhos e os demais jovens que a tiravam para dança durante a festa.

Quando os garotos se beijaram, olhei para Vera. Ela continuava a sorrir; parecia apenas estar um pouco mais desconcertada. O DJ coloca uma música romântica e pede que continuem se beijando, mas que Felipe pare de enrolar Romero e dê logo a sua resposta, “*a boate toda quer ouvir, Felipão!*”, grita ao microfone. Felipe responde em seguida com um “*sim*” bem rápido. Parecia bastante envergonhado. E então o DJ coloca Vera no centro dos dois e pergunta “*a mãe aceita? Permite? Tá aprovado?*”. Nesse momento, novamente a boate volta a gritar por algumas dúzias de segundos, e Vera responde que “*sim, quero a felicidade dos dois*”. O DJ libera outra música, dessa vez mais agitada e deseja felicidades ao casal; as luzes se apagam, informando que a festa pode continuar.

Ao saber que aquela mulher no palco não se tratava apenas de uma amiga, mas da mãe de um dos garotos, fiquei bastante surpreso. Depois de Marília, esse era meu segundo contato com um familiar de jovem na boate. Agora se tratava de uma mãe.

Procurei Vera na boate logo em seguida. Trocamos contatos para uma posterior conversa. Nesse momento – o do encontro com aquela mulher mãe, quando descobri o seu nome -, Vera estava acompanhada de outra mulher, que fiquei sabendo se tratar da mãe de Romero. Era Lígia, uma mulher negra de seus 1,70cm, cabelos na altura dos ombros e uma expressão bastante séria. Estava acompanhada de Mariana, sua filha de 14 anos. Disse-me que foi à festa levar Romero pois ele sempre pedia que o acompanhasse, e disse, olhando para Vera, que não sabia da surpresa que Romero havia preparado. Lígia parecia-me não contente ou satisfeita com a situação. Pediu-nos licença e disse que precisava ir, pois trabalharia no outro dia cedo. Chamou Romero, que estava próximo de nós, e deu-lhe um beijo na testa, sussurrou algo ao seu ouvido e saiu com Mariana. “*Boa noite*” foram suas últimas palavras. Sobre Lígia, Vera me contou que “*ela não aceita muito bem*” o fato do filho ser gay.

Continuei com Vera quase todo o restante da noite. Conversamos sobre coisas variadas, e percebia que embora eu já tivesse me apresentado como pesquisador e me interessado pela presença dela na boate para acompanhar seu filho, Vera parecia curiosa e pouco convencida disto. Me senti na posição de quem precisa, o tempo todo, de algum modo dizer “*ei, sou pesquisador, sou gay, não estou dando em cima de você*”. Até porque meu interesse era continuar aquele papo por longa data. Marcamos então uma série de encontros: almoço na casa

de Vera; uma saidinha no Rio Vermelho com as amigas dela; e até ir a um pagode gay na Cidade Baixa. Esse foi um convite meu.

Naquele dia terminamos a noite entre cervejas e anedotas de Vera sobre sua família e seus envolvimento afetivos e na criação dos filhos. Vera me pareceu a ponta do Iceberg; haveria muito mais naquela família residente no bairro do Barbalho em Salvador, Bahia.

Passados 13 meses, em uma manhã de sábado, estou em minha casa acompanhado de minha mãe, irmão, irmã e meu – até então – novo paquera, quando este, na mesa, enquanto nos preparávamos para o almoço pergunta a minha mãe, timidamente, se ela aceitaria que ele namorasse comigo. Minha mãe parecia já esperar aquela pergunta; manteve sua postura, com uma risadinha de canto de boca, e com os braços esticados para se servir disse: *“olha Victor, eu não costumo me meter na vida dos meus filhos. Dou-lhes liberdade o suficiente para falar comigo sobre tudo. Você me parece ser um bom rapaz e isso é suficiente para eu aprovar sim o namoro. Mas cuide dele, viu?!”* e sorriu. Entre o constrangimento e a surpresa, eu só tive reação de pegar o celular e filmar parte do que foi um pedido de autorização de namoro, a mim, aos 25 anos e acompanhado de minha mãe. Veio-me na cabeça, logo após aquela cena constrangedora, o pedido de namoro de Romero a Felipe. E percebi, mais uma vez, como minha trajetória se confunde com a dos interlocutores da pesquisa.

O pedido de namoro que meu paquera dirigiu a minha mãe poderia ser tido como muito mais real e possível se comparado com o pedido de casamento de Romero a Felipe. Entre realidade e ficção, eu teria vivido o que há de real e Felipe, Romero e Vera poderiam fazer parte de uma peça de ficção. Embora pareça mais plausível e aceitável que um pedido de namoro acontecesse em minha casa devido a minha idade e considerável autonomia pessoal, Felipe e Romero ainda estão - e meu prolongando contato posterior confirmou - em situações de pouca ou quase nenhuma independência em relação às suas famílias. E como sabemos, a família (assim como a Escola, a Igreja, entre outras instituições) é a mediadora da vida desses jovens ainda dependentes. “A família, podendo ser entendida como uma rede de relações que envolvem múltiplos aspectos, tais como a reprodução biológica e social, encontros sexuais e sociabilidade, crenças e rituais, para mencionar apenas algumas de suas instâncias” (HEILBORN, 2005; SAGESSE, 2009 e 2012; OLIVEIRA, 2013), não seria um espaço possível dessa liberdade não (hétero)normativa. Mas foi, e tem sido cada vez mais espaço para essas histórias.

É importante observarmos que a família enquanto instituição social passou por mudanças significativas na cultura contemporânea ocidental (ibidem, p. 16). Mudanças essas que já vem sendo analisadas pelas ciências humanas e percebidas no dia-a-dia a partir das mínimas relações em contextos familiares. Há quem acredite que a individualização (bem característica de algumas análises sociais, como as do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman 2000) seja o elemento mais forte e caracterizador destas mudanças, já que a agência individual foi colocada em primazia, assim como a subjetividade e a construção de si. As normas e valores não detêm mais um caráter prescritivo. Funcionam como grades de leituras que permitem certas escolhas e posicionamentos (ibidem, p. 37).

Poderíamos pensar, mesmo que de forma simplificada, que a família já não é mais vista como organizada por normas ‘dadas’, mas, sim, fruto de contínuas negociações e acordos entre seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo depende da duração dos acordos (VERDI; MEDEIROS, 2010.)

Deste modo, também, podemos perceber que o tema da sexualidade, ou das sexualidades para sermos mais fiéis à contemporaneidade, recorta esses cotidianos, e se perpassa as influências de uma vida individualizada ou não; é fato que estão mais dinâmicas e abertas às novidades do tempo. Onde os caminhos ainda não estão abertos, existe uma gama de subjetividades dispostas a modificar seus horizontes através de práticas cotidianas com corpos que modificam paisagens intermitentemente. Garotos como Felipe, por exemplo, são responsáveis por essas modificações nos seios familiares.

Após o episódio do pedido de casamento, adicionei Felipe em meu Facebook, e passei a observá-lo. Através do seu perfil nessa rede social pude conhecer um pouco do rapaz. Meus contatos posteriores confirmaram muito do que suas postagens refletiam.

Felipe tinha 18 anos e trabalha numa rede de Lojas em um shopping de Salvador – as lojas Riachuelo. Estuda pela manhã em um colégio público estadual no Centro de Salvador, e grande parte de suas postagens no Facebook apresentam seus momentos com amigos e amigas na escola. Morador do Barbalho, bairro situado no Centro Histórico de Salvador, compartilha uma casa com sua avó materna, sua mãe, seu irmão, duas tias e dois tios.

Dois dias depois que adicionei Felipe é que este decide falar comigo no chat (inbox) do Facebook. Para isso precisei curtir inúmeras das suas postagens e comentar algumas fotos, além de deixar uma mensagem que dizia: “*Oi, gato. Como vai o noivado?*”, em seu chat. Quando decidiu me responder, Felipe inicia seu bate papo comigo me questionando, “*Caio, onde está seu namorado que deixa você ir para essas festas, assim... sozinho kkkkkkk*”. Respondo que não tenho namorado e iniciamos um papo que leva quase toda a madrugada. Nesta conversa Felipe me apresenta cada um dos membros de sua família, a começar por Vera, sua mãe.

Em outra ‘janela’ (inbox), está Vera, que também conversa comigo naquela noite. Conta-me em primeiro lugar que não tem preconceitos, se referindo a atitudes preconceituosas como sendo “*coisa de gente burra e ignorante. Eu não estudei, mas você sabe, Caio? Sempre fui muito para frente em minha casa. Sempre questioneei, sobretudo por ter um irmão que também era gay, desde quando morávamos no interior.*” Vera me contou que a família sempre tratou do assunto como um tabu, mesmo depois que o irmão resolveu se assumir e virar travesti aqui em Salvador. Contou-me também que no interior em que moravam, no início da década de 1990, após encontrarem o corpo do irmão em um matagal, desmaiado por ter apanhado de dois caras com os quais matinha relação sexual, seu pai - ainda vivo à época - reuniu todos em casa e disse que não gostaria de compartilhar o espaço com pederastas. Que quem quer que estivesse vivendo coisas erradas aos olhos de Deus fosse embora dali. E foi a partir daí que seu irmão mais velho decidiu sair de casa e morar em Salvador.

Ao me narrar toda essa situação através do Facebook, Vera frequentemente demonstrava tristeza e descontentamento com a situação. De forma textual ou através de imagens e *emoções*, ela ia descrevendo sua indignação perante a família, contou até que desejou que seus filhos fossem gays, pois gostaria de fazer tudo que seu pai e sua mãe não fizeram por seu irmão. Por ser nova, disse que não podia sair de casa à época da saída de seu irmão, e que sentiu muito a falta deste, que hoje é falecido.

Esse era um tema bastante recorrente na fala de Vera. Em nossos encontros virtuais, ou nos almoços que me foram oferecidos em sua casa e até em nossas saídas mais descontraídas ao bar, sempre no bairro do Rio Vermelho e na companhia de algumas amigas, a fuga para a capital e a morte do seu irmão surgiam como pano de fundo para alguma explicação daquilo que ela não gostaria que seus filhos passassem, ou para demonstrar descontentamento com as discriminações e fobias sofridas pelos homossexuais.

Sobre o tema da saída deliberada ou expulsão de casa por conta da orientação sexual, há grande recorrência na literatura nacional e internacional (ERIBON,2008; HEILBORN, 2005; GREEN, 2000;), ou até mesmo em narrativas cotidianas de jovens gays ainda hoje. Porém, a partir de certa abertura, ou aura de liberdade sexual a qual vivemos, a vida no interior, ou quando menos nos lares familiares urbanos, como nos retrata relatos como o de Vera, não parece mais tão hostil.

Didier Eribon (2008), por exemplo, em seu texto “A fuga para cidade”, que contempla uma coletânea de escritos organizados sob o título “*Reflexões sobre a questão gay*”, retrata e observa a partida dos lares familiares como um elemento marcante na vida de homossexuais. Embora não datado, seu texto reverbera em outros trabalhos feitos no Brasil, como é o caso de James Green (2000) em “*Além do carnaval*”, quando este analisa a fuga do campo para a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, quando não para o exterior, como fator importante na vida de homossexuais e na construção de uma sociabilidade sexual possível.

Para esses dois autores, dois elementos são importantes na caracterização desses jovens homossexuais e suas buscas nas capitais, longe muitas vezes dos lares familiares: a independência econômica e a autonomia. Nesse caso, tanto Felipe quanto seu irmão Adriano já trabalhavam desde bem cedo. Felipe desde seu primeiro ano do Ensino Médio, quando já tinha idade mínima requerida legalmente para trabalhar e havia a possibilidade de estágios de nível Médio, e Adriano, com seu tio no mercadinho que este divide com a namorada. Porém, me chamava atenção, nesses dois casos, que a renda de ambos não lhes dava total independência de sua mãe e avó, por exemplo, já que não podiam custear sua alimentação e um aluguel fora dos cômodos familiares. Mesmo assim lhes dava maior autonomia, que, por sua vez era conquistada nos espaços que esses podiam frequentar.

Recordo-me perfeitamente como eu também, desde o dia que comecei a trabalhar, ou seja, assim como Felipe, desde o primeiro ano do Ensino Médio, fui ganhando certa autonomia em relação aos meus pais. O fato de ter para si a responsabilidade de ir à rua, de ter uma atividade, horários a cumprir entre outras questões, já me dava esse ar de autônomo; de dono de si. Sem contar os diversos contextos aos quais eu era lançado cotidianamente, seja no ônibus,

em meu trajeto para escola e o trabalho, seja nos conteúdos de filmes e peças de teatro que experimentava de acordo com a quantidade de dinheiro que dispunha naquele mês. Do mesmo modo, meu irmão Leonardo, que começou a trabalhar muito antes de mim, quando iniciou os estudos no Ensino Médio, tinha acesso e ia ganhando autonomia frente a nossos pais. Porém, esses não são elementos que obrigatoriamente vão proporcionar autonomia a todo indivíduo. Outros atributos, talvez de personalidade, irão compor também este repertório. Essa é uma boa observação, sobretudo, por dar a dimensão das diferenças entre Leonardo e eu. Entre Felipe e Adriano.

Se Eribon (2008) e Green (2000) possuem narrativas onde a família se apresenta como algo na relação com seus entes homossexuais, tendo em vista a “fuga para cidade” ou a melancolia vivida por homossexuais devido aos seus relacionamentos com os familiares, hoje já podemos comemorar paisagens familiares como a minha ou como a de Felipe, por exemplo, onde as questões sexuais flamulam como pano de fundo e são possíveis de serem expressadas por esses jovens que tem em seus semelhantes do passado necessidades de fuga.

Assim como Leandro Oliveira em sua tese sobre “*Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*” não pretendo esquecer que

as “famílias” podem, crônica ou sazonalmente, serem espaços de relações muito turbulentas, marcados por conflitos e disputas. É preciso levar isso em consideração, mas preciso estar atento também para o fato de que estas (famílias) se encontram sujeitas continuamente a reconfigurações, em função de fatores bastante heterogêneos, como brigas, cisões, fluxos migratórios, adoecimento, morte de membros antigos, incorporação de novos membros através de casamento, nascimentos ou adoções. Hoje, um novo cenário se configura sugestivo da constituição de outras formações ideológicas articulando “família” e “orientação sexual” (OLIVEIRA, 2013).

Leandro ainda informa que “nas controvérsias sobre ‘orientação sexual’ que têm lugar atualmente no Brasil, é possível que a construção da ‘homofobia’ como um problema social esteja exercendo alguma influência na constituição de um repertório de justificações para a ‘aceitação’ da homossexualidade pelas famílias de origem” (ibidem, p. 13). E é importante perceber esse discurso na fala de Vera, por exemplo, quando diz que não gostaria de ver seus filhos passarem pelo que seu irmão passou. Oliveira (2013) também informa sobre essa questão:

A ameaça da violência física e da morte de um “familiar” pode ser acionada em discursos que valorizam a importância da aceitação. Ao mesmo tempo, o valor atribuído simbolicamente ao vínculo familiar é mobilizado no interior de algumas estratégias de construção de discursos contra a “homofobia” – fatores que sinalizam para o caráter político destas representações e seu impacto nas esferas pública e privada (OLIVEIRA, 2013)

A própria Vera me narrou uma confusão ocorrida em sua casa, devido à descoberta do relacionamento de seu filho Adriano com um garoto do mesmo bairro. Conforme me narrou, era manhã de uma sexta-feira e estava no andar de cima de casa quando ouviu gritos e alguns xingamentos: *“Seu viado! Viadinho, pau no cu! Aqui você não fica”*. Estava preparando salgados para um evento naquela noite. Foi até a janela, dirigiu-se à rua, e não viu nada. Com os filhos na escola, a sua mãe na fisioterapia e suas irmãs e irmãos nos seus devidos locais de trabalho, imaginou que a briga fosse mais uma das inúmeras ocorridas em uma casa a menos de 500 metros da sua, onde um vizinho costumava brigar com sua esposa e filhos; voltou-se, então, à preparação dos seus salgados, mas o barulho, os gritos e o pedido de socorro estavam cada vez mais próximos; percebeu que poderia ser algo dentro de sua própria casa; largou tudo que estava sobre a mesa e desceu desesperada para o térreo. Foi quando se deu conta que a briga ocorria em sua casa, e envolvia um dos seus irmãos, Mário, e um dos seus filhos. Quando chegou próximo a um dos quartos pude ver Mário com um fio preto nas mãos lançando-o para dentro do quarto. Vera, que me contava toda essa história bastante eufórica e começava a se emocionar, disse-me que sua primeira reação foi pegar a faca de serra que estava em cima da mesa posta para o café da manhã, e seguir em direção do irmão, que ao perceber-la, passou a gritar: *“É viadinho, viadinho essa desgraça! Pau no cu! Aqui não fica, em respeito a meu pai, aqui não fica essa desgraça”*. Com um grito e um empurrão Vera se lançou entre a porta do quarto e seu irmão, e descobriu que o tal “viadinho” era Adriano, que estava na cama, já sem roupa e com o corpo ensanguentado, atingido pelo fio preto. Com um pedido para que Mario saísse dali, Vera fecha a porta do quarto e abraça o filho. Os dois choram por dezenas de minutos. Até que Vera o dirigiu ao banheiro e pediu que se arrumasse para saírem. Iriam a delegacia no bairro da Lapinha prestar queixa.

Vera me contou que o seu irmão havia saído de casa quando os dois saíram do quarto. Conforme me narrou, estava devastada, e que não conseguiu dar uma palavra sequer ao filho, nem pedir satisfação de nada. Só tinha em si um sentimento de mágoa terrível. Seu corpo doía bastante, e só fazia chorar. Contou-me que o tio, Mário, na quinta-feira anterior àquela situação havia lido uma mensagem do namorado de Adriano no seu Facebook, e que nessa mensagem, além das trocas e declarações de carinho, Adriano o convidava para ficarem juntos em sua casa naquela manhã de sexta-feira, onde possivelmente ninguém estaria. Visto isso, Mário decidira faltar ao trabalho naquela manhã para pegar os dois rapazes no flagra. Porém, como Vera não tinha saído, e Adriano havia percebido isso, o seu namorado não tinha ido até a sua casa. Mesmo assim, ao chegar do Colégio, Mário o estava esperando, e com bastante ódio lhe deu dois murros na cabeça, além da surra de fio.

Vera ainda me disse que precisou de alguns dias para ir entendendo tudo que estava acontecendo. Que só após alguns dias, depois da audiência, é que conseguiu falar sobre a questão com seu filho Adriano. *“Tudo até então, Caio, ficou entre o dito, mas o não esclarecido. Sabíamos o que estava se passando, mas não conseguíamos dar nomes às coisas. Foram momentos terríveis.”* E disse-me que, a partir daquele dia, as questões sobre sexualidade passaram a ser tema constante em sua casa. Em um primeiro momento devido ao comportamento de seu outro filho, Felipe, que participava de um grupo de discussão sobre

sexualidade na escola, e em seguida a partir de sua abertura para o que Felipe tinha a dizer, e também da busca, na internet, de artigos, sites e vídeos que esclarecesse sobre o tema da homossexualidade. *“Foi daí que soube que Felipe era gay também, mas na verdade de Felipe eu já esperava, pelo seu jeito. Dava para perceber.”* Vera deixou claro que *“foram meses de muita angústia”*, mas não porque os filhos fossem gay e ela não estar desgostada com isso. Sentia-se angustiada *“pois toda essa situação remetia ao [seu] irmão, a tudo que vivemos, e a minha promessa de que nada disso aconteceria mais diante dos meus olhos. Ainda mais com filhos, meus, né?”*, declarou-me Vera.

A surra levada por Adriano, o comportamento de Vera e os desdobramentos que a descoberta da sexualidade de um jovem por um familiar causaram no seio da família, me remeteram, mais uma vez, à história vivida por mim anos antes. Meu irmão, de forma parecida com a de Adriano, foi descoberto gay; retirado do armário. Na celeuma que essa assunção, surpresa, nos causou, houve um caso de agressão física – uma similar surra de fio “ofertada” por meu pai -, e a denúncia interposta, por parte de minha mãe, contra meu pai frente ao Conselho Tutelar. Após algumas audiências de conciliação entre meus pais, e os pais do namorado do meu irmão, que também foram envolvidos no processo, o clima ficou ameno, as coisas foram sendo organizadas. Embora não se falasse mais sobre isso lá em casa, até que eu fosse retirado do armário por minha mãe, vivemos um período de pacto silencioso (SAGESSE, 2009) sobre a homossexualidade de meu irmão Leo.

Mas o que interessa aqui, pelo menos por enquanto, é o episódio da agressão e os desdobramentos disso nas e para as relações familiares. Tanto Vera quanto minha mãe tiveram posturas importantes no enfrentamento dessa violência física³⁵ dentro de casa. Denunciar a violência sofrida foi um divisor de água no que diz respeito às posturas dos demais envolvidos nas relações familiares. Essas atitudes das duas mães representaram um pedido de respeito para com os comportamentos dos membros. Um alerta para que outras violências não viessem a acontecer dentro do âmbito familiar por, pelo menos, motivo de orientação sexual.

Após algumas saídas com Vera fui convidado para um almoço em sua casa. Era aniversário de sua mãe, e ela gostaria de me apresentar como amigo para a família. Na verdade, Vera estava mesmo atendendo a meu insistente pedido para conhecer o lar dela e poder observar um pouco a dinâmica familiar. Ver com meus próprios olhos as relações e os papéis desempenhados por cada membro da família que, até então, conhecia apenas através dos seus relatos. Foi nesse dia que conheci seus irmãos e irmãs, João, Mário, Adriel e Maria. E dona Josefa, sua mãe, que ao me ser apresentada, fez questão de me “prender” por algumas dezenas de minutos numa conversa bastante interessante e interessada sobre preconceito e sexualidade.

Dona Josefa, uma mulher negra, com cabelos crespos, curtos e totalmente brancos, no auge dos seus 70 anos (os quais comemorávamos ali), começa o papo sendo bastante direta – certamente Vera já havia feito uma extensa apresentação minha para aquela senhora -, *“eu não sou preconceituosa, meu filho. Tive um filho gay, virou mulher, travestis. Mas foi difícil demais*

³⁵ Refiro-me à violência física, pois episódios de violências simbólica/emocional foram vivenciados tanto por Vera quanto por Adriano e Felipe, assim como por minha mãe, meu irmão e por mim.

para mim. Você entende, né? Somos de outra época. Mas tudo que quero é vê-los bem, respeitando a gente, é claro". Em seu longo bate papo comigo, dona Josefa pareceu querer contar tudo que já teria acontecido sob o seu teto ocasionado pela homossexualidade de seu filho e dos seus dois netos. Em alguns momentos parecia querer justificar os atos de violência, sobretudo a violência sofrida por Adriano, com o recurso à ideia de que os mais velhos são de outra época, por isso deveria haver um respeito com estes mais velhos, sendo esse fato geracional, essa ideia de ter havido uma mudança das expectativas do comportamento dos mais novos para com os mais velhos bastante difícil de compreender para essas pessoas. Na sua visão, os jovens deveriam entender e aceitar essas violências, as quais uma hora cessariam.

Atitudes como essa da avó de Adriano, frente à violência ocasionada pela intolerância são características importantes de discursos que desqualificam a diversidade sexual. Seja na família ou fora dela, não são simplesmente "representações" flanando no mundo das ideias. Ainda Leandro, aborda a questão sobre a ideia de que

muitas vezes esses discursos se manifestam sob formas de afeto, experiências corporalizadas extremamente intensas. É esse caráter afetivo que confere força aos discursos que se costuma rotular como "preconceito", que pode inclusive se apresentar de formas especialmente sutis (OLIVEIRA, 2013).

Porém é exatamente essas formas sutis que parecem não serem aceitáveis por Vera (ou por minha mãe) e é nesse contexto de não aceitação dos preconceitos, que a possibilidade de viver a (homo)sexualidade na família, com seu apoio e seu respeito, é desenhada.

Oliveira (2013) acredita que,

o recente espraiamento de uma cultura dos direitos humanos - que compreende o respeito à diversidade sexual e de gênero - tem introduzido mudanças no leque das metáforas disponíveis para se representar e narrar as tensões entre homossexuais e suas famílias de origem. Se antes o rompimento com a família tinha quase um caráter de destino trágico dos homossexuais, hoje poderia ser apresentado como expressão de preconceito, discriminação ou homofobia (OLIVEIRA, 2013).

E no contexto da família de Vera, e da minha, esse é um destino desviado por essas expressões negativas de homofobia, inaceitáveis por essas mães, em primeiro lugar, e posteriormente respeitadas pelo resto de membros da família. Esse processo cria um mundo de possibilidades para esses jovens homossexuais.

O mundo de possibilidades criado por Felipe em sua casa, lar que divide com as principais pessoas de sua família (mãe, avó, irmão, tios e tias) desenha-se com cores vibrantes e de uma variedade bem similar ao arco-íris, símbolo máximo do movimento LGBT no mundo. É que Felipe, como já tinha percebido sua mãe quando mencionara que "esperava dele ser

homossexual”, fecha. E fechar é um ato de liberdade. Dentro de casa e em contextos (hétero)normativos, então, fechar é muito mais subversivo do que qualquer palavrão. “*E eu fecho mesmo, viu, Caio? Ahhh, porra. Sou obrigada a ficar quieta? Falo mesmo, mostro a minha mãe os machos na novela. Minha avó fica quieta, minhas tias não dizem nada, e meus tios, quando estão aqui, porque acho que eles evitam, viu? Ficam calados ou saem imediatamente*”, disse-me Felipe, no almoço de aniversário de sua avó, quando ele chegou na sala e trocou a música que estava tocando – um pagode – pelo álbum da cantora Lady Gaga, de quem é fã. Eu ri dessa situação, e Felipe, em minha direção, veio batendo palmas e soltou essa frase acima. Rimos juntos. E pensei: Felipe se parece muito comigo; que bom que existem resistências desse tipo.

Após esse episódio, seu tio Mário chegou, cumprimentou a todos e veio falar comigo, com um gestual bastante desconfiado. Parecia que estava ali, receoso de falar com aquele gay adulto. Imagino que em sua cabeça tenha passado coisas diversas, como por exemplo, a possibilidade de ser eu namorado ou convidado de alguns dos seus sobrinhos, o que certamente mudaria o comportamento deste. Mas até então foi bastante educado, inclusive questionando se eu aceitaria um copo de cerveja, a qual servia em um dos momentos no almoço.

João, o outro irmão de Vera, que é Policial Militar e passou a morar com a família após a morte de sua esposa, desceu do primeiro andar e cumprimentou os presentes, questionando quem era eu “*tão bonito no meio daquele povo feio que era sua família*”, enquanto sorria avisando que tudo não passava de uma brincadeira. Vera já havia me dito que João era uma pessoa excepcional. “*Claro, com todos os problemas de um heterossexual e policial*”, disse, mas deixou claro que João se esforçava para entender as questões que os seus sobrinhos traziam.

Com os dois tios já presentes na reunião, Felipe recebe outro amigo. Inclusive, esse é um dos jovens que frequentam e tocam na *Brinks*, Ronaldo. Cumprimentam-se com dois beijos no rosto. Neste momento, curioso, sigo o olhar de João e o de Mário na sala. João tenta reagir com naturalidade à cena dos dois beijinhos, já Mário, olha para mim e ri após soltar essa frase: “*essa juventude... sei não... falta porrada.*”. Eu, sério, finjo não entender o que ele quer dizer com aquilo, mas parece que a seriedade na minha expressão deixa Mário desconfortável, que volta de imediato e solta um “*nada contra, viu?*”.

Foi contra esse “*nada contra*”, finalizado em falas diversas ao meu redor ao longo dos anos de minha adolescência, que tive diversos embates durante um largo período de tempo entre meu ensino médio e a entrada na Faculdade. Certo dia estava em casa, eu, meu pai – sentado em uma mesa próxima a onde eu estava sentado -, minha mãe – deitada no sofá -, meu irmão - em uma sala próxima -, e um primo, distraído lendo revista. Eu estava na internet quando vi uma matéria em um *blog*. Era um texto que dava uma resposta à polêmica que envolveu a cantora de Axé Claudia Leite, grávida do seu primeiro filho, quando questionada sobre a possibilidade de seu filho ser gay. A cantora respondeu ao questionamento indicando que tem muitos fãs e amigos gays, mas que não gostaria que seu filho fosse gay. Para completar a celeuma, seu marido endossou a fala da cantora dizendo que seu filho seria bem criado. Não preciso narrar aqui toda a confusão que essas declarações ocasionaram. O texto que lia naquele

dia era uma das diversas cartas abertas direcionadas ao tema e à cantora. Chamei meu primo e começamos a ler a resposta. Eu, um pouco mais exaltado, falava mais alto referente o assunto, quando minha mãe, em tom bastante ofensivo, invadiu a conversa e disse “*mas nenhuma mãe gostaria de ter seu filho gay.*”. Essa foi a frase que resultou em uma longa discussão, a qual me fez chorar e permanecer um bom tempo sem diálogo em casa. Estava demarcado ali um espaço de luta. De debates, de embate. Eu, que já vinha há um bom tempo compartilhando textos e vídeos diversos que encontrava em listas de *e-mails* e nas comunidades do Orkut, só insisti mais nesses compartilhamentos. Fazendo das listas familiares os principais locais de publicização de textos/manifestos referente aos temas ligados a uma agenda LGBT no Brasil e no mundo.

Naquele início de tarde de domingo, na casa de Vera, ainda no embalo do almoço comemorativo de dona Josefa, Romero chegou. Felipe o recebeu na porta e deu-lhe um beijo rápido na boca. Todos estavam envolvidos em outras atividades e não perceberam o tal beijo. Romero, bastante tímido, sentou-se no sofá e de lá só saiu na hora de ir para casa. Foi deste lugar na casa que ele e eu – que estava ao seu lado –, presenciamos uma longa discussão entre Felipe, seu tio João, sua mãe e sua avó. Fomos a “plateia” de um “espetáculo” que discutia homofobia a partir da *fechação* de Felipe.

Tínhamos todos sido servidos e esperávamos dona Josefa, que foi em direção à cozinha com a promessa de trazer a sobremesa para gente. Enquanto a velha senhora seguia corredor adentro em direção à cozinha, Felipe soltou um “*não demore, bonita!*” Imediatamente seu tio Mário, que estava sentado próximo à porta que dá acesso à varanda da casa, disse: “*é por essas e outras que quando morre esfaqueado em casa ou na rua não pode reclamar de preconceito, viadagem da porra...*”. Embora Mário não tenha proferido essas palavras em alto tom, eu e toda a sala pudemos ouvir o que ele havia dito, tendo em vista que após a brincadeira de Felipe com sua avó – um verdadeiro ato *fechativo* - todos ficamos em silêncio. Houve um pouco de constrangimento pelo comportamento de Felipe, tendo em vista, é claro, seu contexto familiar que ora parecia tenso, ora parecia bastante libertário. Na verdade a tensão parecia acompanhar o evento todo, tendo em vista que eu sabia do principal episódio de intolerância protagonizado por Adriano e seu tio Mário. Já Ronaldo, imediatamente após a fala de Felipe e de Mário, como que não tivesse se dado conta do clima que havia se instalado, soltou um “*viaaaadooooo, nem te contei de ontem na Like it, né?*”. Acontece que o silêncio ainda estava instalado, o que fez com que essas três declarações soassem como verdadeiros gritos naquela pequena sala. Enquanto as demais pessoas estavam alheias em seus celulares *smartphone*, Felipe, que havia acompanhado cada letra proferida pelo seu tio, com o dedo indicador em riste veio em direção ao meio da sala e em voz alto iniciou: “*é por essas e outras que quando toma chifre da mulher sofre tanto, sabe por quê? Porque não consegue dar conta do próprio machismo que o contamina...*”. Vera, que até então observava seu irmão com um olhar que denotava desprezo, tenta interromper Felipe, que, com um sinal feito com a mão esquerda, pede para que a mãe fique quieta. Continua Felipe: “*Ninguém tem que morrer pelo jeito que é, e ninguém tem direito de matar ninguém pelo jeito que é também. Você ainda não aprendeu isso? Que dificuldade é essa?*” Sua avó, que neste momento já tinha chegado à sala, pede para que Felipe pare: “*Lipe, meu filho, pare. Mário guarde sua opinião, vamos nos respeitar... não é Caio?*”, com um

sorriso tímido e um balançar de cabeça, afirmo que sim. Dona Josefa começa a servir a todos na sala, e Mário, já de pé e com a voz mais firme, passa a bater boca diretamente com Felipe: *“Rapaz, você viu aquele estudante? ... de psicologia, acho, viu? Morreu. Porquê? Por causa dessas coisas. Quando não fica nessas viadagens na rua, leva homem pra dentro de casa. É morte!!”* Felipe, ainda indignado, continua: *“Ele morreu porque pessoas como você aprovam isso. Nojento. E sabe de uma coisa? Te incomoda ver a gente fechar? Ver a gente ser viado? Morre que passa. Oxe...”*. Felipe conclui e senta ao lado de Ronaldo. Mário vai para varanda e Vera volta-se ao celular, soltando apenas um: *“respeitar as diferenças meu povo...”*; João, que estava ao meu lado no sofá, fica também mexendo no celular, enquanto que as tias – que faziam a unha naquele momento - não expressaram palavra alguma.

É interessante perceber que as palavras ditas por Mário e a relação que ele desenhou entre homofobia, comportamentos de gays e vitimização destes, estão ligadas ao fato de que essas palavras estão materializadas no que é hoje em dia conceituado enquanto preconceito - nesse caso, o preconceito sofrido por Felipe e todos os gays ali presente que se sentiram afetados, trazido à cena pela contundência das afirmações de Mário e a resposta de Felipe. Por outro lado, se o discurso de ódio, por assim dizer, ou o discurso que ratifica esse ódio, o fortalecendo, estavam dando vida (materializando) o preconceito de Mário, o silêncio das tias, por exemplo, podem representar diversas coisas, inclusive aceitação ou não aceitação. Confirmação ou não do que Mário disse. E só me foi possível confirmar isso, em partes, quando outras situações me colocaram diante dessas outras pessoas permanecendo em silêncio na hora do bate de boca entre tio e sobrinho. Por exemplo, meses depois, fiz uma postagem no Facebook contando o constrangimento ao qual passei com dois policiais em uma motocicleta no trânsito de Salvador. Resumidamente, um desses policiais me xingou de *viadinho* e mostrou-me a arma como forma de ameaça e repulsa ao que ele considerou como erro meu no trânsito. Imediatamente após minha postagem fui surpreendido com um *like* de João e em seguida alguns comentários. O primeiro dizia o seguinte: *“Caio, não se abale. Temos todos os tipos de pessoas na PM, inclusive esses tipinhos de gente, ignorantes.”* Em seguida continuou com dicas de como eu deveria ter agido: *“Você anotou a placa da moto? Se sim, pode ir à Ouvidoria da PM e entrar com um processo. Pode não dar em nada, mas já vai atrapalhar o idiota com qualquer coisa que ele tente lá dentro.”*

A postura de João, um policial militar, heterossexual, nas redes sociais, publicamente se mostrando contrário à postura do colega de profissão serve como exemplo para pensarmos formas diversas de aceitação dentro da família. Embora não tivesse proferido uma palavra sequer no dia do bate-boca entre seu irmão e seu sobrinho, em outro momento, bastante oportuno também, fez uma defesa pública, simples e bastante veemente, de um homossexual ofendido publicamente. Este é um exemplo de como os caminhos da aceitação, dentro (e fora) da família, percorrem diversas linhas de possibilidades. Deste mesmo modo, uma de suas irmãs, também em silêncio na disputa daquele almoço, demonstrou abertura e aceitação sobre as questões gay publicamente no Facebook. Após uma intensa polêmica e diversas manifestações sobre o beijo gay no final de uma novela da Rede Globo, Adriela compartilhou uma foto onde estavam, de um lado, uma das cenas da novela onde podia-se ver um casal heterossexual transando e do

outro, o beijo gay. Na legenda Adriela dizia: “*Transar não afeta as boas famílias, mas um beijo afeta?! Vamos deixar de hipocrisia. Viva a diversidade!!!*”.

Em todos meus contatos, seja com João, seja com Adriela, nenhum dos dois esboçaram nenhum tipo de postura frente às questões gays, sempre se mantiveram em silêncio, mas nesses dois episódios, entre outros mais recentes, eles demonstraram por onde passam suas concepções sobre (homo)sexualidade e respeito, tolerância etc.

Se o silêncio de alguns nos revela possíveis quadros de aceitação, há formas não silenciosas de experiência que muitas vezes põe as questões que irão gerar aceitação em voga. O fato de Felipe ser um garoto que descrevi como *fechativo*, impõe questões diversas dentro dos seus diversos contextos de atuação, na família, esse é um elemento importante pois não faz silenciar, como no pacto silencioso proposto por Sagesse (2009), as questões sexuais que seus familiares por hora tratam com silêncio.

Minha biografia, como exemplo e comparação, foi e é marcada por esse não silêncio. Ao contrário da minha experiência, meu irmão, assim como Adriano, preferiu viver sua sexualidade da porta de casa para rua. Sempre o ouvir dizer: “*para que isso? Ninguém aqui precisa ficar vendo essas coisas, Caio. Todo mundo não já sabe que você é gay?*”. Já eu sempre insisti para que o comportamento *fechativo* que tenho diante de meus amigos, na rua, na escola e na intimidade, pudesse ser expressado também no cotidiano familiar. E foi deste modo que vi em minha casa o vocabulário utilizado nas brincadeiras de rodas de amigos – tipicamente gay, com adequações e significados específicos - serem adotados por pessoas da minha família. Falar em “*fechar*”, por exemplo, como adjetivo para pessoas que de algum modo estão chamando atenção por algum fato, é bastante comum já há algum tempo em conversas descontraídas com algumas das minhas tias.

Além desse quesito, a insistência por levar continuamente colegas gays ao lar, remete também a uma forma de impor que questões diversas de um determinado grupo – nesse caso da sociabilidade de gays - pudessem ser vividas por seus outros familiares, fazendo com que aquelas expressões se tornassem familiares, socialmente naturalizadas. Em todos os momentos em que estive reunido com seus familiares em sua casa, Felipe estava com algum colega ou este chegava minutos depois. Sem falar na presença de Romero, que era conhecido por todos na casa como seu namorado. Essa é uma postura que não encontrávamos em Adriano, que preferia encontros externos ao ambiente familiar, e até reclamava da insistência do seu irmão.

Para Oliveira (2013), “estas dinâmicas de inclusão e exclusão de pessoas no espaço doméstico parecem evocar certos estereótipos negativos – discursos que associam homossexualidade e bissexualidade masculinas à ‘promiscuidade’”. Alguns trabalhos produzidos na última década sinalizam para a prenúncia deste tipo de convenção cultural (GROSSI; UZIEL; MELO, 2007; TARNOVSKI, 2002; GROSSI, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2013).

Oliveira acredita que,

a representação dos homossexuais como “promíscuos” atualiza em um novo contexto (e em cores bastante cinzentas) imagens da homossexualidade produzidas nos anos 1960/1970, as quais representavam o *mercado homossexual* como se este traduzisse um ideal de sexualidade relativamente autonomizada com relação aos laços de parentesco e obrigações sociais, fornecendo respostas ao problema da gestão da vida afetiva e sexual fora das pressões dos relacionamentos conjugais estáveis (OLIVEIRA, 2013).

No contexto apresentado, a marca insistente de Felipe serve como política cotidiana de transformação através das experiências compartilhadas. Nesse quesito deu certo.

Para Oliveira (2013),

esta representação hegemônica vem tendo seu lugar progressivamente deslocado na contemporaneidade, no curso de lutas políticas e culturais em que se redefinem os sentidos da sexualidade humana, e os sentidos possíveis de “família” e as regras que a regulam. Acompanhando aqui uma das sugestões de Weston (1997), e encaro a família não como uma “instituição”, mas como um “conceito contestado”, que comparece nas relações de poder em uma dada sociedade.

E continua,

a relação entre “orientação sexual” e “família” pode, à primeira vista, parecer um fenômeno pertinente somente à esfera privada, e a micro relações de poder que se desenrolam neste domínio. Contudo, é preciso levar em conta que a “família” é também regulada na esfera pública – pelo aparato jurídico do Estado, inclusive. Quando os homossexuais são alienados do parentesco, são privados do suporte estatal para certas relações adquiridas: atingidos pelo poder que o Estado exerce ao deixar de reconhecer certos vínculos e certos sujeitos sociais como “verdadeiros”. A ausência deste reconhecimento pode não ser o único, mas é, seguramente, um dos pilares da persistência da tensão cultural entre homossexuais e suas famílias de origem na esfera privada. Este “heterossexismo de Estado” institucionaliza o suposto difuso de que homossexuais não darão prosseguimento à linhagem familiar, intensificando a desqualificação a que estão sujeitos por transgredirem uma convenção tocante à sexualidade. Os homossexuais serão vistos como pessoas incapazes de aportar à família novos membros, novos vínculos (por casamento ou filiação) – pessoas, portanto, expropriadas deste mecanismo de produção de capital social. Sob esta perspectiva, a adesão a uma identidade homossexual, especialmente por membros das gerações mais jovens de uma família, condensaria em um único significativo o sentido de transgressão a uma norma cultural e de

prejuízo no aporte de recursos à rede familiar. Salientar esta propriedade da homossexualidade – seu potencial para comportar um duplo significado, como infração contra certas convenções e como um prejuízo que é pressentido na rede familiar – pode ajudar a compreender porquê, ao menos em algumas famílias, o segredo e a revelação da orientação sexual se tornam o *lócus* de tanta atenção e investimento emocional (OLIVEIRA, 2013).

As diversas ocorrências no âmbito familiar de Felipe são sugestivas da pluralidade de nexos entre família e sexualidade. Em todo caso, as histórias aqui reportadas remetem a relações sociais e valores, e o modo como os sujeitos e grupos sociais específicos são interpelados por mudanças sociais.

As cenas que me foram possíveis nesses contatos com a família de Vera, Felipe, Adriano, dona Josefa, Adriela, Mario, João e Maria, são resultados de batalhas travadas cotidianamente por corpos que produzem sentido político em suas ações. Desde o surgimento de um irmão gay no final da década de 1980 na casa de dona Josefa, até o ano de 2014, com dois netos assumidamente gays, muita coisa mudou nesse lar. São dessas transformações que trata este livro.

Capítulo 4: Sobre pós-gay ou “uma juventude que dá o cu e não se diz gay”

Início este capítulo com duas cenas experienciadas em momentos e locais distintos. Na primeira, estou em uma edição matinê da festa Brinks; na segunda estou em uma discussão *online* no Facebook. Nas duas cenas o tema central é a afirmação identitária. Através dessas duas cenas conheci os principais interlocutores deste capítulo, e a partir dessas duas cenas, em outros encontros, trabalhei com a temática da afirmação identitária e da (in)existência de uma identidade gay/lésbica na vida desses três jovens. Podemos começar pela cena que nomeei como, *Cena 1*.

Cena 1

Era tarde de sábado e às 15 horas eu já havia entrado na festa daquele dia – uma matinê com a temática de final de ano. Já que estava longe de ser “nativo” perante os grupos formados que disputavam a pista de dança, fui à área de fumantes onde encontrei um número grande de meninos e meninas também em grupos. Comprei uma cerveja e fui pedir um cigarro a uma garota que fumava próximo ao bar. Esse foi o ponto de partida para a interação. No meio da conversa, tentando ao máximo não parecer o “tiozinho pesquisador” que vem tirar o sossego da galera com perguntas desinteressantes, aproveitei a conversa do grupo – que àquela altura falavam sobre alguém do colégio que estava na festa e que elas nunca imaginariam frequentar aquele espaço e perguntei: “*mas e vocês, são lésbicas e gays?*”. Tive como respostas o balançar de ombros de alguns, resumindo a uma negativa àquilo que havia lhes questionado. Uma das meninas – a mesma que havia me dado o cigarro -, virou-se e iniciamos uma conversa. “*Rosário [se apresentou], e você?*” Disse então meu nome: “*Caio*”, e lhe dirigi a pergunta que havia feito ao grupo: “*Então você é lésbica, Rosário?*” Ela bebeu um gole da sua bebida colorida e me disse como quem ainda estaria processando o questionamento: “*Não, Caio. Eu não sou lésbica*”. Voltei a questioná-la: “*E o que te traz aqui, Rosário, em uma festa gay?*” E ela então me respondeu: “*Eu gosto das pessoas, eu gosto da música, eu fico com meninas, mas eu não me vejo lésbica*”.

Cena 2

Em uma postagem no grupo que foi criado no Facebook, postei uma foto que fazia referência à música³⁶ da cantora Lady Gaga (Paparazzi) e questionei ao grupo o que eles achavam de terem suas identidades gay ou lésbica reveladas por um paparazzi. Alguns responderam prontamente ao que havia perguntando, sem sequer questionar a identidade que eu lhes havia imputado (gays e lésbicas), mas a maioria questionou os dois rótulos:

³⁶ O nome da música é Paparazzi, da cantora ícone do mundo pop internacional da primeira década do século XX. Lady Gaga fez sucesso devido a seu comportamento arrojado e polêmico, sempre trazendo questões “*estranhas*” para o palco. Na música, uma fã afirma a todo momento que deseja ser a paparazzi de um ídolo, e com isso seguiria este onde estivesse, assim como fazem os *paparazzi* em busca de um *flash* dos famosos.

Beto: “Oxeee, e quem disse que somos gays ou lésbicas? Me poupa, hein?

Ruan: “Sempre soube que era gay, ou no mínimo bi... Não assumia publicamente... quem primeiro soube foi minha irmã, depois prima e, por último, meus pais... até os 18, fiquei com mulheres... depois me libertei kkkkkk brincando... às vezes, beijo uma ou outra se achar linda. Às vezes, sinto vontade de me travestir, mas isso é assunto pra um próximo comentário kkkkkkkk”

Juninho Flor: “Me considero um gay que curte bjar umas mulheres às vezes. **Não acho necessário me afirmar não.** . Assim como um hétero não bate no ombro do pai e da mãe. . Ou de outro amigo pra dizer q eh hetero **não preciso fazer isso para dizer o q eu curto.** Sou na minha qto a isso.. Não sou noiado mas tb **não preciso levantar bandeirinhas**”

Yuri: “Nem sei o que dizer. Não me sentia gay, nem tinha atração por homens até meus 17. Antes disso todas as minhas paixões eram com meninas. Também pego mulheres que eu acho bonitas, mas raramente, **então não concordo muito com definições.**”

Ruan: “Faltou dizer que **acho desnecessária a autofirmação.** Se a pessoa me perguntar, eu digo, senão, fica subentendido. Fiz um amigo recentemente na faculdade assim, porque ele também curte, tinha percebido e abri o jogo pelo whatsapp... consegui pq tinha o numero dele no do grupo e puxei papo.”

Rafaela: “gente, mas pq dizer que é lésbica? Eu não me considero lésbica. **A imagem que se tem de uma lésbica eu não me encaixo. Não acho que meu desejo pode ser nomeado assim... acho essa coisa de movimento gay uma baboseira**”

As duas cenas apresentadas acima são o retrato do que encontrei no campo de trabalho. Essas foram situações que serviram de ponto de partida para que eu pensasse as categorias identitárias com as quais os jovens adolescentes em Salvador têm lidado contemporaneamente.

Ao questionar os jovens na festa, esperava ter como resposta a afirmativa de uma das possibilidades de identidade que minha própria questão os imputara: ser gay ou ser lésbica. Na situação, não tive nenhuma das respostas, muito pelo contrário, o silêncio serviu para chamar atenção que há algo além dessa dupla identitária. Do mesmo modo, o questionamento no Facebook sobre uma possível identificação com gay e/ou lésbica, se reverteu em espaço para demonstrações de que as categorias de gay e lésbica eram insuficientes para aquela “galera”.

Passei a perceber que essas eram categorias que pareciam não fazer parte de suas gramáticas existenciais.

Sobre os usos de rótulos sexuais como categorias identitárias, alguns trabalhos no eixo norte europeu têm demonstrado que a ideia de que a identidade sexual consegue centralizar em si elementos de afirmação identitária entre jovens tem fracassado (COHLER & HAMMACK, 2007; SAVIN-WILLIAMS, 2005; COLEMAN-FOUTAIN, 2014). Esses autores desenvolveram a análise a partir de pesquisas com jovens não-heterossexuais em alguns países da Europa, e afirmam que estamos vivendo em um mundo “*pós-gay*”. Tendo jovens não-heterossexuais como interlocutores, esse estudo tem demonstrado que os adolescentes tendem a uma resistência a rótulos sexuais em seus contextos de interação, de modo que o termo ‘*post-gay*’ – ou pós-gay em tradução livre para o português -, passa a ser usado para descrever esses contextos. Os trabalhos produzidos até então, sustentam a ideia de que a rejeição aos rótulos serve como forma dos adolescentes questionarem seus significados, adaptando-se a outros e resistindo a uma identidade exterior.

Os/as jovens que construíram comigo esse percurso, parecem dialogar diretamente com o que já vem sendo teorizado, haja vista que estamos falando de contextos de consumo baseados em um imaginário de identidades sexuais, mas que tem se revelado possíveis de questionamento, por exemplo, quando os sujeitos permitem-se falar sobre si. Neste caso, os frequentadores da *Brinks!* e da *Like !t*, que mesmo submetidos/as a um contexto de consumo lastreado em uma identidade homossexual³⁷, parecem extrapolar essas fronteiras entre ser homo ou heterossexual, ser gay e ser lésbica. Parecem reivindicar uma não identificação sexual, ou uma possibilidade de vida sexual que não esteja apenas vinculada às normas vigentes.

Uma das minhas questões de pesquisa, então, passou a guiar-se pela seguinte inquietação: como a identidade social do homossexual (gay/lésbica), que em seu percurso histórico até o início do século XXI serviu como nomeadora de uma prática social (a homossexualidade), pode hoje não representar mais essa prática com o mesmo poder de identificação de outrora? Sei que a minha questão parte praticamente de uma assertiva: que seria a de dizer que a identidade homossexual hoje não é mais utilizada entre os jovens. Sei também que seria acusado de não estar atento às diversas realidades, o que não é o caso em nenhuma das duas hipóteses, já que parto de um questionamento que não pretende ser generalizante (por enquanto), baseado na experiência com jovens que questionam, problematizam e mobilizam-se questionando a homossexualidade enquanto identidade definidora de si.

O meu questionamento para os interlocutores da pesquisa sobre suas identidades sexuais me remetia a essas questões. O que significa se afirmar gay hoje? O que é ser gay para essa juventude? Quais são os elementos que articulados trabalham na negociação identitária³⁸ diária

³⁷ As festas surgem de boates gays, tendo entre seus principais idealizadores gays e lésbicas e imagina-se (imaginário social) que seja uma festa “gay”.

³⁸ Os estudos de Isadora Lins França na Unicamp e Julio Simões na USP, tem demonstrado quais são as diretrizes que compõem o repertório de sujeitos não-heterossexuais em seus interações em diversos contextos, mas sobretudo

entre adolescentes? E o que essa atitude desprovida de uma afirmação identitária cria de mundo para todas/os nós?

Recentemente ouvi de uma de um líder do movimento LGBT dizer que estava sendo “muito difícil lidar com essa juventude que dá o cu e não se diz gay”. Essa fala em destaque nos dá a dimensão da tensão que o debate entre antigas e novas formas de se experimentar a sexualidade estão dispostas, seja no palco da vida cotidiana, ou na arena política.

As vinhetas etnográficas que seguem no próximo tópico dão a dimensão do que ficou circunscrito nas duas cenas acima apresentadas. As falas de Rafael, Adriana e Robério são representativas desse número crescente de jovens que não encontram nas identidades sexuais um conforto, mas muito pelo contrário, confrontos existências.

Rafael, Adriana e Robério: militância, identidade, identificação e a fuga de rótulos.

Este tópico divide-se em três momentos etnográficos distintos. O primeiro, a partir do diálogo com Rafael; o segundo, o encontro com Adriana; e o terceiro, a partir da interação virtual com Robério. Em situações distintas, os três rascunham um pouco do comportamento da juventude contemporânea que encontrei no campo de pesquisa. Juventude essa que podemos classificar como lastreada no pós-gay.

Conheci Rafael através do grupo da festa *Brinks!* no Facebook. Haviam postado uma foto/convite do Grupo Gay da Bahia (GGB) para edição de 2013 da Parada Gay em Salvador e a discussão foi bastante movimentada. Em verdade, pouco se falou sobre ir ou não à Parada Gay. Nem sobre quais tipos de roupas usariam no evento. Ou o que gostariam de fazer durante esse evento. Sequer houve qualquer intenção de marcarem algum encontro na Parada Gay. As discussões nas linhas daquele *post* foram marcadas por uma polaridade daqueles que pouco apoiavam sua realização e daqueles que não apoiavam de jeito nenhum o evento.

Rafael Veloso tinha 17 anos, morava no bairro de Brotas com seus pais e estudava em um colégio particular da Orla de Salvador. De pele clara, nos seus 1,70 de altura e corpo já trabalhado pelos exercícios de musculação, exibia-se bastante nas redes sociais nas quais eu o acompanhava (Facebook e Instagram). Seu corpo era o *locus* onde toda sua atenção *online* concentrava-se. Mas Rafael também tentava exibir outras facetas do que ele costumava chamar de “eu”. Escrevia constantemente em seu perfil no Facebook - sempre sobre temas noticiados recentemente -, além de postar reflexões sobre as leituras que dizia estar fazendo. Era o tipo que tinha opinião sobre tudo e para tudo. E foi nesse movimento de ter opinião para tudo que

em boates do eixo Rio-São Paulo. É na boate ou nos lugares de lazer noturno que sujeitos não-heterossexuais produzem complexas negociações relacionadas a gênero e sexualidade.

Rafael e eu estreitamos os laços. Passei a acompanhá-lo por um longo período. Já que a grande questão para Rafael se mostrou (a partir da discussão no Facebook sobre a Parada Gay) ser a da afirmação (ou não) de uma identidade gay. Foi esse o aspecto que mais tentei explorar em nossos bate papos *online* ou *offline*.

Depois da longa discussão sobre os porquês de ir ou não ir à Parada Gay em Salvador, eu conversei com Rafael *inbox* e o convidei para que fôssemos ao evento. Ele havia afirmado que nunca tinha ido, e usei dessa informação para convencê-lo de que a oportunidade seria boa para que ele desenvolvesse melhor seu argumento contrário às manifestações de paradas gays tão comuns em diversos bairros de Salvador ao longo do ano. Receptivo ao convite, Rafael aceitou e fomos ao evento na semana seguinte.

Ao encontrar com Rafael próximo à Casa D'Itália no Campo Grande (local que havíamos marcado), suas expressões corporais denotavam certo desconforto por estar ali. Mãos cruzadas no peito. Expressão facial de enraivecido. E quando me viu expressou um comportamento de desdém direcionado a um grupo de jovens gays negros que dançavam um pagode da época junto com uma travesti que passava pelo local naquele momento. O comportamento de Rafael era muito mais denotativo de um sentimento de superioridade frente aquela gente preta e pobre que estava nas imediações da Casa D'Itália, do que qualquer outra.

“Parada gay ou festa, Caio?”, foram as palavras de cumprimento do rapaz direcionadas a mim, seguidas de dois beijos no rosto, e fomos para o lado oposto da rua. *“Festas são locais de protesto também, Rafael”*, respondi. *“Aliás, um importante local de protesto, além de ser uma característica, talvez, do brasileiro, de buscar na alegria e nas festividades a resolução, ou uma forma de amenizar, os seus problemas”*. *“Mas isso aqui é só festa, acabou. Ninguém leva a sério”*, rebateu Rafael. *“Gay, larga de ser chata...”*, ia dizendo quando fui interrompido pelo *“mas quem disse que sou gay? Oxe, nem gosto que me chamem assim...”*. Desconcertado, fingi não entender o que ele havia dito e seguimos para o local central da Parada Gay, onde os trios saíam e nos palcos artistas faziam seus shows e falas de protesto.

Enquanto caminhávamos, Rafael ia tentando justificar os motivos que o levava a perceber a Parada Gay apenas como uma festa sem poder de mudança. *“Caio, eu converso com as pessoas; tios, tias, pessoas mais velhas. O porteiro, a senhora que trabalha lá em casa, até mesmo com professores mais velhos. Ninguém percebe essa baixaria aqui (aponta para dois gays dançando sensualmente e se beijando) como algo sério. Eu acho que só reafirma a ideia de promiscuidade que passa na cabeça dessas pessoas. Você não acha? Respondo que “não”, e ele continua, “essa parada não muda o amanhã. Os gays continuam a serem mortos. Além do mais, hoje em dia, a gente podendo viver tantas coisas, por que se afirmar gay? Gente, não me considero realmente gay, embora perceba meus gostos e estilo de vida muito associado ao que se chama de uma cultura gay”*.

Adriana é uma garota de 16 anos. Moradora do Horto Florestal, é estudante de um colégio particular de Salvador. Foi minha aluna durante dois anos seguidos, período em que

pude conversar longamente com ela na sala de aula, nos corredores da escola, através do chat do Facebook e em reuniões em sua casa, local onde fui recebido pela família e tratado como amigo, devido ao carinho que a família percebia em nossa relação.

Nosso primeiro encontro aconteceu na sala de aula, logo após minha primeira aula em sua turma. Ao final da aula que discutimos sobre igualdade e diferença a partir de um texto de Stuart Hall, Adriana pediu para conversar comigo. Acedi, e ficamos conversando ali por algumas dezenas de minutos. Relatou-me seu namoro com Jessica, uma aluna de outra turma no mesmo colégio. As perguntas de Adriana dialogavam com a sua principal angústia na escola. Disse-me que era sempre convidada a assumir uma identidade sexual, e que isso a incomodava bastante, tendo em vista que tudo ainda era bastante confuso em sua cabeça. *“Sou confusa, Caio. Na verdade, eu sou bem certa que ser negra me basta”*.

Negra (como gosta de se afirmar), Adriana exibe cabelos crespos naturais que são sua principal marca, motivo de ser chamada como “a *black*” pelos colegas do colégios, funcionários e professores. Uma vez a questioneei sobre ser lésbica e, me respondeu dessa forma: *“Minha identidade é de mulher negra, Caio. Outra coisa não cabe. Sou mulher negra, isso basta!”*. Essas foram as palavras que mais me marcaram naquele primeiro encontro. Ao longo de dois anos percebi a confusão em diversos momentos da história de vida de Adriana, mas uma certeza ela manteve, a identidade sexual nunca serviu de avatar principal da garota.

Na primeira reunião de pais daquele ano no colégio, a mãe de Adriana me procurou. Queria saber como ia a filha no colégio e disse-me que ela falava muito de mim. Mantive informada sempre do comportamento da filha nos dois anos em que fui seu professor e, em seu aniversário naquele ano, sua mãe, Célia, me ligou e convidou, pedindo que eu fosse fazer uma surpresa. Após a surpresa e já próximo ao final da festa, Célia sentou-se à mesa que eu estava e conversamos longamente sobre Adriana.

Entre tantas preocupações com a filha, Célia disse-me que Adriana era bastante *“doidinha”* e que isso a deixava aflita, mas que ao mesmo tempo entendia que era uma forma fantástica de levar a vida. Em nenhum momento Célia citou algo relativo à sexualidade; tratou de falar sobre a filha como se esta fosse um anjo, sem sexo, apenas com questões profissionais e espirituais para viver e tratar. Embora já soubesse do namoro de Adriana com uma colega do colégio, e de suas incursões em questões de sexualidade, percebia que esse não era um assunto do qual tratavam em família. Entendi o *“doidinha”* como uma expressão conotativa de sua homossexualidade.

Passados alguns meses, em uma apresentação da gincana escolar, enquanto Adriana falava sobre respeito às diferenças sexuais, ouvimos um grito que a convocava assumir seu namoro com Jéssica e assim sua identidade lésbica. *“Se assume, sua lésbica!”*, gritou bem alto uma voz no fundo do auditório. Bastante desconcertada, Adriana pediu licença e encerrou a apresentação. Na saída do evento a procurei e dei uma carona. Adriana estava bastante incomodada com o que considerou como ataque e disse-me que se afirmar lésbica traria problemas para ela. *“Caio, o fato de ser considerada doidinha em minha casa, para minha mãe, é suficiente. Aproveitei desde sempre essa identidade que me deram, e vivo com ela muito*

bem. Embora minha mãe seja bastante legal, ela não suportaria imaginar que eu sou lésbica. Morreria”.

Como seu professor, e eleito melhor amigo, tentava não influenciar em demasia a garota, tendo em vista que minha vontade era insistir para que houvesse uma assunção de sua homossexualidade. Mas estava também deixando acontecer para entender qual seria o problema de Adriana com a sua possível identidade lésbica. Até então, ela nunca havia me narrado o “problema” que poderia ter, no caso da assunção de uma identidade lésbica. Passei então a tentar perceber em seu discurso o quanto havia de uma negação da identidade de lésbica porque isso lhe traria um problema familiar. Mas ainda não estava certo disso. Parecia haver certo estado de confusão ainda na cabeça da moça.

Outro momento marcante foi quando, após esse episódio na escola, Adriana passou a ser constantemente convidada pela psicóloga do colégio para sessões de terapia. Após essas sessões, Adriana sempre me procurava para contar o que havia acontecido. Em uma delas, bastante indignada, ela parecia também bastante lúcida sobre as suas questões de identidade:

“Caio!”, começou bastante incisiva comigo no telefone, “que chato essa perseguição por uma necessidade de afirmação. Inferno! (gritava ao telefone), não gosto de ser taxada de lésbica. Gente, qual o problema nisso. Não sou só lésbica. Se é para tratar dos problemas que sofro na vida, então vamos afirmar muito mais que sou negra, porque é por isso que tenho sofrido desde criança, mas só porque eu beijo uma mulher eu preciso afirmar isso e tratar disso como questão principal, sinto muito, não vou. Não acho necessário. Vai resolver o que? Não há nada para resolver!”

O diálogo desse dia, resumindo na introdução da conversa que Adriana iniciou comigo após sua sessão de terapia com a psicóloga do colégio, quando esta insistiu sobre questões sexuais com ela, fez-me entender que a negação de uma identidade lésbica era resultado da conjugação multifocal de questões.

Saí do colégio no ano seguinte, e ainda hoje acompanho Adriana – hoje muito mais pelas redes sociais. Ao que me parece, suas questões continuam as mesmas.

Robério é um rapaz de 16 anos. Negro, corpo magro e cabeça sem cabelos (devido ao hábito de raspar semanalmente), bastante alto (1,83cm), Robério faz sucesso entre meninas e meninos, seja na boate ou nas redes sociais onde, segundo ele, costuma ter pelo menos umas cinco solicitações de amizade por dia, sem contar as inúmeras cutucadas. Ele sempre me disse que se achava feio, que não sabia de onde vinha tanto sucesso. Falava sempre dessas coisas em tom constante de brincadeira. Mas parecia gostar bastante desse assédio que sofre. E nessa de ser assediado por meninos e meninas, Robério acabava “*aproveitando de tudo*” (referindo-se ao fato de ficar com meninos e com meninas).

Essas primeiras palavras me foram ditas quando o questionei em uma festa na Amsterdam Pop Club. Quando cheguei naquele dia, Robério beijava uma menina. Ao passar por ele ouvi um garoto que estava próximo dizendo: “*mas tá cheio de hétero aqui, hein?*”. Passei então a observar Robério e, logo em seguida, o vi beijando um garoto, com quem ficou até o fim da noite, quando os vi seguindo em direção ao ponto de ônibus.

Naquele dia não tive acesso a Robério, mas assim que cheguei em casa o busquei através do Facebook, não o encontrando, fato que me deixou bastante curioso. Precisei de algumas semanas para encontrá-lo novamente em outra festa na Amsterdam Pop Club e aproveitei a oportunidade de ele ter me pedido um cigarro e perguntei se ele namorava com o garoto que estava todo tempo com ele naquele dia. Ele riu e disse que não. Continuei e perguntei se era então com a garota que o havia visto beijando há algumas semanas. Ele voltou a rir e, como quem já imagina que eu o estivesse paquerando, diz que não namora com ninguém, que estava livre e me questionou se eu queria namorar com ele, completando com um “*mas eu não sou gay, tá?*”. Eu então perguntei, “*ah, você é um hétero que namora com rapazes?*”. Ele rebateu com um “*não sou hétero também*”. Respondi que achava bastante curioso, mas que o entendia. Antes que ele saísse, perguntei seu nome e questionei se ele estava no Facebook e, se estava no grupo da *Brinks!*, da San Sebastian ou da Amsterdam. Robério me respondeu que estava no Facebook, mas que não participava dos grupos “*porque todo mundo vai te associar à viadagem, isso é um saco*”.

Em outros dias de festa encontrei Robério diversas vezes, sempre com o mesmo comportamento, ficava com meninos, ficava com meninas. Às vezes só com um ou outro. Em uma conversa no *chat* do Facebook afirmei que talvez ele fosse bissexual, questionei com a intenção de saber o que ele achava, se caberia essa identidade. E ele me respondeu: “*Caio, esses rótulos para mim só atrapalham*”, questionei o motivo e ele me disse, “*por que ter que dizer que sou isso ou aquilo? Por quê? Em que isso vai mudar alguma coisa?*”, eu concordei com ele, mas enfatizei que nada poderia mudar, ou tudo, era só uma questão de gosto. Robério então me disse:

“Caio, esses rótulos só se atrapalham, sabe por quê? Pois se eu afirmo que sou gay, meninas, que eu gosto de ficar também, não querem mais ficar comigo, e eu vou ter que ter comportamentos de gay. Muito limitado. Se eu afirmo que sou hétero, como poderei ficar com garotos? Se eu afirmo que sou bissexual, também não me agrada, você conhece algum bissexual? As pessoas respeitam? Então, velho, deixa eu ser, sei lá, o que eu quiser... eu acho chato demais isso. Ninguém nunca me perguntou nada aqui, saca? E todo mundo me vê ficando com todo mundo”.

Tanto Rafael quanto Adriana e Robério não querem uma vinculação à identidade sexual fixa, seja lésbica, gay, heterossexual ou bissexual. Por caminhos (e motivos) diferentes, há nos três uma recusa à identificação marcadamente sexual. Uma tentativa de quebra da associação entre práticas homossexuais, estilo de vida gay e identidade.

Essa característica comum, tanto dos três como dos interlocutores das cenas 1 e 2 pode ser compreendida se entendemos que a identidade não se fixa em um único padrão. Assim, Stuart Hall (2006) coloca que, mesmo dentro de uma categoria circunscrita, podemos entender identidade a partir do seu caráter mais abrangente e explicativo, qual seja, o fato de serem processuais. Sendo processuais e não fixas, Rafael, Adriana e Robério estariam vinculados a essa assertiva. Vivendo processos de identificações distintos que não estariam vinculados a uma normatização, via de regra, identitária³⁹.

Hall sugere que mesmo que a noção de identidade esteja relacionada a “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, estes não são referenciais suficientes, não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro” (HALL, 2006, p. 45). Esta é uma formulação fundamental, porque nos leva à consideração de que as identidades só podem ser vislumbradas no que têm a dizer – sobre si e sobre o seu outro, na relação com o outro.

Isso talvez explique, por exemplo, a angústia vivida por Adriana quando era constante convocada a se assumir lésbica perante os demais. A prática explícita dela não era suficiente, era preciso separar os gays, as lésbicas dos heterossexuais, e essa era uma divisão que a incomodava muito, claro, por diversos motivos diferentes, mas havia o incômodo. Em verdade, tanto Adriana como Robério e Rafael, faziam parte desse movimento onde a identidade era muito mais vista pela perspectiva do outro do que de si próprio.

Hall (2006) nos convida a pensar sobre o papel da tecnologia para o círculo das identidades tácitas, apresentando o impacto da globalização na modificação das identidades culturais nacionais, de gênero, etnia e ração. Isso tem levado a um fenômeno característico da contemporaneidade na medida em que os avanços da globalização vêm fragmentando as regulações culturais das identidades a ponto do surgimento do que ele chama de uma crise de identidade. Giddens, em seu livro *Modernidade e identidade*, chega a afirmar que a “a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (GIDDENS, 2002, p. 09). É essa forma de alteração rápida e incontrolável do meio social cotidiano que concretiza a ideia de que quando se altera os aspectos individuais há, também, a fragmentação das identidades que outrora eram estáveis. Nesse sentido, quando Giddens verifica as questões da globalização, nos mostra o caminho para entender as influências e interferências na/para identidade que a modernidade intensifica.

Se pensarmos nossa contemporaneidade, marcada pelas mudanças constantes, podemos inferir que as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Portanto, o que está em questão é a mudança de perspectiva que, primeiro acreditava, ser o sujeito dotado de uma identidade fixa e unificada, para o sujeito pós-moderno, que em sua perspectiva, o sujeito não possui uma identidade

³⁹ No caso de Adriana a afirmação identitária seria afirmativa, só que a partir da noção de “mulher negra”

unificada, fixa, e essencial, mas, torna-se fragmentado; sua composição se dá através de várias identidades que são muitas vezes contraditórias

Conforme afirma Stuart Hall:

O sujeito contemporâneo assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, 197).

Essa fantasia foi vastamente demonstrada a partir da visibilidade e participação de categorias como mulheres, negros, homossexuais e jovens em movimentos de afirmação e reivindicação de direitos desde meados do século passado. Essas questões reivindicatórias contribuíram para inserir temas e grupos inéditos no debate político, lançando na arena institucional tópicos que em épocas anteriores sequer seriam cogitados (PRATES, Adriana. 2000, p. 34).

Paralelo às questões políticas de cunho institucional, modos de vida produzem efeitos políticos no cotidiano. Nesse contexto, a constante visibilidade de categorias como as acima citadas (mulheres, negros, homossexuais e jovens) nos ajuda a compreender as diversas transformações e conservações (continuidades e rupturas) políticas e sociais que o mundo contemporâneo tece. A reconfiguração da paisagem sócio espacial de cidades no Brasil dos últimos anos, nos convida a pensar certa colonização e recomposição dos espaços públicos.

A partir dessas colonizações e recomposições, podemos, a partir da temática identitária, pensar as transformações ocorridas na sociedade brasileira do novo milênio. As identidades na sociedade pós-moderna não mais se configuram em função de padrões rígidos, como ocorria anteriormente (GIDDENS, 2002). O indivíduo situado na sociedade industrial onde, ao menos teoricamente, pode chegar a qualquer lugar, é levado a negociar opções de estilo de vida. Segundo Stuart Hall (2006), somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece-nos possível fazer escolhas, como se estivéssemos dentro de um supermercado cultural de identidades onde, a partir do consumo, que marca as sociedades contemporâneas, pudéssemos escolher qual identidade utilizar em cada momento, o que as torna caracteristicamente contextuais.

O sentimento de se sentir obrigada a se afirmar lésbica (ou gay), como em vários momentos me narrou Adriana, passa por um histórico processo de desenvolvimento de lutas sociais vinculadas às questões sexuais e de gênero. Nesse processo é que a afirmação de que existiria uma "essência" homossexual passa a ser uma ferramenta para cunharem um sentido de si pelos indivíduos que vivem relações afetivas e sexuais diferentes das heterossexuais. Para isso, não são as características biológicas que determinam homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, mas sim, como essas características são representadas na contemporaneidade,

e utilizadas como marcas definidoras das identidades de gênero e sexuais. Correntes teóricas americanas tendem a trabalhar com a ideia de uma essência homossexual vinculada a uma biologização da questão. Já outras correntes de pensamento tenderam a negar essa ideia (ABRAMOVAY, 2004). Para o historiador e sociólogo Jeffrey Weeks (1989), “estamos cada vez mais conscientes de que a sexualidade é tanto um produto da linguagem e da cultura, quanto da natureza”; não sendo, portanto, “partes 'essenciais' de nossa personalidade” (2001, p. 70). Questionando, desse modo, os pressupostos de uma essência homossexual.

A filósofa Judith Butler, um dos expoentes dos Estudos *Queer* acredita que,

[...] o próprio conceito de natureza precisa ser repensado, pois o conceito de natureza tem uma história e a descrição da natureza como uma página em branco e sem vida, como aquilo que está, por assim dizer, quase sempre morto, é decididamente moderna, vinculada talvez à emergência dos meios tecnológicos de dominação (BUTLER, 2004, 247).

Já para Foucault (1979), a “biologização” das identidades de gênero e sexuais emerge com a corporificação biológica dos “desejos sexuais” ocorrido, principalmente, na instituição médica:

Ela [forma de poder] implica uma aproximação física e um jogo de sensações intensas, de que a medicalização do insólito sexual é ao mesmo tempo efeito e instrumento. Engajadas no corpo, transformadas em caráter profundo dos indivíduos, as extravagâncias sexuais sobrepõem-se à tecnologia da saúde e do antológico. E, inversamente, a partir do momento em que passam a ser 'coisa' médica ou medicalizável, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidas no fundo do organismo ou sobre a superfície da pele ou entre todos os signos do comportamento (FOUCAULT, 1979, p. 200).

Segundo Foucault (2002, p.167), “a carne é o que se nomeia, a carne é aquilo que se fala, a carne é o que se diz”. Para Butler (2004, p. 87), a constituição de nossa existência carrega desejos que não são originais em nossa essência, mas performativamente construídos; sendo a performatividade de Butler “uma prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”.

Para os antropólogos Peter Fry e Edward MacRae desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Perceber-se homossexual, e buscar compreender os desejos homossexuais que o indivíduo singular sente em sua realidade, pode ser entendido como uma prática do reconhecimento de si, segundo uma identidade contemporânea e segundo desejos contemporâneos – disponíveis discursivamente em nossa sociedade. Ortega (1999), falando sobre o pensamento de Foucault, diz que “o indivíduo possui a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar e constituir para si uma forma desejada de existência”.

Embora as práticas homoeróticas façam parte da configuração das festas, há nesses espaços – seja o virtual ou físico – o acionar de práticas que trazem em si apelos muito mais

ligados a uma vontade/necessidade de consumir os espaços não por suas identidades sexuais – que não fazem tanto sentido quando do ‘porquê’ desses jovens frequentarem esses espaços. Esta observação nos remete diretamente às concepções tanto de Anthony Giddens (2002), de que o caráter processual está diretamente ligado ao fato da identidade ser uma categoria discursiva, já que “o discurso é um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos” (GIDDENS, 2002, p. 78), como a composição teórica de Stuart Hall, que a percebe como contextual. Porém, o que me convida a pensar sobre as identidades sexuais e a configuração das novas gerações num Brasil dividido entre práticas sexuais dissidentes e não dissidentes, são as implicações de uma não afirmação identitária. A fluidez dessas categorias de identificação.

Desde o momento de emergência do movimento homossexual que esta identidade vem sendo construída, inventada, investida, constituída. Para Woodward (2000) “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, sendo que esta marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2000, p. 45). É bastante polêmico implodir as identidades sexuais, muito embora os Estudos *Queer* já tenham trazido à baila essas questões através de apontamentos teóricos. O que nos chama atenção é o que a realidade social produz de verdades e como essas verdades recompõe tanto os espaços públicos como os imaginários sociais.

A Juventude que não se afirma gay

As falas destacadas da **Cena 2**, e as principais colocações de Rafael, Robério e Adriana, nos convidam a pensar o lugar da identidade nas narrativas desses adolescentes do novo século. A vida, sendo tecida numa trama de relações que se constituem no decorrer do tempo, não permite ao conceito de identidade ter como característica isolamento, fixação, estabilidade ou dualismo. Enquanto a modernidade tentou tornar a identidade estável, assim como um relógio e todas as suas estruturas fixas e movimentos previsíveis, a contemporaneidade convida-nos a pensar as identidades por outro viés, mais fluído, indeterminado, contingencial.

Não é só o fato de não querer se associar a uma identidade gay (e com isso todos os problemas e marginalizações sofridas por essa identificação) que faz Rafael querer fugir ao que ele chama de *rótulo de militante radical*. Outras questões tão emblemáticas estão por volta dessa negação também, como por exemplo, o fato de embora tendo uma prática homossexual, não consegue dialogar com o estilo de vida criado em torno da identidade gay. Rafael me narrara que odiava as divas pop internacionais, mas que essa era uma marca da identidade gay e, que ele nunca conseguira se vê identificado.

Adriana, do mesmo modo, tendo em vista o medo de causar problemas em casa se afirmando lésbica, dizia que a sua identidade de mulher negra era muito maior do que qualquer outra coisa. Havia em Adriana uma identificação com aquilo que ela sentira diretamente, “*na carne*”, como me foi dito diversas vezes: “*meu problema maior é ser negra. Isso dói, isso*

machuca. Sofro com isso, com outras coisas não". Fato que marcava seu comportamento frente ao uso de identidades sociais.

Já Robério, marcado pelo que o classificariam como bissexual, via na identificação, seja enquanto tal ou enquanto homo ou heterossexual, um aprisionamento, já que "*as pessoas não entendem que você pode sentir várias coisas e não uma só*", como me narrou.

Essas são todas características dos usos da identidade na contemporaneidade. Para Alberto Melucci (1997) nossa identidade pode ser pensada a partir de quatro pólos, sendo eles: a identificação que nós operamos, a identificação por parte dos outros, a diferença como nós afirmamos, e a diferença como nos é reconhecida pelos outros. Desse modo, sugere o autor, ninguém consegue construir sua identidade sozinho, independente de um olhar de outro. Lembrando-nos o que afirma Stuart Hall (2006) quando concebe a identidade como contextual. Durante o campo, e a partir do referencial de Hall, me questionava se esses posicionamentos dos interlocutores da pesquisa não estariam sombreados por essa contextualidade exacerbada, de modo que não pudesse pensar em novidade no âmbito das homo identidades. Porém, ao perceber em Melucci (1997) a ideia de que a identidade é, antes de tudo, uma aprendizagem constante que liga continuidade e mudança, estabelecendo entre ambas um processo relacional que distingue e une o indivíduo, eu ia dando conta dessa contingencialidade e desse criativo não reconhecimento identitário.

Pensando essas considerações em conjunto com os efeitos de viver num mundo globalizado, é possível pensar que a socialização entre os jovens e com estes, produzida em ambientes diversos, onde as trocas culturais criam novos estilos de se vincular ao mundo, de decidir e de enfrentar os problemas. Ou seja, ampliam-se as possibilidades de reconhecimento ou a negação de outros reconhecimentos exteriores, pautados em uma hetero-identidade, como afirma Cuche (2002). A afirmação de que "*não me vejo como lésbica*" ou "*não me vejo como gay*" remete a um mundo de coisas que não faz mais sentido, por exemplo, a uma geração que faz do cu objeto de prazer, mas que não consegue se vê em um estilo de vida homossexual.

Podemos perceber através das falas desses jovens, e até mesmo de seus comportamentos, como demonstrado na **Cena 1**, que os múltiplos pertencimentos dos sujeitos estruturam a identidade, tanto individual quanto coletiva e, como diz Melucci (1997), a identidade se constrói a partir de experiências comuns que se confrontam. O processo de identificação não é estático e ocorre num mundo marcado pela complexidade no qual, constantemente, precisa-se fazer escolhas, reduzir as possibilidades e, conseqüentemente, aumentar a incerteza.

A identidade é construída a partir de um processo de negociação (FRANÇA, 2006) constante cujo desafio é viver tecendo a trama da continuidade. Se a certeza escapa, a necessidade de se tornar reflexivo torna o presente um momento de máximo encanto, em que a identidade se faz aqui e agora e na experiência. Não se ver gay ou lésbica faz parte dessa experiência de mundo em que as necessidades históricas são paralelas a tantas outras e que o passado, uma vez construído o presente, talvez não sirva de parâmetro para gramáticas existenciais que não foram, pelo passado, conformadas.

Para Giddens (2002), cada vez mais precisamos tomar conta de nossas próprias vidas, o que envolve risco, porque temos que enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. Ele afirma que,

o indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos (GIDDENS, 2002, P. 72).

Marília Sposito (1997) ao relacionar a juventude e construção de identidade considera o momento da juventude como sendo um dos momentos mais ricos em manifestações de sociabilidade. As formas grupais fluidas mais expressivas do que a lógica racional-instrumental voltada para um fim imediato. Ela ainda salienta que a importância que é perceber como os jovens ocupam diversos espaços na cidade, agrupando-se e redefinindo constantemente sua identidade. Sendo assim, a música, a poesia, o teatro, a dança, centralizam os interesses dos jovens como formas grupais que vão além do fazer parte de um grupo por interesses comuns. É, sim, condição para reconhecer o sentido daquilo que fazem. No grupo, afirmam o que são a partir do reconhecimento do outro.

Como tenho afirmado, é a música (e a “noite”) que mobiliza esses encontros (e desencontros), muito mais que práticas dissidentes de sexualidade. Entretanto, para os jovens pesquisados, o grupo é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significando uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a autoestima e os coloca na cena pública, exercendo várias identidades, mas não uma só, como aprioristicamente parecia supor. O caráter poroso das identidades na contemporaneidade é que parecer dar o tom das constituições das práticas desses jovens.

Adotar os rótulos ou identidade gay e/ou lésbica pode também significar estar posicionado de forma desigual na hierarquia de sexualidade e gêneros. Obviamente, a questão dos privilégios é central aqui. Porém, há que se levar em consideração a inflexão na atuação da identidade quem de fora no contexto desses jovens, que por mais que estivessem rotulados através do imaginário social de dissidentes sexuais, conseguem subverter essas regras identitárias até mesmo com um balançar de ombros que fica entre o sim e o não, mas não é nada.

Rafael, Robério e Adriana, com suas angústias, preconceitos e confusão, podem ser o retrato desse novo modelo de jovens que questiona essas identidades que não contemplam as esferas importantes de suas vidas. Isso deixa claro o local da homossexualidade hoje em nossa sociedade. De espaço de lutas e afirmações necessárias sobretudo pela sobrevivência digna e respeitosa à um espaço já conquistado, é claro, com todos os problemas que sabemos existente, mas como possibilidade de escolha.

Considerações finais

Como afirmei desde o início, as experiências dos meus interlocutores remetiam às minhas experiências enquanto gay, seja no processo de autoconhecimento, através das experiências na escola, na família, no dia-a-dia da rua, nos relacionamentos, ou na própria familiarização com as questões da sexualidade. Perceber nos adolescentes que contribuíram para este trabalho uma conjugação de angústias, expectativas e experiências só fez ajudar ainda mais na caracterização dos temas que optei por trabalhar. Além da construção e formato do texto, essas singularidades me ajudaram na produção das análises tendo em vista que este é um trabalho de inspiração auto etnográfica. Minha experiência de vida dialogou em constantes linhas com as dos meus principais interlocutores.

Nesses encontros tive oportunidade de relativizar os pontos de vistas dos meus interlocutores e das minhas interlocutoras, compreendendo com mais singularidade os seus locais de falas e atitudes. Isso ajudou também frente aos encontros de questões pessoais.

Curioso que, enquanto fazia o campo de pesquisa, nas idas e vindas à boates, e na conectividade *online* do mundo virtual, minhas próprias experiências serviam de baliza para a produção deste material. Findado o campo e estando mais atento ao que seria produzido analiticamente a partir do material “experenciado” nos mais de dezoito meses de imersão no contexto da pesquisa, algumas questões me foram colocadas de forma incisiva. Todas elas a partir da minha própria experiência, mas que dialogam com as experiências de gays e lésbicas em todo o Brasil. Trata-se, além de questões na minha própria família e, da visibilidade que a questão da violência homofóbica tomou nos últimos anos no país, da institucionalização de disputas políticas que tendem a tirar ou negar direitos a essa parcela da população. Situações de negação de direitos já conquistados ou a conquistar. Além, é claro, da visível violência não só simbólica, mas física, que estampa noticiários e redes sociais no dia-a-dia do brasileiro.

Mais de perto, em 2014, me vi envolvido com uma questão familiar bastante tensa. Um primo de dezesseis anos teve sua homossexualidade revelada e debatida publicamente entre os familiares e pessoas do círculo mais próximo a este. Quando da revelação, a resposta imediata de sua família (pai e mãe) foi bastante negativa; ele apanhou, foi humilhado em redes sociais e expulso de casa. Tudo isso acontecendo no andar de cima da minha casa. Tratava-se do meu primo e vizinho.

Meus familiares diretos (pai, mãe e irmãos) assistiram junto comigo a essa violência. Meu pai me surpreendeu pelo fato de não ter sido apenas um expectador dessa celeuma. Tentou junto ao pai do meu primo amenizar a situação e (não sei de que forma ou com que palavras) convencê-lo de que a violência não era o melhor caminho. Fiquei sabendo através de meu pai que essa foi a tônica da conversa que tiveram em particular. Minha mãe tentou pelas mesmas vias um diálogo, mas confessa que foi complicado, de modo que, assim como eu, ela focou os esforços na ajuda imediata ao garoto, gay, violentando física e simbolicamente por seus familiares.

Ainda em 2014, vivi o luto da perda de um jovem amigo, assassinado em plena luz do dia na cidade do Recife, tendo como principal motor para o assassinato, segundo a polícia, a homofobia. Nessas duas situações distintas, mas de total violência por questões de homossexualidade, estive bastante envolvido e, nas duas, me vi emocionalmente abalado. Quando seguidamente aconteceram, eu estava pronto para iniciar a escrita analítica deste trabalho, onde o ponto de partida esteve todo tempo baseado num novo momento histórico que estaríamos vivendo. Momento histórico classificado como sendo marcado por uma maior abertura de possibilidades e experiências no campo das sexualidades (PELUCIO; SOUZA, MAGALHÃE; SABATINE, 2012; MACRAE, 2014). Com situações como estas acontecendo tão próximas a mim, coloquei-me, então, a seguinte questão: que abertura é essa que ao mesmo tempo em que libera, persegue? Que ao mesmo tempo em que possibilita, mata, tira as possibilidades?

As duas situações indicadas não apenas me abalaram emocionalmente, obviamente, mas estão implicadas na defesa que tendo a fazer, por exemplo, a partir das experiências de vida que apresentei nesse trabalho. Do surgimento de espaços de festas para jovens não-heterossexuais às possibilidades de vivenciar a (homo)sexualidade no contexto familiar e, até mesmo, na negação ou não apropriação de uma identidade homossexual, longe dos ditames das normas sexuais. Essas situações que foram desenhadas por meus interlocutores e minhas interlocutoras e apresentadas nesta dissertação contradizem contextos de violência exacerbadas como as vividas pelas duas pessoas citadas e que são próximas de mim. Foram essas contradições que me chamavam atenção à todo momento a partir da escrita. Os questionamentos eram sempre os mesmos: como podemos pensar/falar de abertura quando ainda temos tantos casos de apresentam outros lados desagradáveis no que tangencia aspectos da sexualidade no Brasil contemporâneo.

Acreditar que toda mudança gera resistência talvez fosse o primeiro passo para continuar seguindo com a escrita analítica desta dissertação. Foi o que fiz. Continuei a perseguir – agora através dos diários de campo –, o percurso de vida dos e das interlocutoras deste projeto, além é claro, da minha própria experiência e vida. Pude então perceber que, embora com uma resistência enorme, minha experiência de vida e o material produzido com meus interlocutores e interlocutoras de pesquisa traziam o novo em cada situação vivida. Estaríamos de fato vivendo esse novo e, entender as resistências como a contrapartida da liberdade, seria um dos caminhos para entender os próprios conflitos sociais, cheio de rasuras e longe de linearidades.

Oliveira (*apud* ERIBON, 2008) acredita que “o tamanho da resistência (se pudesse ser medida) às questões da homossexualidade está relacionada à perda de exclusividade sobre privilégios e marcadores de *status* que assinalam e confirmam a posição de superioridade da conduta heterossexual, logo o caminho seria resistir para garantir privilégios”. Essa é uma leitura possível.

Instituições como a família, a escola e a religião vivem hoje processo de amadurecimento de práticas que estão na contramão dos seus símbolos e fazeres mais concretos. Tudo que era sólido parece desmanchar no ar. Desse modo, parece ser a resistência a esses

novos símbolos e práticas o caminho, que na realidade da vida cotidiana, do dia-a-dia, se materializam na violência ainda sofrida por gays, lésbicas, pessoas Trans e os ambíguos. Vivemos, na realidade, uma reestruturação social (GIDDENS, 2002).

A família enquanto um local de disputas diversas, onde os acordos passam pela construção da afetividade e, onde os discursos religiosos e conservadores de todos os tipos muitas vezes servem-se de base, estão, de fato, sendo reestruturadas com bases outras. Claro, respeitadas todas as exceções, como no caso da família do meu primo que o expulsou de casa, e tantas outras que temos visto relatos e exposição midiática e nas redes sociais onde a resistências aos novos modelos de se viver a sexualidade são apresentadas a base de bastante violência. Mas são de famílias como a dos meninos Felipe e Adrian, que nosso cotidiano tem sido também visitado, produzido. Histórias de aceitação e possibilidades tem sido gradativamente mais expressivas, felizmente. É interessante e feliz perceber que hoje estamos vivendo a construção de um novo cenário. Cenário esse cuja lógica é sugestiva da constituição de outras formações ideológicas que articulam “família” e “orientação sexual”.

Não é preciso ficar 24 horas conectados nas redes sociais para ter acesso a um grande número de compartilhamento de vídeos postados muitas vezes por familiares de jovens que em situações bastante peculiares do dia-a-dia expõe comportamentos pouco heteronormativos. Além, também, do compartilhamento pessoal de vídeos e fotos – ou outras publicações -, de crianças e adolescentes em situações longe da norma hegemônica. A partir de outros fazeres descolonizados, por assim dizer. Aliás, foi o recurso às redes sociais que me ajudou de forma bastante formidavelmente a captar dados desse tipo para análise de mudanças comportamentais no seio da família.

É também através das redes sociais, que identidades são construídas e reconstruídas cotidianamente, através dos embates entre jovens em grupos e, através, da percepção de que outras formas de identificação são possíveis. O questionamento dos rótulos sexuais que apontei no capítulo 3, reflete a negociação de fronteiras de diferenças, e a forma como esses jovens questionam os limites da sexualidade para construir identidades como pessoas “normais” (COLEMAN-FOUTAIN, 2014, p. 12).

As *matinês*, ou festas *teen* como o mercado paulista costuma chamar, são reflexo desse conjunto de mudanças. Dessas inúmeras possibilidades de vivenciar a sexualidade desde a adolescência como só mais um elemento da vida juvenil. Estando na festa, os adolescentes, comigo, não pareciam está em outro mundo, mas num mundo de possibilidades que extrapolam fronteiras e borram o seus cotidianos espaciais e existências. O lúdico se confunde com diversos aspectos de suas vidas que estão fora da festa, mas que a produzem e que ao ecoar dessas produções – assim como a ação -, se perdem na razão a que foram conferidos. São imprevisíveis, por isso, ganham formas e dimensões outras.

Passado já um ano desde a última festa que serviu de material para este trabalho, acredito que vivemos agora outro momento destas. Elas parecem perder força gradativamente e ganhar as ruas, o que já desenha mais nitidamente as mudanças que tanto afirmei ao longo de todas essas páginas. O Luau de Vilas e o de Humaitá, que aconteciam algumas vezes e, os quais, eu

não optei por não contemplar neste trabalho, tem ganhado cada vez mais edições. O que nos convida a, talvez, redirecionar a pesquisa com jovens não mais para espaços comerciais de consumo, mas para espaços públicos como fez Perilo (2012) em Goiânia.

Para finalizar é bom salientar, como fiz na apresentação, que a diversidade sexual encontra-se na ordem do dia. Ainda em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal, em julgamento histórico, reconheceu a legitimidade da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Os ministros do STF emitiram parecer favorável sobre duas ações que denunciavam a negação da proteção jurídica a tais uniões como prática inconstitucional, violação de preceitos fundamentais. Após cerca de 20 dias, a Presidente Dilma Rousseff vetou a distribuição em escolas públicas pelo MEC de materiais pedagógicos voltados ao combate do preconceito e da discriminação sexual. O “Kit anti-homofobia” foi suspenso em meio a tensos debates políticos nos quais a bancada evangélica e lideranças religiosas participaram ativamente, e foi justificada com o argumento de que o governo federal não faria “propaganda” de “opções” sexuais (OLIVEIRA, 2013).

Estes dois acontecimentos públicos podem ser tomados como exemplos que apontariam para uma paisagem bastante turva de mudanças em que vivemos hoje, onde demandas por reconhecimento das chamadas minorias sexuais suscitam controvérsias e relações de poder, perpassando as esferas do legislativo, executivo e judiciário, sendo divulgadas pelos veículos de comunicação de massa e gerando repercussões diversas sobre a vida das pessoas.

Como afirmei, são mudanças que vêm se delineando gradativamente ao longo das últimas décadas. Assistimos desde os anos 1990 um crescimento significativo na visibilidade de gays, lésbicas, bissexuais e travestis no Brasil. A maior visibilização da diversidade sexual tem relação com uma série de fatores históricos, como os impactos que a epidemia de AIDS teve no Brasil, favorecendo o debate público sobre questões sexualidade e, ao mesmo tempo, uma maior mobilização do movimento homossexual (que hoje se apresenta como movimento “LGBT”).

Como salientou Oliveira (2013),

A homofobia também é um tema que tem recebido bastante atenção na cena contemporânea, cuja construção enquanto um “problema” no Brasil se deu a partir de debates sobre a “violência contra homossexuais”, focalizando de início especialmente a violência letal, mas caminhando gradativamente em direção a outras formas de agressão e discriminação. Poderíamos sugerir que este cenário amplia o repertório das posições de sujeito oferecidas aos indivíduos – processo que, muito possivelmente, aumenta a chance de que tensões decorrentes do exercício de posições contraditórias sejam sentidas pelos indivíduos (OLIVEIRA, 2013).

Entre passado e presente, compartilhamos de histórias de vidas similares, e o que antes era luta hoje passeia na possibilidade de ser entendido como brincadeira, afinal, esses jovens brincam ou não de ser gay? Eu acredito muito que não existe uma resposta única, mas que esses jovens hoje têm a POSSIBILIDADE de escolha. Brinca-se, ou não de ser gay. O interessante é que existe o mundo de possibilidades.

Referencias

Abramovay, Miriam, Mary Garcia Castro, and Lorena Bernadete da SILVA. "Juventudes e sexualidade." Brasília: Edições UNESCO Brasil (2004).

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Os festejos de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas. São Paulo: USP, 2008 (Tese de doutorado).

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanço e perspectivas. São Paulo em perspectiva. n. 15, São Paulo, 2001.

BOZON, Michel. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Butler, Judith. "Gender regulations." Cadernos Pagu 42 (2004): 249-274.

CARLSON, Marvin. Performance: uma introdução crítica. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2009.

CARVALHO, Marília Gomes de; ADELMAN, Miriam; ROCHA, Cristina Tavares da Costa. Apresentação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 123-130, 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. A festa em perspectiva antropológica : carnaval e os folguedos do boi no Brasil. (Extraído de Artelogie) Acesso em 24 de abril de 2015. Disponível em << <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article183> >>

CERQUEIRA, Caio. "Pelo amor de Rogéria!": observações sobre a representação homossexual na novela Beleza pura. Texto publicado nos Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Natal - RN. 2010.

_____. Entre passado e presente: sexualidade na Bahia em 1990 e nos dias atuais. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), 2014. Rio Grande – RS.

COLEMAN-FOUTAIN, Edmund. Lesbian and gay youth and the question of labels. Sexualities, n. 7, v.17, 2014. p. 802 – 817.

COLLING, Leandro. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: _____. Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. p. 7 – 20. (Coleção CULT n. 9)

_____. A igualdade não faz o meu gênero – em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. Texto apresentado no II Curso de Introdução à Política e Teoria Queer, realizado de 23 a 27 de janeiro 2012, na Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.

CUCHE, Denys. "A noção de cultura nas ciências sociais.." Vila Nova, Sebastião Ciência & Trópico 28.2 (2011).

DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ERIBON, Didier. A fuga para cidade. In: _____. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. Mesa 1. In: COLLING, Leandro. Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. p. 175 - 197. (Coleção CULT n. 9)

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. Vigiar e punir. Leya, 1979.

FRANÇA, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: aproximação entre mercado GLS e Movimento GLBT em São Paulo. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 289 – 311, jul./de. 2007.

_____. Sobre guetos e rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. Cadernos Pagu, 2007, p. 227 – 256.

_____. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2010; Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRY, Peter. Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GARCIA, Wilton. Diversidade sexual no documentário brasileiro: estudos contemporâneos. Bagoas, n.5, 2010. p. 149 – 166.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 224 p. Tradução Plínio Dentzien.

GOHN, Maria da Glória. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. 4ª edição, São Paulo: edições Loyola, 2001.

GREEN, James. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cassio Arantes Leite. Editora UNESP: São Paulo, 2000. 541 p.

GROSSI, Mirian Pilar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GROSSI, Mirian Pilar. Gênero e Parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. Cadernos Pagu. Campinas: UNICAMP, n. 21, 2003.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O Homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HEILBORN, Maria. *Et alii* (org.) Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LÉVY, Pierre. 1999. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

_____. 1999. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.

MACRAE, Edward. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, Leandro. Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. (Coleção CULT n.9)

_____. Sexualidade na atualidade. Salvador, 2014. Roda de Conversa na Universidade.

MANNHEIN, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (org.), Karl Mannheim: *Sociologia*, São Paulo, Ática, pp. 67-95. Tradução: Cláudio Marcondes

MARCUS, George & CLIFFORD, James. *Writing Culture*. The poetics and politics of Ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.

MECCIA, Ernesto. La cuestión gay: um enfoque sociológico. 1ª edição, Gran Aldea Editores: Buenos Aires, 2006. v. 1, 197 p.

Melucci, Alberto. "Juventude tempo e movimentos sociais." (1997).

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual. In: COLLING, Leandro. Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. p. 37 - 56 - 20. (Coleção CULT n. 9)

MASSEY, Doren. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2008.

MOTT, Luiz. Mesa 1. In: COLLING, Leandro. Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011. p. 175 - 197. (Coleção CULT n. 9)

NATIVIDADE, Marcelo & OLIVEIRA, Leandro. God „Transforms“ or God „Accepts“? Dilemmas of the Construction of Identity Among LGBT Evangelicals. *VIBRANT: Virtual Brazilian Anthropologist*. Associação Brasileira de Antropologia, vol. 7 n. 1, pp. 132-156, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo; GOMES, Edlaine de Campos. Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade. *Religião e Sociedade*, v. 26, n. 2, p. 41-58, 2006.

OLIVEIRA, Leandro de. 2013. Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo. Tese de Doutorado, PPGAS-MN-UFRJ.

ORTEGA Y GASSET, J. La idea de las generaciones: El tema de nuestro tiempo, *Obras completas*, Vol. 3, Madri: Revista de Occidente, pp. 145-156, 1966.

PERILO, Marcelo. Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2012. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Rodrigues Souza.

PELUCIO, Larissa; SOUZA, Luis Antonio Francisco; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de; SABATINE, Tiago Teixeira (org.) *Olhares Plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Oficina Univesitária. São Paulo, Cultura Academica, 2012. 184 p.

PEREZ, Léa Freitas. Por uma antropologia da festa: reflexões sobre o perspectivismo festivo. Simpósio “Festa: em perspectiva e como perspectiva”. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, Pernambuco, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação na experiência de imigrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, n. 11, 2008.

REIS, Ramon. Encontros e desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaço de sociabilidade homossexual de Belém, Pará / Dissertação de mestrado; orientadora, Cristina Donza Cancela. - 2012.

RIBEIRO, Milton. Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de São Paulo. Dissertação de mestrado; orientadora, Carmem Izabel Rodrigues, 2012.

SAGGESE, Gustavo. Homossexualidade masculina, geração e família: considerações sobre dois campos. Texto apresentado no VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 2012.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. 2009. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias no coming out de homens homossexuais. Dissertação de Mestrado, IMSUERJ.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 196p. _____ . Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre

jovens no centro de São Paulo. In: Colling, Leandro (org.). Stonewall 40+ o que no Brasil? EDUFBA, 2011, p. 157 – 174.

_____ et al. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero e sexualidade e sociabilidade juvenil em São Paulo. Cadernos Pagu. n.35, Jul./Dez. 2010.

SPRY, Tami. Performing autoethnography: An embodied methodological. Praxis Qualitative Inquiry, n.7, 706-732, 2001.

TOURAINÉ, Alan. O mundo das mulheres. Tradução de Francisco Morás – Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

TREVISAN, João Silvério Trevisan. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 7ª ed. Revista e ampliada, Record: Rio de Janeiro, 2007. 586 p.

WALL, Sarah. An Autoethnography on Learning about Autoethnography. International Journal of Qualitative Methods. Volume 5, n. 2, junho 2006.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo horizonte: Autêntica, 1999. P. 35-82.

WESTON, Kath. Families We Choose: lesbians, gays, kinship. New York: Columbia University Press, 1997.

Woodward, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual." Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes (2000): 7-72.